

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ DE MACEDO DUARTE

MEMORIAL DESCRITIVO

CURITIBA
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉ DE MACEDO DUARTE

MEMORIAL DESCRITIVO

Memorial descritivo submetido à Comissão Permanente de Pessoal Docente, como requisito parcial necessário para promoção ao nível de Professor Titular do Departamento de Filosofia do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
2018

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Apresentação | 4 |
| 1.Formação acadêmica: Ensino Médio, Graduação, Mestrado e Doutorado | 6 |
| 2.Chegada à UFPR: atividades de ensino, pesquisa e extensão | 17 |
| 3.Coordenação de Curso de Graduação, de Programa de Pós-Graduação e demais atividades administrativas | 20 |
| 4.Coordenação de Projetos de Pesquisa, Atividades de Pós-Doutoramento e liderança de Grupos de Pesquisa: trajetória intelectual na UFPR | 21 |
| 5.Participação em bancas de concursos, de mestrado e de doutorado, atividades editoriais e de avaliação da produção intelectual | 42 |
| 6.Organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino e extensão e apresentação de palestras em eventos científicos..... | 43 |
| 7.Conclusão | 45 |
| Anexo: Currículo Lattes | |

Apresentação

Este Memorial Descritivo segue as orientações previstas na Resolução 10/14 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFPR (CEPE), porém, advirto que ele assim o faz tomando certa liberdade. A exemplo de outros colegas desta instituição universitária, considero que o aspecto central deste Memorial Descritivo não se atém apenas à enumeração do conjunto de atividades acadêmicas e administrativas cumpridas ao longo de meus vinte anos como docente da UFPR. De fato, tais atividades já se encontram elencadas em meu currículo, anexo a este Memorial, e já foram previamente avaliadas pelas instâncias universitárias pertinentes, em conformidade com o disposto no artigo 12, incisos III e IV da Resolução 10/14 do CEPE. Assim, penso que o essencial deste Memorial Descritivo diz respeito à exposição de minha trajetória intelectual, aspecto ao qual dedicarei maior atenção nas páginas que seguem, particularmente no item 4.

Compor uma trajetória intelectual é, de alguma forma, contar uma história sobre si mesmo, algo certamente inusitado para quem se dedicou a redigir textos que analisam textos alheios, redigidos, o mais das vezes, por autores que já nem sequer compartilham o mundo conosco. Esse desconforto, essa falta de jeito do intelectual para narrar histórias, e tanto mais acerca de si mesmo, nasce de uma tradição filosófica para a qual o trabalho científico se encontra nas antípodas do contar histórias, como se a conquista da verdade tivesse sempre de pagar o preço do esquecimento da vida, e, tanto mais, da própria vida.

Mas há, em confronto com essa posição teórica majoritária, para a qual vida e filosofia se encontram necessariamente desassociadas, uma outra tradição, marginal por certo, mas nem por isso de todo esquecida ou de parca relevância filosófica. Trata-se daquela posição intelectual para a qual vida e pensamento se articulam, e o fazem não apenas porque o pensamento compromete-se com a tarefa de compreender o próprio tempo no qual se vive, mas também porque, no interior dessa tradição minoritária, se considera que o próprio ato de pensar por si mesmo está em profunda relação de dependência para com os outros. Segundo essa tradição, ao falar de si o narrador se descentra, deixa de ser o sujeito exclusivo da narrativa, pois já desde o princípio reconheceu que ele próprio somente se constituiu como intelectual por meio de inúmeras relações com tantos e tantos outros: os mestres, os amigos, os pais, os companheiros do afeto e do amor, em suma, todo um país situado em um mundo e um tempo históricos. Narrar a própria trajetória é, pois, contar uma história que somente se fez porque outros a tornaram possível. Como diz o escritor argentino Ricardo Piglia, quem

redige um texto autobiográfico “fala de si mesmo ao falar do mundo e ao mesmo tempo nos mostra o mundo ao falar de si.”¹ Assim, a história que conto nesse memorial é a de minha filiação a essa tradição intelectual peculiar, excêntrica num duplo sentido, tanto por não se encontrar no centro do pensamento teórico predominante, quanto por exigir o descentramento do sujeito que a narra. No âmbito da filosofia, da ética e da reflexão política contemporâneas, esta é uma tradição da qual participam, cada qual a seu modo, alguns dos autores aos quais dediquei a maior parte daquilo que hoje me aparece como uma trajetória intelectual: Arendt, Heidegger, Foucault, Agamben, Butler.

Uma última observação. A totalidade de minha formação universitária se deu em instituições públicas e se fez acompanhar da concessão de diversas bolsas de estudo e de pesquisa pelo CNPq e pela CAPES, tanto no Brasil como no exterior, garantindo-me assim as melhores condições para o meu desenvolvimento como intelectual. Sou, portanto, profundamente grato a essas instituições e a todos e todas que, no passado como no presente, defenderam e continuam defendendo as premissas republicanas e democráticas do financiamento público do ensino e da pesquisa de qualidade e excelência. Sem tais condições, não poderia contar a história que segue. Agradeço também, de coração, a disponibilidade dos colegas que aceitaram participar dessa cerimônia de atribuição da posição acadêmica como Titular junto ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, concedendo-me seu tempo e suas considerações. Meu muito obrigado a vocês, Margareth Rago, Eduardo Jardim, Oswaldo Giacóia.

¹ Piglia, Ricardo: *Anos de Formação: os diários de Emílio Renzi*. São Paulo: Todavia, 2017, p. 354. Tradução de Sérgio Molina. Para o escritor (2017, p. 352), “a autobiografia é uma forma que todos praticamos em algum momento, deliberadamente ou não. Não conseguimos viver se de vez em quando não paramos para fazer um resumo narrativo e tangencial de nossa vida.”

“o poeta, num sentido muito geral, e o historiador, num sentido muito específico, têm a tarefa de acionar esse processo narrativo e de envolver-nos nele. E nós que, na maioria, não somos nem poetas nem historiadores, estamos familiarizados com a natureza desse processo a partir de nossa própria experiência de vida, pois também nós temos a necessidade de rememorar os acontecimentos significativos em nossas vidas, relatando-os a nós mesmos e a outros.” Hannah Arendt

1. Formação acadêmica: Ensino Médio, Graduação, Mestrado e Doutorado

Nasci no dia 22 de janeiro de 1966, em Campinas. Portanto, meus primeiros 19 anos de vida foram vividos sob uma ditadura civil-militar, e essa circunstância foi certamente determinante para a escolha de muitos caminhos que trilhei. Nosso modelo de transição democrática, fundado numa estranha concepção consensual de anistia, que homogeneizou e apagou as diferenças entre torturadores e torturados, impediu a investigação dos crimes da ditadura, obstou o estabelecimento da verdade e impediu até mesmo que se pudessem localizar os corpos das vítimas do terror de Estado, contribuiu decisivamente para a geral desinformação a respeito daquele período trágico de nossa história política. Uma das consequências do silenciamento e da desinformação a esse respeito é o fato de que, para muitos, é como se nem sequer tivéssemos passado por um longo período sombrio em nossa história política recente. Nos dias que correm há, inclusive, muitos que, tendo ou não vivido naqueles tempos, consideram-no excelente. Na ausência de uma profunda discussão e reavaliação do que foi a ditadura civil-militar, vigora entre nós a ignorância e, assim, se alastram também as raízes do fascismo cotidiano, aquele autoritarismo de base que está sempre prestes a emergir a cada momento na superfície dos acontecimentos políticos de nosso presente. Aquela ditadura acabou, mas alguns de seus mais terríveis tentáculos continuam a mover-se, como que às cegas, produzindo estrangulamentos em pontos nevrálgicos de nossa vida democrática, cada vez mais asfixiada. Às vezes parece que, entre nós, a Hidra de Lerna jamais desapareceu.

Entrei no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) em 1984, ano das gigantescas manifestações por eleições diretas, algumas das quais contaram com minha presença. A escolha pelo curso de graduação havia sido bem pensada: aos 15 anos entrara em contato com o movimento estudantil e esse envolvimento político, embora nunca tenha chegado a ser profundo no meu caso, certamente marcou meu entendimento a respeito do que significava viver num país sob ditadura: “diga-me com quem

andas...” Dois professores do ensino secundário já me haviam inclinado para a área das Humanidades, os professores Rui Machado, de História, e Rui Campos, de Geografia. O interesse pelos assuntos relativos às chamadas Ciências Humanas (já então bastante desprivilegiadas frente às Exatas e Biológicas) se aprofundou com meu envolvimento adolescente com o movimento estudantil e, sobretudo, com a descoberta de alguns livros ‘secretos’, escondidos na casa de meus pais. No fundo de um armário quase inacessível, cuidadosamente encapados em folhas de papel grosso, cor-de-rosa, encontrei dois livros: *Carlos Marx: vida e obra*, e uma tradução do *Manifesto Comunista*, ambos em edições portuguesas. Não sei a quem pertenceram, nunca perguntei a meus pais, mas criei para a mim a fantasia de que seriam livros de conhecidos que teriam fugido às pressas da repressão, restando escondidos por anos a fio. Estávamos no início dos anos 80 e os sinais da abertura já eram nítidos. Era também o momento em que a Editora Brasiliense acabara de lançar a Coleção *Primeiros Passos*, e os primeiros livrinhos que comprei e li com entusiasmo foram *O que é Socialismo* e *O que é Comunismo*, de Arnaldo Spindel, *O que é Anarquismo*, de Caio Tulio Costa, *O que é Ideologia*, de Marilena Chauí e *O que é poder*, de Gérard Lebrun, além do volume *Marx*, da Coleção *Os Pensadores* da editora Abril, que, de quebra, ainda ofertava ao leitor um poster gigante com uma gravura de Marx e a célebre 11^a tese sobre Feuerbach: “Os homens se limitaram a interpretar o mundo diferentemente; cabe transformá-lo”. Estava assim pavimentado o caminho de entrada nas Ciências Sociais da Unicamp e no curso de Direito da PUC de Campinas, sendo que neste último permaneceria por apenas 1 ano e meio.

A entrada para o ambiente universitário foi decisiva sob muitos aspectos: momento de formação em sentido amplo, cultural, intelectual, sexual, social. Era como mergulhar fundo em um mundo contracultural efervescente. Minha graduação em Ciências Sociais foi claramente marcada pela atividade docente de uma jovem professora recém-chegada ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCH), Amnéris Maroni. Ela acabara de ser aprovada em concurso público e lecionava a disciplina de Política II, destinada a oferecer uma introdução à filosofia política aos futuros cientistas sociais. Com ela eu travei o primeiro contato com Platão, Maquiavel, Hobbes, Locke e Rousseau. Mas Amnéris não se limitou a nos apresentar os clássicos, introduzindo-nos, também, diversos autores contemporâneos, como Hannah Arendt, Cornelius Castoriadis, Claude Lefort, todos eles situados na contramão das tendências teóricas majoritárias do Departamento de Ciências Sociais da Unicamp daquela época, marcadamente marxista, fosse na vertente inglesa de Thompson e Miliband, na vertente italiana de Gramsci, ou na francesa-estruturalista de Poulantzas e Althusser. Entusiasmado com o entusiasmo dela própria, me tornei seu monitor em 1986 e, entre 1987 e

1988, desenvolvi com ela um projeto de iniciação científica com o qual recebi minha primeira bolsa do CNPq. Sob sua orientação elaborei um trabalho a respeito das noções de democracia e totalitarismo em Claude Lefort, tema de minha monografia de final de curso e do primeiro artigo que publiquei, na hoje extinta *Revista de História* da Unicamp, em 1989, com o título de “O conceito de democracia em Claude Lefort”.

O encontro com Amnérís Maroni significou para mim a descoberta de que a exigência de rigor científico não se opunha à liberdade criativa. Foi também uma experiência importante com relação à definição de uma posição intelectual própria, fora do centro e próxima à margem, pois essa professora não fazia parte das tendências intelectualmente hegemônicas entre os sociólogos, antropólogos e cientistas políticos que habitavam o IFCH de então. Meu caminho para a filosofia foi, portanto, claramente marcado por aquela primeira experiência de encontro com alguns filósofos clássicos e contemporâneos. Isso é verdadeiro tanto do ponto de vista da formação de meus interesses teóricos, quando também, e sobretudo, de um ponto de vista mais prático e banal, pois eu estava ciente de que não seria possível desenvolver uma pesquisa de mestrado sobre Claude Lefort e Hannah Arendt, meu projeto original, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais de então. Após muita indefinição e um breve flerte com o Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp, decidi prestar o exame de seleção para o Mestrado em Filosofia naquela universidade.

Essa decisão pelo curso de mestrado em filosofia, que retrospectivamente pareceria ter sido fácil e óbvia, de modo algum o foi. Pelo contrário, foi cheia de hesitação, e as incertezas somente foram vencidas pelo encorajamento decidido que me deu a Maria Rita, minha companheira desde sempre. A Pós-Graduação em Filosofia da Unicamp era e é ainda tida como um centro de alta excelência e reputação e, quanto a mim, à parte algumas leituras dirigidas sobre filosofia política, eu realmente temia o rigorismo filosófico, ainda mais na ausência de uma prévia formação em filosofia. Como sempre, tudo dependeu do acaso certo propiciado pelos bons encontros, aqueles que somente ocorrem quando abandonamos a chamada zona de conforto. Em 1988, Claude Lefort veio uma vez mais ao país para uma série de palestras no Centro de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). À época eu ainda não dominava o idioma francês, mas fui assisti-lo mesmo assim, quase que por puro fetichismo: queria ver em pessoa o autor célebre, mesmo que pouco pudesse compreender de suas palestras, por não haver tradução simultânea. Nas duas apresentações em São Paulo, Lefort se fez acompanhar de um jovem professor que, algum tempo mais tarde, reconheci pelos corredores do IFCH: tratava-se do professor Urias Arantes, que fora seu aluno de doutorado na França e que havia recém-

ingresso no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unicamp. Com ele iniciei a primeira etapa de minha pesquisa de Mestrado, ainda na Unicamp, com um projeto de pesquisa bastante pouco factível, sobre as noções de Revolução e Totalitarismo em Claude Lefort e Hannah Arendt.

O curso de Graduação em Filosofia da Unicamp acabara de ser aberto e o consenso de então entre os docentes era o de que seria preciso formar o mais rigorosamente possível todos os alunos que para lá se dirigissem, fossem eles de graduação ou de pós-graduação, motivo pelo qual muitos dos cursos eram conjuntos, submetendo-os a uma pesada bateria de disciplinas versando sobre diversas especialidades. As exigências eram tais que, a partir de um trabalho de final de disciplina sobre a *Filosofia do Direito* de Hegel, feito para o professor Marcos Müller, eu e a professora Lídia Rodrigo, então minha colega no Programa de Doutorado, redigimos e publicamos o texto “Sobre a concepção do mal na Filosofia do Direito de Hegel”, que apareceu nos números 10-11 de 1991 da *Revista Educação e Filosofia*, da Universidade Federal de Uberlândia.

Sob a orientação do professor Urias Arantes, iniciei o Mestrado em 1989 e ficaram-me gravados na memória os diversos seminários conduzidos por Marcos L. Müller, Zeljko Loparic, Fausto Castilho, pelo prof. Cavalcante, dentre outros mais. No segundo semestre de 1989, o professor Urias Arantes permaneceu alguns meses como docente convidado no *Collège International de Philosophie*, em permuta com o professor Jacob Rogozinski, a quem tive o prazer de receber e acompanhar ao longo de sua estadia na Unicamp. Foi o próprio Rogozinski que, ao retornar a Campinas após uma sequência de palestras no Rio de Janeiro, me falou a respeito do seletivo grupo de estudiosos do pensamento de Hannah Arendt que ele encontrara na PUC do Rio de Janeiro, coordenado pelo professor Eduardo Jardim, que, posteriormente, se tornaria importante referência para minha formação intelectual.

Entretanto, no final do ano 1989 o prof. Urias Arantes deixou a Unicamp e a PUC de São Paulo, onde também lecionava, para retornar à França. Colocou-se então um sério problema: se quisesse permanecer no Programa de Mestrado da Unicamp teria de mudar substancialmente meu projeto de pesquisa, pois não havia ali ninguém que estivesse interessado em orientar uma dissertação sobre Arendt e Lefort. Ocupado com tantas disciplinas ainda por cursar e desprovido da necessária orientação, me encontrei como que num beco sem saída. Foi então que Juliano Garcia Pessanha, hoje escritor e intelectual reconhecido, autor de várias obras filosófico-literárias, então meu grande amigo na Unicamp, me disse que o professor Ricardo Ribeiro Terra, de quem já conhecia a tradução do opúsculo kantiano, *Ideia de História de um ponto de vista cosmopolita*, publicado pela editora

Brasiliense, ofereceria uma disciplina optativa cujo tema eram as leituras contemporâneas de Kant, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de São Paulo. Dentre os seminários previstos havia autores como Habermas, Arendt, Lyotard, dentre outros. Cursei aquela disciplina como aluno-ouvinte, fiz um seminário e redigi um texto sobre a interpretação arendtiana da filosofia política de Kant. Ao final do curso, o prof. Ricardo Terra me aceitou como seu orientando no Mestrado em Filosofia da Universidade de São Paulo.

Em março de 1991, ingressei simultaneamente no Mestrado em Filosofia da USP e no Programa de Formação de Quadros Intelectuais do Centro Brasileiro de Análise Planejamento (CEBRAP). Sob sugestão do professor Ricardo Terra, minha dissertação de Mestrado se encaminhou na direção de uma tradução seguida de um ensaio crítico sobre as *Lectures on Kant's Political Philosophy*, de Hannah Arendt. Aquele era o momento em que as dissertações de mestrado começavam a ser reconfiguradas para concluírem-se num prazo de aproximadamente dois anos, e a ideia de traduzir e comentar um texto instigante me pareceu certamente oportuna e inteligente. Na pessoa do prof. Ricardo Terra encontrei um orientador franco e criterioso, que me deu segurança e condições para desenvolver minha pesquisa sobre o pensamento de Hannah Arendt, autora que não era exatamente apreciada naquele ambiente povoado, majoritariamente, por historiadores da filosofia e seus fiéis aprendizes. De fato, no Brasil de então ainda havia pouquíssimos trabalhos acadêmicos sobre a obra arendtiana, e fazer uma dissertação de Mestrado sobre seu pensamento ainda era algo um tanto inusitado, como frequentemente me alertavam alguns colegas, não sem certo desdém. Estou certo de que sem o apoio, as críticas e as sensatas sugestões do prof. Ricardo Terra minha pesquisa de Mestrado não teria sido bem-sucedida, nem jamais viria a ser publicada, como de fato aconteceu no ano de 1993, pela editora carioca Relume-Dumará, cujo proprietário eu conhecera numa de minhas viagens ao Rio de Janeiro, para participar de atividades acadêmicas organizadas pelo professor Eduardo Jardim de Moraes. Data também de 1993 a publicação do texto “Uma leitura arendtiana de Platão”, que saiu no volume 7 da Revista *O que nos faz pensar*, do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio, resultado da palestra que apresentei no evento *Platão e seus leitores*, organizado pelo professor Eduardo Jardim em 1992.

Ao mesmo tempo, a entrada no CEBRAP me apresentou novos desafios, bem como também me permitiu saldar várias falhas de minha formação pregressa como cientista social. Pelo Programa de Formação de Quadros recebi uma bolsa da CAPES que me permitiu concluir o Mestrado, bem como desfrutar de um treinamento rigoroso na arte de ler, escrever e apresentar textos acadêmicos perante uma audiência multidisciplinar, exigente e altamente

qualificada, os pesquisadores e convidados do CEBRAP, dentre os quais recorro as presenças marcantes de José Arthur Gianotti, Luiz Felipe Alencastro, Rodrigo Naves, do próprio Ricardo Terra, de Antonio Cândido, Aziz Ab'Saber, Maria da Conceição Tavares, Roberto Schwarz, Fernando Novais, Celso Lafer, dentre outros. No primeiro ano as atividades de leitura e apresentação de *papers* e seminários giraram em torno da *Teoria da Ação Comunicativa*, de Habermas, que destrinchamos perante a severa avaliação de Gianotti, que à época vinha elaborando críticas a vários pressupostos da Teoria Crítica e, em particular, quanto a certos aspectos do pensamento de Habermas. No segundo ano, um tanto a contragosto das vontades de Gianotti, propusemos um ciclo de leitura e discussão sobre o pensamento social brasileiro, e foi então que li alguns dos clássicos da Sociologia, Historiografia e Pensamento Político e Econômico Brasileiro, lamentavelmente ausentes de meu currículo no curso de Ciências Sociais da UNICAMP, onde já não se liam mais Joaquim Nabuco, Fernando Azevedo, Euclides da Cunha, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Paulo Prado, Caio Prado Jr., Celso Furtado. Ao final de 1992 defendi meu Mestrado na USP, perante uma banca examinadora composta por Ricardo Terra, Eduardo Jardim e Sérgio Cardoso. À mesma época, apresentei uma versão mais curta daquele texto no CEBRAP, intitulando-o “Origens e sentidos da questão do juízo em Hannah Arendt”, trabalho que foi então arguido por Celso Lafer e Luiz Felipe Alencastro. Pouco tempo mais tarde, o professor Celso Lafer indicaria meu nome como tradutor do ensaio de Hannah Arendt *Sobre a violência*, publicado pela Relume-Dumará em 1994, e ao final do qual acrescentei o ensaio crítico “Poder e Violência no pensamento político de Hannah Arendt”. Anos mais tarde, já em 2009, recebi um convite da editora Civilização Brasileira para republicar aquela tradução, revendo-a. Na ocasião, adicionei como posfácio daquele livro um novo texto, “Poder e Violência no pensamento político de Hannah Arendt: uma reconsideração.”

O mestrado foi para mim uma etapa de aprendizado muito importante, pois compreendi alguns aspectos que se mostrariam cruciais para o meu desenvolvimento intelectual e acadêmico ulterior. Em primeiro lugar, e talvez isso tenha sido o mais importante, compreendi que havia espaço acadêmico no Brasil para quem se situasse num campo de pensamento político e filosófico não-majoritário ou hegemônico, o de uma filosofia política desprovida de fundamentos e de sistematicidade, como era o caso justamente da reflexão de Hannah Arendt. Compreendi, também, que não haveria de haver oposição entre o trabalho filosófico do comentário filológico rigoroso, destinado a reconstruir os argumentos de um filósofo, e o trabalho de reflexão e interpretação que procura dar sentido a argumentos formulados no âmbito de obras lacunares e assistemáticas, as quais, nem por isso, deixam de

ser filosóficas ou filosoficamente relevantes. Essas descobertas me foram particularmente importantes, pois feitas no interior do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da USP, o templo onde, entre nós, talvez melhor se ensinem as técnicas da leitura estrutural e do comentário rigoroso de textos, *à la* Guérout. E digo isso sem qualquer desdém por aquelas técnicas, que me parecem importantes, mesmo quando se trata de analisar obras filosóficas que não se enquadram no horizonte estrito da sistematicidade, para o quê certa prudência metodológica também se mostra importante. Portanto, nunca se tratou para mim de uma rebelião contra metodologias que, para alguns, levariam à castração da filosofia por meio da redução do trabalho ‘nobre’ do filósofo ao trabalho ‘baixo’ do mero comentador. Para mim, tratava-se da descoberta de que não havia contradição entre rigor analítico e criatividade interpretativa. Seguindo essa perspectiva analítica, compreendi que era possível elaborar um trabalho criterioso e criativo sobre Arendt, uma autora que se apropriava do pensamento alheio para então pensar por si mesma. Foi sob esse lema que interpretei as *Kant Lectures* de Hannah Arendt. Em primeiro lugar, compreendi que era preciso argumentar que Arendt não era comentadora de Kant – era mesmo preciso conceder que Arendt jamais seria uma comentadora recomendável para ler Kant! Em suma, a originalidade e a riqueza da interpretação arendtiana de Kant não residiriam na tese de que a verdade oculta de sua filosofia política se encontraria em sua concepção do juízo reflexionante estético, tese que me parecia insustentável enquanto tal. Por outro lado, defendi a ideia de que a interpretação arendtiana do juízo reflexionante estético de Kant era uma contribuição fundamental para se pensar o que é o juízo político, o juízo reflexionante estético sendo o modelo adequado para compreender o que significa julgar um particular quando não se tem à mão um conceito universal para se determinar a natureza do caso. Por isto, o título de minha dissertação de Mestrado foi “Hannah Arendt e a dimensão política do juízo reflexionante estético de Kant.” O que eu pretendi afirmar em minha dissertação é que o juízo reflexionante estético de Kant não seria intrinsecamente político, mas que ele carregaria forte carga ou dimensão política, isto é, que ele seria um conceito com claras implicações políticas. Para estabelecer essa ideia foi preciso argumentar que, “para Hannah Arendt, a interpretação não se dissocia do interesse em estabelecer um *diálogo crítico entre pensadores, movido pelo esforço de pensar com e, principalmente, a partir desses conceitos*. Conceber a tarefa da interpretação como um *diálogo crítico* entre pensadores implica ler os textos de Kant a partir do conjunto de problemas e questões que motivaram aquela leitura, de tal modo que o momento da exegese

seja também concebido como ocasião propícia à constituição de novos temas e problemas: trata-se, portanto, de uma interpretação *apropriativa* do pensamento de Kant.”² Por todas essas razões, esta foi a epígrafe que abriu o meu comentário crítico, tomada de Karl Jaspers, um dos mentores da reflexão arendtiana (ao lado de Heidegger): “... há duas espécies de kantianos: aqueles que permanecem para sempre no âmbito de suas categorias e aqueles que, após refletirem, seguem o caminho com Kant.”

Em síntese, ao interpretar o texto das *Lições sobre a filosofia política de Kant* compreendi que há ‘erros’ interpretativos – se tomados do ponto de vista do estrito rigor filológico – que produzem excelentes reflexões, sobretudo, quando tais ‘erros’ são motivados pela exigência imperiosa de pensar o presente. Vista retrospectivamente, essa descoberta inicial acerca da produtividade da interpretação filosófica entendida e praticada como *diálogo* crítico e apropriativo marcou toda minha trajetória posterior e me acompanha até hoje. Outro aspecto que me parece interessante ressaltar é a própria centralidade do juízo político, não apenas para a reflexão arendtiana, mas também para a reflexão política enquanto tal: expressa-se aí a exigência de prestar atenção aos acontecimentos políticos tomando-os em sua particularidade e sem prejudicá-los, isto é, sem submetê-los à lógica de uma filosofia da história cuja dimensão teleológica guardaria o segredo de seu significado último.

Cumprido o Mestrado, ingressei em março de 1993 no Programa de Doutorado em Filosofia da USP, novamente sob a orientação do professor Ricardo Terra, uma vez mais com um projeto de pesquisa sobre Arendt, mas, agora, com a pretensão algo desmedida de abarcar a totalidade de sua obra. Dada a exiguidade de material secundário sobre a obra arendtiana no país, desde cedo tornou-se clara a necessidade de formular um pedido de bolsa de doutorado na modalidade sanduíche. Dentre as opções universitárias que então considerei, a mais consistente foi sem sombra de dúvidas o Departamento de Filosofia da New School for Social Research, última instituição em que Arendt lecionara nos Estados Unidos, entre meados dos anos 60 e o começo dos anos 70. A despeito da aparente excentricidade dessa escolha – afinal, não conhecia ninguém dentre meus colegas que houvesse optado por estudar nos Estados Unidos – na New School havia um nítido interesse filosófico pela obra de Arendt, organizavam-se diversos eventos científicos dedicados à discussão de seu pensamento, bem como encontravam-se ali intelectuais que haviam convivido com a autora em seus últimos anos de vida, como Jerome Kohn, que fora seu último assistente, e Richard Bernstein, que fora seu colega e era naquele momento o chefe do departamento de Filosofia. Enviei-lhe uma

² Arendt, H. *Lições sobre a filosofia política de Kant*. RJ: Relume Dumará, 1993, p. 111.

carta e ele prontamente aceitou me receber na New School como *Visiting Scholar*, sob sua supervisão. Cheguei a Nova York em janeiro de 1995 e ali permaneci, financiado por uma bolsa da CAPES, até janeiro de 1997, totalizando dois anos de intensa atividade de pesquisa, acompanhada por múltiplas e variadas experiências de descoberta do mundo. Não tenho dúvidas de que o longo período vivido em Nova York foi a experiência acadêmica mais importante e impactante pela qual passei. Sou profundamente grato à New School e à CAPES, bem como aos professores Ricardo Terra e Richard Bernstein.

Na New School, pude seguir gratuitamente (bons tempos aqueles) inúmeros cursos e seminários que se mostraram centrais para a pesquisa, em particular, os cursos lecionados ali por Reiner Forst, então jovem docente da Universidade de Frankfurt, versando sobre o conceito de liberdade em Hannah Arendt e sobre as relações entre Arendt e Heidegger, assim como os seminários de Albrecht Wellmer, antigo assistente de Theodor Adorno, sobre a hermenêutica em Heidegger e Gadamer. Ali também pude desfrutar do acervo da gigantesca biblioteca da New York University, que permanecia aberta sete dias por semana, vinte e quatro horas por dia, com a qual a New School mantinha um convênio. Nos Estados Unidos também tive acesso aos debates teóricos que transcorrem cotidianamente nos milhares de periódicos, pude fazer cópias e mais cópias de material inédito da própria Arendt, armazenados nos arquivos Arendt da *Manuscript Division* da impressionante Biblioteca do Congresso, em Washington, assim como pude reunir dezenas de fontes secundárias para a tese, comprar livros e mais livros (ao total, retornamos ao Brasil com mais de 35 caixas!), além de ter todo tempo para pesquisar e escrever minha tese de doutorado. Esta foi defendida em novembro de 1997, perante uma banca examinadora composta pelos professores Ricardo Terra (USP), Franklin Leopoldo e Silva (USP), Olgária Matos (USP), Oswaldo Giacóia (UNICAMP) e Eduardo Jardim de Moraes (PUC-RJ). O trabalho, que então contava com mais de 700 páginas encadernadas em 3 volumes, mais tarde foi editado e convertido em livro com o mesmo título da tese, *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt*. Com prefácio de Franklin Leopoldo e Silva, o livro saiu publicado pela editora Paz e Terra no ano de 2000, quando eu já era professor no Departamento de Filosofia da UFPR. Agradeço ao professor Celso Lafer pelo parecer favorável que emitiu à editora naquela ocasião.

Sobre a tese, gostaria de ressaltar apenas seu argumento central: tratava-se de tomar o tema arendtiano da ruptura do fio da tradição, herdado de Heidegger e de Benjamin, como traço capaz de alinhar e conferir inteligibilidade e sentido à dispersão de uma reflexão fundamentalmente assistemática. A temática da ruptura da tradição assumia diversos matizes

no pensamento de Arendt: por um lado, ela se destinava a caracterizar o horror e o ineditismo do fenômeno totalitário; por outro, a ideia da ruptura lhe permitia-lhe definir o traço distintivo da época moderna, aquele tempo para o qual o passado já não constitui base de referência e inspiração para o futuro. Diante da ruptura da tradição e de um fenômeno político cuja originalidade nos teria privado de categorias políticas e morais adequadas às exigências de compreensão dos fenômenos políticos do mundo pós-totalitário, como, então, voltar a pensar sobre a política, sobre a ética e mesmo a respeito da própria filosofia? Esta era, e ainda me parece ser, a pergunta fundamental para a compreensão do sentido do pensamento de Arendt. Esta foi também a pergunta que me permitiu compreender porque Arendt se voltava para experiências e categorias políticas do passado, quando sua verdadeira preocupação residia em pensar o presente. A partir dessa perspectiva analítica e interpretativa, pareceu-me possível mostrar que Arendt não seria nem uma autora nostálgica do mundo greco-romano, nem uma autora de índole conservadora, desejosa por reatar os laços do presente com os de um mundo passado, à maneira de Leo Strauss.

Para mostrar a operacionalidade da noção de ruptura do fio da tradição e a originalidade da atitude teórica de Arendt diante da história e da política, estabeleci uma aproximação com certas noções-chave do pensamento de Heidegger e de Benjamin, as noções de desconstrução da metafísica e de repetição, bem como as de ruptura do *continuum* histórico em meio a situações políticas de emergência. Estas duas intuições se constituíram a partir da leitura do livro de Jeanne-Marie Gagnebin, publicado em 1994 pela Harmattan, e já constante do acervo da Biblioteca da NYU no ano seguinte, *Histoire et Narration chez Walter Benjamin*, e a partir dos seminários de Albrecht Wellmer sobre a hermenêutica em Heidegger e Gadamer. Defendi a tese de que, para Arendt, fazer a prova da ruptura do fio da tradição significava escovar o passado a contrapelo, a fim de liberar as categorias políticas que permitissem compreender qual é a natureza da experiência da política para, desse modo, compreender quais são suas alternativas no presente. Assim, o peculiar ‘retorno’ de Hannah Arendt ao passado estaria dedicado a recuperar fragmentos de experiências políticas originárias, perdidas no tempo, mas que se ‘repetiriam’ de maneira transfigurada em alguns eventos políticos cruciais da própria modernidade, como as revoluções e os demais acontecimentos políticos em que a política se confunde com os atos e palavras dos cidadãos engajados.

Estes argumentos estão condensados no capítulo 3 da tese e do livro homônimo, bem como reaparecem, sintetizados e remanejados, no livro organizado por Eduardo Jardim de Moraes e Newton Bignotto, *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias*, publicado pela

Editora da UFMG em 2001, sob o título de “Hannah Arendt entre Heidegger e Benjamin: a crítica da tradição e a recuperação da origem da política”. Para Arendt, concluí então, pensar à sombra da ruptura da tradição significava, portanto, redescobrir as possibilidades de um pensamento crítico que repensa o passado para chegar até o seu impensado, isto é, para chegar até aqueles eventos políticos cujo significado a própria tradição da filosofia política não teria legado a nós, pois que os haveria deixado no esquecimento. Para recuperá-los em seu sentido político perdido ou oculto, seria então preciso instaurar uma desconstrução das categorias metafísicas que recobriram a experiência da liberdade política. Assim, ao repensar toda a tradição do pensamento político ocidental, Arendt não apenas teria chegado a uma redescoberta da origem esquecida da política na Antiguidade, como também teria formulado uma radical reconsideração do sentido mesmo da temporalidade histórica, ao refletir sobre acontecimentos políticos cruciais da modernidade. Minha hipótese era, portanto, que sua reflexão filosófica e política gravitava em torno deste núcleo teórico fundamental, constituído a partir de um *diálogo* crítico e apropriativo para com noções centrais do pensamento de Heidegger e de Benjamin. Estes foram os pensadores junto aos quais Arendt teria reconhecido que, uma vez rompida a tradição do pensamento político ocidental, que eclipsara os traços essenciais da origem da política em suas manifestações democráticas e republicanas, somente por meio de uma hermenêutica violenta, desconstrutiva, seria possível elucidar o significado de tais fenômenos originários (*Urphänomene*), os quais se repetem transfiguradamente na modernidade, sempre que a política é reapropriada pelos cidadãos em atos e palavras coletivos e concertados. Ao retornar ao passado político originário – um passado que jamais existiu enquanto tal, mas que foi reconstituído a partir de fragmentos de experiências e de conceitos políticos recuperados pelo árduo trabalho do “pescador de pérolas”, Arendt descobriu, também, o sentido incompreendido dos principais eventos políticos da modernidade, as revoluções. Em tais acontecimentos políticos, os atos e palavras dos cidadãos rompem o *continuum* da história e estilhaçam a sucessão linear de ‘agoras’, reatando-se num lampejo o tênue laço que vincula o exercício da liberdade entre os antigos e entre os modernos. Reatualiza-se assim o sentido da experiência da liberdade política, que jazia esquecida e soterrada no fundo do passado. Estas teses também foram retomadas e rerepresentadas no artigo “Hannah Arendt e a Modernidade: esquecimento e redescoberta da política”, publicado na rev. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 24, p. 249-272, 2001.

2. Chegada à UFPR: atividades de ensino, pesquisa e extensão

Fui aprovado em concurso público ocorrido em 23-24 de março de 1998 e iniciei minhas atividades como professor do Departamento de Filosofia da UFPR em julho daquele mesmo ano, no âmbito da reposição de aulas em função de uma longa greve docente. Coube a mim concluir dois cursos que haviam sido iniciados pela professora Inês Lacerda Araújo, que acabara de se aposentar. À época ela estava lecionando um curso sobre o debate entre Sartre e Foucault e outro sobre o Pragmatismo de Dewey. Retomei o curso sobre o debate entre Sartre e Foucault, dando ênfase na discussão de alguns capítulos de *As palavras e as coisas*, bem como de alguns textos sartreanos como “O existencialismo é um Humanismo”, além das entrevistas nas quais Sartre tecia críticas duras ao que lhe parecia ser a supressão da história e do homem no curso de uma suposta leitura estruturalista da história por Foucault. Não retomei o curso sobre Dewey, que transformei numa discussão sobre alguns temas centrais do pensamento de Hannah Arendt, aproveitando assim o material de que dispunha a partir da tese.

O curso lecionado sobre Foucault e Sartre despertou em mim um forte interesse pela obra foucaultiana, o que me levou a estudá-la de maneira mais sistemática, bem como a aproximar-me dos intelectuais que haviam organizado o primeiro colóquio internacional Michel Foucault, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em 1998, evento acadêmico bianual ao qual assisti na condição de ouvinte, e que atualmente já se encontra em sua 11^a edição. Já a partir do ano de 2000 tive a maravilhosa oportunidade de participar reiteradamente deste importante evento científico, o que me permitiu estreitar laços acadêmicos e de amizade com intelectuais como Margareth Rago, Vera Portocarrero, Guilherme Castelo Branco, Salma Tannus Muchail, Márcio Alves da Fonseca, Alfredo Veiga-Neto, dentre tantos outros. O primeiro texto que apresentei no Colóquio Michel Foucault foi posteriormente publicado com o seguinte título: “Foucault à luz de Heidegger: notas sobre o sujeito autônomo e o sujeito constituído.” In: Margareth Rago; Luiz B. Lacerda Orlandi; Alfredo Veiga-Neto. (Org.). *Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49-62.

Como professor, portanto, os primeiros cursos que lecionei na UFPR sobre a obra de Michel Foucault direcionaram boa parte de minhas leituras, publicações, aulas e orientações no nível de graduação e pós-graduação, ao longo destes últimos vinte anos. Em torno ao pensamento de Foucault, no total somam-se até o momento 11 artigos publicados em revistas científicas nacionais e estrangeiras, 12 capítulos de livro nacionais e estrangeiros, bem como a orientação concluída de 8 dissertações de mestrado, sendo uma delas uma co-orientação, e de 4 teses de doutorado, sendo uma delas uma co-orientação. Ressalto também a organização do

Dossiê Michel Foucault, o qual reuniu mais de 20 textos dentre pesquisadores maduros e jovens talentosos, todos eles abordando aspectos variados da obra foucaultiana. O dossiê foi publicado na Revista de Filosofia Dois Pontos, em 2017. Devo observar, contudo, que meu interesse pela obra de Foucault não se deveu apenas ao acaso, isto é, à exigência de concluir um curso já começado: cabe aqui registrar que tal apreço intelectual está francamente marcado pelas pesquisas levadas a cabo por Maria Rita de Assis César, cujo Mestrado (1998) e Doutorado (2004) brilhantes, reforçaram ainda mais a forte presença foucaultiana nos estudos e pesquisas educacionais no Brasil. Na realidade, estou certo de que foi a partir dessa proximidade afetiva que se desenvolveu minha relação teórica com o campo dos estudos foucaultianos...

Outro autor sobre o qual lecionei diversos cursos de Graduação e Pós-Graduação desde os primeiros anos de minha atividade docente na UFPR foi Martin Heidegger, filósofo cujo estudo sistemático, particularmente da obra *Ser e Tempo*, eu iniciara nos seminários de Wellmer e de Forst, nos Estados Unidos. Também foi decisiva naquele momento minha participação nos grupos de estudo organizados pelo prof. Loparic, bem como minha incorporação às atividades levadas a cabo pelos professores que vinham organizando os Colóquios Heidegger na Unicamp, como o próprio Loparic, Ernildo Stein, Oswaldo Giacoia, Marcos Muller, Robson Ramos dos Reis e, pouco mais tarde, Marco Antonio Casanova, dentre outros. Este foi o núcleo a partir do qual se organizou e se fundou, posteriormente, o GT Heidegger da ANPOF, do qual fui ativo participante. A concentração de meu interesse pelo pensamento de Heidegger, que já vinha se tornando intensa desde a elaboração da tese de doutorado, e que se acentuou com as inúmeras disciplinas oferecidas na Graduação e com minha inclusão como participante reiterado nos Colóquios Heidegger, permitiu que eu me inserisse em outro ambiente acadêmico de dimensões nacionais e internacionais, culminando com minha escolha para ser o coordenador do GT Heidegger junto à ANPOF entre 2006-2008, para me tornar representante do Círculo Latinoamericano de Fenomenologia (CLAFEN), bem como para ser o representante brasileiro do CLAFEN junto à Organização de Organizações Fenomenológicas (OPO), em 2004. Foi também no âmbito desse interesse científico pela obra de Heidegger que criei o Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq intitulado Ontologia, Fenomenologia e Hermenêutica, em 2005, do qual ainda sou o coordenador. Em números totais, meu interesse pela obra de Heidegger gerou a publicação de 13 artigos em revistas científicas nacionais e estrangeiras, 10 capítulos de livro nacionais e estrangeiros, bem como a conclusão da orientação de 6 dissertações de mestrado e de 2 teses de doutorado.

Por certo, sobre a própria Hannah Arendt não foram tantos os cursos lecionados na Graduação e na Pós-Graduação da UFPR embora também tenha lecionado disciplinas nas quais recorri a aspectos de seu pensamento. O motivo é compreensível: após vários anos dedicados ao pensamento arendtiano, era natural que eu abrisse espaço para novos interesses acadêmicos, e eles se dirigiram para as obras de Heidegger e de Foucault, dentre outros autores como Levinas, Agamben, Nietzsche, Butler, Adorno e Horkheimer, Deleuze, Vattimo, Schmitt, Ernst Jünger, Nietzsche, Benjamin, Sêneca, Descartes, Sócrates. Apesar disso, orientei um excelente mestrado e um trabalho de doutorado primoroso sobre a obra arendtiana, além de ter publicado sobre seu pensamento 14 artigos em periódicos nacionais e estrangeiros e 20 capítulos de livro no país e no exterior. Ainda sobre o pensamento arendtiano, organizei um importante colóquio internacional com docentes do curso de História da UFPR, do qual resultou a posterior publicação em livro contendo as contribuições dos participantes: MAGALHAES, M. D. B. (Org.); LOPREATTO, C. (Org.) *A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, 351pp. Acerca da obra de Arendt, redigi a apresentação do volume coletivo *Eichmann em Jerusalém 50 anos depois*, publicado em 2013 pela editora da UFPR, e elaborei o prefácio da obra de Rodrigo Ribeiro Alves Neto, *Alienações do Mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*, publicado em 2009 pela editora Loyola.

Salvo nos períodos em que fui Coordenador de Curso de Graduação e Coordenador de Pós-Graduação, quando me beneficieei de resolução que permite a redução da carga horária para 4 horas-aula semanais, lecionei sempre 8 horas semanais, dividindo-as entre a Graduação e a Pós-Graduação. Durante o atual período como Diretor de Relações Internacionais da UFPR, cargo que me permitiria não lecionar, optei por dar ao menos 1 curso por ano acadêmico, a fim de não me distanciar do espaço de sala de aula e não sobrecarregar demasiadamente meus colegas. Em geral, as disciplinas obrigatórias que lecionei na Graduação foram Filosofia Política, Filosofia Contemporânea, Introdução à Filosofia, Filosofia Geral, além de diversas optativas em Filosofia Política e Filosofia Contemporânea.

Devo computar também como atividade de ensino o trabalho criterioso de orientação de mestrados e doutorandos, além dos alunos de Iniciação Científica e daqueles em fase de elaborar trabalhos de conclusão de curso. Além de 17 mestrados defendidos, orientei até o momento 7 doutorandos que já defenderam suas teses. Atualmente, oriento 1 mestrando e 5 doutorandos. Orientei 29 alunos em trabalhos de conclusão de curso, 15 alunos na modalidade de pesquisa em iniciação científica e 3 alunos em trabalhos de especialização. Reconheço que não me engajei em atividades institucionais de extensão, sobretudo, em função de seus

excessivos entraves burocráticos, aspecto que a atual gestão universitária está determinada a resolver. Por outro lado, organizei ao longo destes vinte anos, ainda que informalmente, isto é, sem registrá-los na plataforma SiGeu-UFPR, diversos grupos de estudo, palestras científicas e eventos acadêmicos de grande porte, envolvendo em alguns casos professores estrangeiros, como será relatado mais abaixo.

3. Coordenação de Curso de Graduação, de Programa de Pós-Graduação e demais atividades administrativas

O concurso no qual fui aprovado foi o primeiro no Departamento de Filosofia a exigir a titulação de doutor. A ideia era que quem fosse contratado/a deveria se encarregar da constituição do curso de Mestrado em Filosofia. No entanto, quando entrei no Departamento de Filosofia apenas outros dois colegas eram já doutores, os professores Plínio Smith e César Ramos, ambos participantes daquela banca como membros internos. Os demais colegas estavam a ponto de concluir seus doutorados, de modo que ainda seria preciso aguardar algum tempo para enviar o nosso APCN. Enquanto isso, estava em curso um importante projeto de reforma curricular, que visava tornar o curso de Filosofia da UFPR mais moderno e consistente, suprimindo antigas disciplinas excessivamente genéricas ou desatualizadas, ou aquelas para as quais já não contávamos com docentes aptos a lecioná-las. Este projeto começou a se tornar uma realidade em 1999 e foi implantado durante o período em que me tornei Coordenador do Curso de Graduação da UFPR. Foram dois anos de muito trabalho administrativo, pois era preciso atender a todo um conjunto de ações burocráticas, destinadas a efetuar a transição curricular de diversos alunos, concedendo-lhes equivalências, dentre outras ações. Foi também naquele momento que comecei a tomar pé da estrutura burocrática da própria universidade.

Simultaneamente à implantação da reforma curricular ao cabo de dois anos como Coordenador de Curso, participei também das discussões que levaram à elaboração do projeto de Mestrado em Filosofia, finalmente aprovado pela CAPES e aberto no início do ano de 2000. Meu primeiro orientando de mestrado foi Roberto Wu, atualmente professor do Departamento de Filosofia da UFSC. Depois dele, orientei até o momento 17 outros estudantes, sendo que a dissertação de Mestrado de Cassiana Lopes Stephan ganhou o prêmio ANPOF de melhor trabalho em 2016.

Fui Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia durante duas gestões, uma entre 2005-2007, e outra mais recentemente, entre 2015-2016. Afastei-me do cargo há 5 meses de seu término porque fui convidado a assumir a Direção da Agência UFPR

Internacional em dezembro de 2016. Nos dois momentos em que fui Coordenador do PPG-Filosofia trabalhei para o aprofundamento de sua institucionalização, tomando como parâmetros de referência as instruções e normativas formuladas pela Capes, instituição da qual sou ainda consultor para emissão de pareceres ad hoc, bem como de cujo processo de avaliação institucional de programas de pós-graduação participei ativamente, como será relatado mais abaixo. Estou certo de que pude contribuir não apenas para a criação do Mestrado, mas também, e sobretudo, para a criação de nosso programa de Doutorado, iniciado em 2010.

Desde 2017 atuo como Diretor da Agência de Relações Internacionais da UFPR (AUI), integrando a equipe de gestores sob o comando do professor Ricardo Marcelo Fonseca, eleito para o período entre 2016-2020. O desafio é imenso e são muitas as tarefas, particularmente aquelas relativas à definição de um projeto de internacionalização coerente e consistente. Desde novembro de 2017, o principal trabalho que venho desenvolvendo na condição de diretor da AUI, em parceria direta com a Pro-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, voltou-se para a elaboração do projeto CAPES-PRINT UFPR. Nosso projeto foi bastante elogiado pela comissão de pareceristas da Capes e a integração entre a equipe da AUI e da PRPPG foi um dos pontos destacados para sua aprovação. Além de atuar em dois subprojetos transdisciplinares de pesquisa, na condição de investigador, também integro o corpo de docentes que compõe o Comitê Gestor do projeto CAPES-PRINT UFPR, o que, por certo, significará um intenso curso de atividades enquanto eu permanecer na condição de diretor da agência. Esta é, sem dúvidas, minha principal contribuição para a gestão universitária.

4. Coordenação de Projetos de Pesquisa, Atividades de Pós-Doutorado e liderança de Grupos de Pesquisa: trajetória intelectual na UFPR

A partir de 2003, os projetos de pesquisa registrados institucionalmente na UFPR são projetos que obtiveram financiamento do CNPq, órgão do qual sou atualmente bolsista pesquisador na modalidade 1D. Tais projetos explicitam o desenrolar de minha trajetória acadêmica e passam por temáticas como as seguintes: Ética e Política em Heidegger: contribuições pós-metafísicas; Heidegger e a Modernidade: constituição de um diagnóstico crítico; A crítica heideggeriana da modernidade e o debate contemporâneo; Heidegger, Nietzsche e os debates contemporâneos para um diagnóstico filosófico do presente; Comunidades Plurais: Ação e Estética da Existência na política contemporânea; Sobre as relações entre vida, política e filosofia na obra de Judith Butler. Fora da UFPR, também

participo de um projeto de pesquisa transdisciplinar financiado pela CLACSO, intitulado “Reinvenciones de lo común”, com sede na UniAndes, de Bogotá.

Além daquele projeto, também atuo no projeto de pesquisa internacional e em rede com o título “Travailler avec Foucault: approches contemporains” (TaFac), coordenado pelo professor Philippe Sabot, da Université de Lille. Trata-se de projeto de pesquisa internacional em rede, financiado pela Université de Lille, envolvendo professores da UFPR, PUC-PR, Université de Lille, Université Libre de Belgique, Université de Liège, Université Saint Louis, Université de Namur, KU Leuven. Eu conhecia de vista o professor Sabot desde 2011-2012, quando participei como ouvinte de diversos colóquios sobre o pensamento de Michel Foucault, durante minha estadia na França como bolsista de pós-doutorado da Capes. Nossa aproximação se deveu à ação decidida de Daniel Verginelli Galantin, então meu orientando de doutorado. Daniel desenvolvia à época o que depois veio a ser uma excelente tese de doutorado sobre a noção de experiência em Foucault e, naquele contexto, estava muito interessado em estudar as relações daquele pensador com autores como Georges Bataille e Maurice Blanchot. No curso de suas pesquisas, Daniel encontrou alguns textos de Sabot sobre assuntos que lhe interessavam e lhe escreveu uma mensagem. A partir daí, ele aproveitou que estávamos vivendo em Paris e nos fez uma rápida visita, com o claro intuito de ir a Lille conversar com o professor francês. Lembro-me de tê-lo advertido de que, em geral, os professores franceses quase já não têm mais tempo disponível, e muito poucas vezes se mostram abertos para conversas como aquela. A despeito disso, Daniel seguiu confiante para Lille e estabeleceu um contato absolutamente amistoso e intelectualmente proveitoso com Philippe Sabot, que, como sempre, foi de uma gentileza ímpar. A partir de então, eu e o professor Sabot estreitamos contatos acadêmicos e de amizade e hoje somos colaboradores em diversas atividades acadêmicas, dentre as quais menciono as seguintes: Philippe Sabot ministrou na UFPR um mini-curso de 3 dias no Departamento de Filosofia, bem como participou do “Colóquio 40 anos de publicação de *Vigiar e Punir*”, organizado por mim e outros colegas da UFPR e da PUC-PR, em novembro de 2015. Como integrante do projeto TaFac, organizei e participei de um seminário internacional financiado pelo projeto e realizado na UFPR e na PUC-PR entre os dias 22-23 de novembro de 2017, “Penser l’identité et le sujet d’après Foucault”. Na sequência, o professor Sabot publicou um texto no dossiê Michel Foucault que eu organizei para a Revista Dois Pontos, vol. 14 n. 1, 2017: “O que é uma sociedade disciplinar? Gênese e atualidade de um conceito, a partir de *Vigiar e Punir*”. Tal projeto também financiou outra edição de seminário internacional, “Discours et politiques de l’identité: avec et après Foucault”, ocorrido na Université de Lille em março de 2018, bem

como permitiu que eu lecionasse dois mini-cursos, um no programa de mestrado e outro no de doutorado, durante o mês de janeiro de 2017, junto ao Laboratório *Savoirs, Textes, Langages* da Université de Lille, então sob a direção do professor Philippe Sabot.

O projeto de pesquisa “Ética e Política em Heidegger” foi contemplado com uma bolsa de pós-doutorado na Universitat de Barcelona, sob supervisão de Manuel Cruz, entre 2002-2003. Tratava-se de discutir o tema das possibilidades e/ou impossibilidades de derivar implicações ético-políticas do pensamento de Martin Heidegger, tópico cuja relevância se tornava evidente na crescente bibliografia sobre este debate controverso, no qual se procura avaliar o potencial ético-político da filosofia heideggeriana, temática com relação à qual devo reconhecer meu débito para com a reflexão de Zeljko Loparic, condensada no livro *Ética e finitude em Heidegger*, SP: Editora Escuta, 2004. Para desenvolver aquela pesquisa, analisei alguns textos fundamentais Heidegger enfocando-os a partir da interrogação do seu potencial ético-político, dividindo sua obra em três fases distintas: textos compreendidos entre a publicação de *Ser e Tempo* (1927) e o “Discurso do Reitorado” (1933); textos de meados dos anos trinta e quarenta, nos quais Heidegger se confronta com seu próprio engajamento político e com o pensamento de Nietzsche e com a Modernidade; e, finalmente, textos do chamado segundo Heidegger, de 1945 em diante, em particular a *Carta sobre o Humanismo*, o seu ensaio *A questão da Técnica* e suas reflexões sobre o pensamento originário. Nos três casos, tratava-se de discutir as transformações de suas concepções sobre a ética e a política. Tratava-se de investigar em que medida o pensamento de Heidegger poderia oferecer elementos teóricos para repensar a política e a ética em um contexto pós-metafísico, investigando ainda várias objeções teóricas àquela hipótese.

Os principais artigos derivados desse projeto e desse estágio de pesquisa são: “Por uma ética da precariedade: sobre o traço ético de Ser e Tempo.” In *Natureza Humana*, Educ - São Paulo, v. 1, n.2, p. 71-101, 2001; “Heidegger e o outro: a questão da alteridade em Ser e Tempo.” In *Natureza Humana*, São Paulo, v. 4, n.1, p. 157-185, 2002; “Heidegger e a possibilidade de uma antropologia existencial.” In *Natureza Humana*, São Paulo, v. 6, n.1, p. 29-52, 2004; “Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro.” In *Natureza Humana*, São Paulo, v. 07, n.1, p. 70-100, 2005; “Heidegger y el Otro. Ser y Tiempo: una ética postmetafísica”. In *Daímon. Revista de Filosofía de la Universidad de Murcia*, v. 37, p. 73-84, 2006. Além desses artigos, menciono também os seguintes capítulos de livro: “Heidegger, a essência da técnica e as fábricas da morte: notas sobre uma questão controversa.” In: Ricardo Timm de Souza; Nythamar Fernandes de Oliveira. (Org.). *Fenomenologia Hoje*. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 37-65; “Becoming Other: Heidegger

and the trace of a post-metaphysical ethics.” In Zeljko Loparic; Roberto Walton. (Org.). *Phenomenology 2005. Selected Essays from Latin America*, 2 vols., Bucharest: Zeta Books, 2007, p. 119-154.

O estágio de pesquisa em Barcelona também foi muito importante para ampliar contatos acadêmicos e aprofundar o meu domínio do espanhol, ferramenta que me permitiu estabelecer contatos acadêmicos subsequentes não apenas na Espanha, mas também na América Latina, sobretudo na Argentina, México e Colômbia. As 8 publicações em idioma espanhol (5 artigos e 3 capítulos de livro) se devem a esse período de pesquisa em Barcelona, no qual também travei contato com intelectuais e ativistas políticos envolvidos em coletivos políticos alternativos, nos quais ação e produção intelectual se complementavam, como o coletivo Espai Blanc, do qual participam o professor Santiago Lopez Petit, da Universitat de Barcelona, e Marina Garcés, atualmente professora de Filosofia na Universidad de Zaragoza. As publicações “Hannah Arendt y la política radical: más allá de las democracias realmente existentes” in *En-claves del pensamiento. Revista de Humanidades: Arte, Filosofía, Historia, Literatura y Psicología*, p. 143-154, 2007; e “Hannah Arendt e a política excêntrica” in *Coleção Multitextos, PUC-RJ*, v. 06, p. 107-124, 2008, devem muito àqueles encontros.

Já os projetos de pesquisa intitulados “Heidegger e a Modernidade: constituição de um diagnóstico crítico”; “A crítica heideggeriana da modernidade e o debate contemporâneo”; “Heidegger, Nietzsche e os debates contemporâneos para um diagnóstico filosófico do presente” dão testemunho dos tópicos particulares que me interessaram na obra heideggeriana entre 2005-2010. Tais projetos se desenvolveram a partir das discussões prévias relativas ao legado da crítica de Heidegger à metafísica e ao fundacionalismo, tendo em vista repensar a ética e a política. Tais preocupações teóricas se mantiveram, mas também se deslocaram na direção da elaboração da temática da formulação de diagnósticos críticos da modernidade, na esteira das avaliações de Heidegger acerca da técnica como denominador comum a regimes políticos distintos entre si, como o nazismo, o comunismo soviético e o liberalismo democrático. Parecia-me então que a reflexão de Heidegger, ao contrário de esposar incondicionalmente a vertente política em confronto com o comunismo e a democracia liberal, o nazismo, movimento do qual ela havia sido membro e entusiasta, ao menos durante certo tempo, na realidade nos ajudava a compreender traços ontológicos que seriam comuns àquelas formas históricas de organização da coisa política. Sobre este assunto retornarei ao final deste tópico, pois minha posição teórica mais recente se transformou a respeito de alguns aspectos centrais daquilo que então eu defendia. À época, interessava-me também compreender de qual maneira o pensamento de Heidegger se fazia presente, ainda que com as

devidas ressalvas e distanciamentos críticos, nas reflexões de autores como Hannah Arendt, Michel Foucault, Derrida, Vattimo, Deleuze, dentre outros, particularmente no que diz respeito à formulação de diagnósticos filosóficos do tempo presente.

Foi justamente neste contexto que me interessei sobremaneira pela noção de biopolítica, tomando como ponto de referência o livro seminal de Giorgio Agamben, *Homo sacer: poder soberano e vida nua* (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010), que li primeiramente em uma tradução para o espanhol, antes mesmo o livro que fosse traduzido ao português. Mais do que me interessar pelas próprias teses defendidas naquele livro, a reflexão de Agamben foi capaz de renovar instantaneamente meus interesses pelo pensamento de Heidegger, Arendt e Foucault, que apareciam ali como algumas de suas principais referências. Daí porque, a partir de então, comecei a produzir textos não apenas a respeito da noção de diagnóstico e de crítica da modernidade, que encontraram na noção de biopolítica, ao menos de minha perspectiva, sua melhor figura para a compreensão de problemas políticos cruciais de nosso presente, mas também, textos acerca de possíveis diálogos entre as reflexões de Heidegger, Arendt e Foucault.

Deste período dedicado aos projetos de pesquisa mencionados acima, cumpre destacar a publicação dos seguintes artigos: “Biopolítica y diseminación de la violencia: la crítica de Arendt al presente.” In *Pasajes* (Valencia), Valencia, Espanha, v. 13, p. 97-105, 2004. “Heidegger e Foucault, críticos da modernidade: humanismo, técnica e biopolítica.” In *Trans/Form/Ação*, v. 29, p. 7, 2006. “Gianni Vattimo: intérprete de Heidegger e da pós-modernidade.” In *Alceu* (PUCRJ), v. 1, p. 20-35, 2006. “Hannah Arendt e a exemplaridade subversiva: por uma ética pós-metafísica.” In *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 09, p. 27-47, 2007. “Michael Winterbotton encontra Giorgio Agamben: biopolítica e cinema.” *Temas & Matizes*, v. 11, p. 51-66, 2007. “Hannah Arendt's radical politics: beyond actually existing democracies.” In *Cadernos de Filosofia* (Lisboa), v. 19-20, p. 107-120, 2007. “Heidegger e o caráter historial-político da obra de arte.” In *Artefilosofia* (Ouro Preto), v. 5, p. 23-35, 2008. “Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI.” In *Cinética*, v. 1, p. 1-16, 2008. “Hannah Arendt: repensar o direito à luz da política democrática radical.” In *Revista Estudos Políticos*, v. 1, p. 4-15, 2010. “Pobreza de espírito? Philippe Lacoue-Labarthe e a crítica ao nacional-espiritualismo de Heidegger.” In *Natureza Humana* (Cessou em 2008. Cont. ISSN 2175-2834 *Natureza Humana* (Online)), v. 13, p. 25-45, 2011.

Os seguintes capítulos de livro publicados também dizem respeito a essa problemática teórica: “Modernidade, biopolítica e violência: a crítica de Arendt ao presente.” In: de Magalhães, M.D.B., Lopreatto, C., Duarte, A. (Org.). *A banalização da violência: a*

atualidade do pensamento de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 35-54. “Biopolítica e sociedade de controle: notas para compreender o presente.” In: Guilherme Castelo Branco. (Org.). *Filosofia Pós-Metafísica*. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005, p. 11-26. “Heidegger e a Modernidade: notas sobre a crise do presente.” In: Ricardo Marcelo Fonseca. (Org.). *Crítica da Modernidade: diálogos com o direito*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2005, p. 73-91. “Hannah Arendt e a crise da política na modernidade.” In: Adriano Codato. (Org.). *Tecendo o presente: oito autores para pensar o século XX*. Curitiba: SESC Paraná, 2006, p. 53-65. “Autonomia e Liberdade: (im)possibilidades contemporâneas.” In: Anderson Gonçalves; Débora Morato Pinto; Luiz Damon Santos Moutinho; Paulo Vieira Neto; Rodrigo Brandão. (Org.). *Questões de Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial, 2006, p. 11-24. “Hannah Arendt e a biopolítica: a fixação do homem como animal laborans e o problema da violência.” In: Adriano Correia. (Org.). *Hannah Arendt e a Condição Humana*. Salvador: Quarteto Editora, 2006, p. 147-162. “Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault.” In: Margareth Rago; Alfredo Veiga Neto. (Org.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 45-56. “Biopolitics and the dissemination of violence: the Arendtian critique of the present.” In: Garrath Williams. (Org.). *Hannah Arendt. Critical Assessments of Leading Political Philosophers*. Abingdon, UK: Routledge, 2006, v. 3, p. 408-423. “Hannah Arendt, Biopolitics and the problem of violence: from animal laborans to homo sacer.” In: Dan Stone; Richard King. (Org.). *Hannah Arendt and the uses of history: imperialism, nation, race and genocide*. Londres: Berghahn Books, 2007, p. 21-37. “De Michel Foucault a Giorgio Agamben: a trajetória do conceito de biopolítica.” In: Ricardo Timm de Souza; Nythamar Fernandes de Oliveira. (Org.). *Fenomenologia Hoje III - Bioética, biotecnologia, biopolítica*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2008, p. 63-87. “Heidegger e a técnica”. In: Vinicius de Figueiredo. (Org.). *Filósofos na sala de aula*. SP: Berlendis&Vertecchia, 2009, p. 202-245. “Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo.” In: Rago, Margareth; Veiga-Neto, Alfredo. (Org.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 35-50. “Heidegger, filósofo da essência da técnica moderna.” In: Róbson Ramos dos Reis; Andréa Faggion. (Org.). *Um filósofo e a multiplicidade de dizeres: homenagem aos 70 anos de vida e 40 de Brasil de Zeljko Loparic*. Campinas: Unicamp/CLE, 2010, p. 53-86. “Historia y política en la filosofía de Heidegger entre 1927-1936.” In: Veiga, Itamar; Schio, Sonia. (Org.). *Heidegger e sua época: 1920-1930*. Porto Alegre: Clarinete, 2012, v. 1, p. 199-229.

Boa parte deste material foi posteriormente retrabalhado e aprofundado e, com o acréscimo de mais alguns textos, permitiu-me compor o livro *Vidas em Risco: crítica do*

presente em Arendt, Heidegger e Foucault, publicado em 2010 pela editora GEN/Forense Universitária. Nele, procurei mostrar a unidade subjacente à aparente disparidade de meus interesses intelectuais, construídos em torno à pesquisa das obras de Hannah Arendt, Foucault e de Heidegger, autores que parecem, ao menos à primeira vista, não compartilhar qualquer afinidade teórica entre si. Nos 15 capítulos que compuseram este livro procurei articular duas ideias centrais. Por um lado, argumentei que a vida humana está exposta a toda sorte de riscos na modernidade tecnocientífica. O século XX que testemunhou o progresso tecnológico e os confortos e facilidades que conhecemos e de que desfrutamos, foi também aquele no qual aproximadamente 190 milhões de pessoas morreram em função direta ou indireta da violência tecnológica de guerras locais ou mundiais. Mas havia também outros sentidos, menos evidentes, contidos na associação proposta entre vida e risco. Quanto mais avançamos na direção do futuro hipertecnológico e biopolítico a que estamos destinados, tanto mais a vida humana assume uma centralidade e uma relevância inauditas em épocas pré-modernas. Não por acaso, termos e conceitos como biopolítica, bioética, biotecnologia, biogenética, sociedade de risco, vidas supérfluas, vidas precárias, destruídas pelo capital ou pelo terrorismo, tornaram-se moeda corrente nos debates teóricos e na mídia contemporânea. Vivemos numa época em que a valorização e o incentivo da vida se fazem acompanhar da depreciação e do descarte dessa mesma vida. Se não podemos escapar a nosso destino moderno, biopolítico e biotecnológico, isso tampouco implica qualquer fatalidade, como se nada restasse por fazer e pensar. Afinal, quando a vida é projetada como nosso bem supremo, ao mesmo tempo em que é cotidianamente degradada ao plano de algo supérfluo, justamente então se faz preciso *correr o risco* de viver, pensar e agir de *outro* modo. Somente quem sabe que sua vida se encontra *em risco* pode *arriscar-se a viver e pensar* de outro modo. Ora, justamente considero que esta é uma tarefa com a qual se comprometeram Heidegger, Arendt e Foucault ao empreenderem seus diagnósticos críticos do presente.

Por outro lado, e este era o segundo vetor de organização dos capítulos daquele livro, pareceu-me também que os ensaios ali reunidos formavam um conjunto coerente de temas e problemas relacionados a certo caminho da filosofia política contemporânea. Uma via metodológica menor, alternativa, não-hegemônica e que teria como referências fundamentais as reflexões de Nietzsche e Heidegger, as quais teriam se ramificado e se bifurcado nas ideias de Foucault, Arendt e Agamben, dentre outros autores. De fato, temos aí um conjunto heterogêneo de pensadores que desenvolveram suas reflexões na forma do ensaio experimental, visando formular um diagnóstico filosófico da atualidade. Michel Foucault denominou essa vertente teórica da filosofia política contemporânea como o “pensamento

crítico que tomou a forma de uma ontologia de nós mesmos, de uma ontologia da atualidade.”³ Foi em torno a essa definição que os ensaios daquela coletânea reuniram autores que, talvez, não imaginássemos encontrar lado a lado em um mesmo álbum de família, como Arendt, Foucault e Heidegger. A possibilidade de associar temas, conceitos e autores cuja relativa proximidade não pode desconsiderar as singularidades teóricas que os especificam e os afastam entre si, encontra em uma sentença de Nietzsche a sua condição de possibilidade: “Eu desconfio de todos os sistemáticos e afasto-me do seu caminho. A vontade de sistema é uma falta de honestidade”.⁴ É claro que essa afirmação já não tem exatamente o mesmo sentido que tinha quando Nietzsche a pronunciou, pois, desde então, a própria vontade de sistema deixou de orientar ao menos uma parte considerável da filosofia contemporânea. No entanto, ainda hoje se fazem ouvir críticas segundo as quais o pensamento somente pode ser rigoroso se assumir rígidas exigências metodológicas e fundacionais, sem as quais estaria fadado aos erros políticos e morais do misticismo e do fundamentalismo. Contudo, se a sentença nietzschiana continua a dar o que pensar, creio que isso se deve ao fato de que ela franqueia o acesso à experiência livre e móvel do pensamento, campo no qual se exercitaram com maestria Arendt, Heidegger e Foucault.

Deste modo, em se tratando de ensaios a respeito de pensadores não sistemáticos como Arendt, Heidegger e Foucault, os quais jamais pretenderam esgotar os problemas abordados em seus campos próprios de reflexão, considere que se abria a possibilidade de ensaiar combinações e aproximações, sem que me visse obrigado a estabelecer hierarquias, influências e linhas de ascendência ou descendência entre eles. Se Heidegger, Arendt e Foucault continuam a fascinar seus leitores, isso se deve também ao fato de que as lacunas e silêncios de seu pensar exigem do leitor uma tomada de posição, um colocar-se nos espaços vazios e silenciosos do pensamento alheio. Essa é, aliás, a condição que torna possível pensar *com* tais autores, *entre* eles e mesmo *para além* deles, conduzindo-os e conduzindo-nos por caminhos reflexivos que eles próprios não frequentaram. Assim, o que pretendi naquele livro foi enriquecer o pensamento de cada um deles pelo pensamento dos outros, estabelecendo uma *confrontação* em que cada um foi posto frente a frente aos demais, a fim de ampliar nossa própria compreensão da atualidade. Por certo, não pretendi demonstrar que Arendt, Foucault e Heidegger ocupariam um mesmo lugar de pensamento, como se as inegáveis diferenças teóricas existentes entre seus modos próprios de pensar fossem apenas circunstanciais. Por outro lado, aceitei correr o risco de aproximar autores singulares, porque

³ Foucault, M. *Dits et Écrits*, volume IV, Paris, Gallimard, 1994, p. 688.

⁴ Nietzsche, F. “Sentenças e Farpas”, § 26, in *Crepúsculo dos Ídolos*. Lisboa: Guimarães editores, 2002, p. 21.

considere que o risco seria inerente a toda interpretação, a qual, de todo modo, sempre recorta e seleciona os textos interpretados a fim de ressaltar neles algo que até então não fora suficientemente percebido por outros intérpretes.

Foi seguindo tais perspectivas interpretativas que Foucault, Arendt e Heidegger apareceram reunidos em torno a determinadas questões cruciais do nosso tempo, nas quais a vida humana apresenta-se sujeita a toda sorte de riscos. O primeiro bloco de ensaios abordava os diagnósticos ou as narrativas filosóficas da modernidade propostas por Heidegger, Arendt e Foucault, assim como suas próprias tentativas de ultrapassá-la rumo a uma nova experiência do presente e de sua inteligibilidade. O segundo bloco de ensaios abordava o problema e os perigos da técnica, da ciência e da biopolítica, também eles centrais para as reflexões de Heidegger, Arendt e Foucault. Finalmente, o terceiro bloco de ensaios dizia respeito à exigência de repensar as relações entre teoria e prática, da qual se derivam as vias abertas por Heidegger, Arendt e Foucault para a reflexão contemporânea em torno a uma ética não metafísica, desprovida de fundamentos últimos.

O projeto de pesquisa “Comunidades Plurais: ação e estética da existência na política contemporânea” foi financiado com uma bolsa da Capes para atividades de pós-doutorado na Université de Paris 7, Denis Diderot, sob supervisão de Étienne Tassin, entre 2011-2012. Em linhas gerais, o projeto destinava-se a pensar as condições políticas do ser-em-comum democrático na contemporaneidade. Esta é uma questão urgente para o pensamento político contemporâneo em função dos perigos que rondam as democracias no presente, tais como a biopolítica, a privatização do espaço público, a despolitização e o fechamento da cidadania democrática para aqueles que a própria democracia não reconhece, de fato ou de direito, como seus verdadeiros cidadãos. A fim de cumprir esse objetivo geral, propus dois objetivos específicos e complementares. Por um lado (a), tratava-se de reconstituir e apresentar, em seus traços gerais, a concepção de comunidade estabelecida por Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy, Giorgio Agamben e Roberto Esposito, autores que propuseram uma interrogação radical a respeito do ser-em-comum. A hipótese que orientava aquela etapa da pesquisa era que a originalidade desse questionamento da comunidade se devia ao diálogo filosófico daqueles pensadores com o campo ontológico da desconstrução da metafísica da subjetividade inaugurada por Heidegger, motivo pelo qual a discussão do ser-em-comum que tais autores propuseram não se confundiria com o debate contemporâneo entre liberais, comunitaristas e republicanos cívicos. Por outro lado (b), aquela pesquisa também pretendia formular o conceito de comunidades plurais. Com este conceito procurei definir um conjunto de critérios teóricos destinados a compreender as condições de constituição de espaços

políticos comuns, de caráter alternativo em relação às instituições democráticas formais, visando renovar e potencializar a experiência democrática contemporânea. Com o conceito de comunidades plurais, pretendi interrogar a potência política dos novos movimentos sociais e dos coletivos autônomos, bem como compreender as armadilhas políticas e identitárias que os espreitam. Para a formulação daquele conceito, busquei inspiração na discussão e confrontação de três fontes teóricas básicas: as críticas do pensamento da comunidade à concepção da comunidade como realidade subsistente e à definição do ser-em-comum pelo recurso às noções de identidade e de subjetividade; os conceitos políticos arendtianos de “ação”, “discurso”, “performance”, “poder”, “liberdade”, “pluralidade” e “singularidade”; e os conceitos ético-políticos foucaultianos de “estética da existência”, “cuidado de si”, “*parresía* democrática”, “governo de si e dos outros”, “resistência”, “subjetivação” e “forma de vida”. Tais conceitos arendtianos e foucaultianos permitiriam questionar a prioridade tradicionalmente atribuída às noções de identidade e de subjetividade na política contemporânea, ao enfatizar as experiências da ação, do discurso e da liberdade políticos, por meio do desempenho ativo de uma pluralidade de agentes capazes de revelar publicamente sua singularidade. Simultaneamente, também permitiriam enfatizar a experiência ético-política de uma estética da existência canalizada para as práticas *parresiásticas* do dizer-a-verdade em público e corajosamente, e para a criação de novas formas de vida e de sociabilidade entre os agentes políticos. A hipótese que orientou a segunda parte daquela investigação foi a de que tais experiências políticas constituiriam condições necessárias para a formação e multiplicação de comunidades políticas simultaneamente plurais e singulares, não-identitárias. Pensar a formação de comunidades políticas plurais seria o mesmo que pensar a formação de vínculos políticos que não se definem essencialmente, mas apenas estrategicamente, pelo recurso à noção de identidade ou pela referência a quaisquer características comuns previamente dadas ou inscritas no ser dos agentes, tais como as definidas pelas categorias de classe social, etnia, gênero, povo, língua, religião, etc.

Este projeto também demarcou o momento em que as minhas pesquisas ganharam relativa autonomia em relação ao estudo aprofundado da obra daqueles filósofos contemporâneos que vinham me ocupando até então. A partir dele, tratava-se de pensar algumas realidades políticas mais concretas, sobretudo no Brasil, valendo-me de intuições e conceitos oriundos de Heidegger, Arendt e Foucault, sem preocupar-me em estabelecer as condições hermenêuticas para aqueles diálogos, aspecto que havia sido mais extensivamente abordado no livro *Vidas em risco*. Deste projeto de pesquisa resultaram os seguintes artigos, publicados em revistas nacionais e estrangeiras: “Hannah Arendt como pensadora da

comunidade.” In *O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 29, p. 22-40, 2011. “Singularização e subjetivação: Arendt, Foucault e os novos agentes políticos do presente.” In *Princípios*, v. 19, p. 10-34, 2012. “A cidade como espaço de intervenção dos coletivos: resistência e novas formas de vida urbana.” In *Ecopolítica*, v. 4, p. 33-54, 2012. “Pensée de la communauté et action politique: vers le concept de communautés plurielles.” In *Rue Descartes*, v. 76, p. 21-41, 2012. “Heidegger e o pensamento contemporâneo da comunidade: para uma hermenêutica ontológica do ser-em-comum.” In *Revista Ek-stasis*, v. 1, p. 62-82, 2012. “Estética da existência como política da vida em comum: Foucault e o conceito de comunidades plurais.” In *O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 31, p. 175-196, 2012. Em conjunto com Maria Rita de Assis César e Jamil Cabral Sierra, “Governamentalização do Estado, movimentos LGBT e escola: capturas e resistências.” In *Revista Educação* (PUCRS. Online), v. 36, p. 192-200, 2013. Também em conjunto com Maria Rita César, “Foucault e as lutas políticas do presente: para além do sujeito identitário de direitos.” In *Psicologia em Estudo* (Impresso), v. 9, p. 401-414, 2014. “Comunidade, singularização e subjetivação: notas sobre os coletivos políticos do presente.” In *O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 35, p. 12-34, 2015. “Michel Foucault: autour des nouvelles communautés politiques.” In *Chimères* (Paris. 1987), v. 65, p. 65-72, 2016.

O projeto em torno da temática das Comunidades plurais também resultou na publicação dos seguintes capítulos de livro, no Brasil e no exterior: “Hannah Arendt y el pensamiento de la comunidad: apuntes hacia el concepto de comunidades plurales.” In: Huinziquer, P.; Bucci, C.; Smola, J.. (Org.). *Lecturas de Arendt. Diálogos con la literatura, la filosofía y la política*. Buenos Aires: Editorial Bruja, 2012, p. 45-75. Em conjunto com Maria Rita César e Jamil C. Sierra, “A estética da existência e as artes de viver: Michel Foucault e a crítica da noção de sujeito nos movimentos Feminista, LGBT e na Educação.” In: Claretto, S. M.; Ferrari, A. (Org.). *Foucault, Deleuze, Educação*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013, p. 63-80. Também em conjunto com Maria Rita de Assis César, “Foucault e o pensamento-escritura como experiência transformadora de si e dos outros.” In: Heliana de Barros Conde Rodrigues; Vera Portocarrero; Alfredo Veiga-Neto. (Org.). *Michel Foucault e os saberes do Homem*. Curitiba: Editora Prismas, 2016, p. 341-360. “Foucault e os coletivos políticos: novas formas de vida para além do sujeito identitário de direitos.” In: Haroldo de Resende. (Org.). *Michel Foucault: política, pensamento e ação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 35-50. Novamente em conjunto com Maria Rita César, “Michel Foucault: autour des nouvelles communautés politiques.” In: Guyonne LEDUC. (Org.). *Inégalités Femmes-Hommes et Utopie(s)*. Paris: l'Harmattan, 2017, v. 1, p. 220-235. “Foucault vai ao cinema: Tatuagem e Febre do Rato como desgoverno das identidades sexuais.” In: Duarte, Pedro;

Gatti, Luciano; Chaves, Ernani. (Org.). *Filosofia - Coleção Ensaios Brasileiros Contemporâneos*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2017, v. 1, p. 267-284.

O projeto “Comunidades plurais”, que não considero encerrado, ao discutir as proposições ontológico-políticas dos chamados “pensadores da comunidade”, os quais defendem formas de organização política não embasadas numa noção de pertencimento fundada na comum partilha de características identitárias, levou-me à temática central do meu atual projeto de pesquisa junto ao CNPq, que tem como título: “Vida, política e filosofia na obra de Judith Butler.” Assim como aqueles pensadores, Butler também aborda o fenômeno político da associação coletiva ou comunitária a partir da recusa das figuras da homogeneidade identitária. Em certa medida, tanto para Butler quanto para os pensadores da comunidade, o problema se encontra em que toda forma de fusão dos membros comunitários em torno a características comuns, sejam elas de natureza social, linguística, étnica, histórica, religiosa, de gênero ou orientação sexual, dentre outras, acabaria por dissolver as condições de possibilidade da própria comunidade, a qual se fratura e se desfaz quando exposta às diferentes manifestações de violência que incidem sobre aqueles sujeitos que não se subordinam aos parâmetros normativos hegemônicos de definição de pertencimento.

Assim, à medida que amadurecia a investigação do projeto anterior, *Comunidades plurais: ação e estética da existência na política contemporânea*, pouco a pouco foi se tornando patente a necessidade de estabelecer um diálogo aprofundado com o pensamento filosófico, ético e político de Judith Butler, autora de máxima proeminência no debate contemporâneo mundial em filosofia e ciências humanas, porém ainda pouco conhecida e estudada no âmbito filosófico nacional. Em artigo publicado na Revista francesa *Rue Descartes* eu já havia observado criticamente que os questionamentos ontológicos dos chamados pensadores da comunidade, como Jean-Luc Nancy (1986), Maurice Blanchot (1983), Roberto Esposito (2003) e Giorgio Agamben (2006), a despeito de ricos em implicações políticas, pareciam afastar-se demasiadamente do campo das lutas do presente. A despeito da riqueza da reflexão ontológica que embasa as inovadoras concepções de comunidade daqueles pensadores, suas considerações permaneciam um tanto abstratas, pois não pareciam evidenciar de que maneira tal aporte teórico se articulava às experiências políticas contemporâneas nas quais os agentes políticos não se definem de maneira exclusiva por qualquer forma de identidade substancializada. Ora, foi para suprir essa lacuna que a nova investigação se orientou para uma discussão do pensamento de Butler. A aposta é a de que ela talvez possa oferecer formulações éticas, políticas e ontológicas mais interessantes para se pensar as relações entre vida, filosofia e política no mundo contemporâneo, tanto mais porque

sua obra se volta explicitamente para a discussão de formas de ação política próprias de nosso tempo, tais como as levadas a cabo por coletivos políticos não-identitários de minorias e por movimentos sociais de amplo espectro, tais como os movimentos sociais contra as guerras e o terror, pela extensão da cidadania a imigrantes ilegais e contra a violência estatal discriminatória e genocida, bem como contra os efeitos destrutivos da globalização. Deste modo, meu interesse por investigar a trajetória do pensamento de Judith Butler não se dissocia da exigência de questionar os efeitos e implicações ético-políticos de sua obra no plano das lutas políticas do presente.

Ademais, ao discutir as relações entre a crítica da noção de identidade proposta pelos pensadores da comunidade e as lutas políticas do presente, também fui conduzido a interrogar os movimentos políticos de minorias que se organizam em torno a um fundamento ontológico subjetivista, de natureza identitária e estável, da qual derivam seu entendimento do sujeito de direitos. Ora, essa discussão acabou por conduzir minha reflexão ao pensamento inicial de Butler, cuja obra seminal *Gender Trouble* tem como subtítulo, justamente, *Feminism and the subversion of identity*.⁵ Naquela obra, Butler criticava a concepção do feminismo como uma teoria e uma política que têm como fundamento a ‘mulher’ como sujeito ontológico estável, em nome do qual se levam a cabo lutas políticas em um contexto de política representativa. Segundo tal concepção, a política feminista deveria representar a mulher de maneira verdadeira, isto é, sem distorcer o seu ser e os interesses inerentes a ele, supondo-se então que tal categoria designaria um sujeito coeso e idêntico a si mesmo. No entanto, Butler também observava que as suposições que vinculam o feminismo, a política representativa e o sujeito mulher começavam a se mostrar questionáveis do ponto de vista de certas reflexões feministas, para as quais “O próprio sujeito mulheres já não é mais entendido em termos estáveis ou constantes.”⁶ Neste contexto, Butler também asseverava que a própria ideia de representação se encontrava sob desconfiança: “Os domínios da ‘representação’ política e linguística estabelecem previamente os critérios pelos quais os próprios sujeitos são formados, tendo como resultado que a representação se estende apenas àquilo que pode ser reconhecido como um sujeito. Em outras palavras, as qualificações para ser sujeito devem ser cumpridas antes que a representação possa ser estendida.”⁷ Já então Butler recorria expressamente ao

⁵ Butler, J. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

⁶ Butler, J. *Gender Trouble*, p.1

⁷ Butler, J. *Gender Trouble*, pp. 1-2

pensamento de Foucault a fim de argumentar que os “sistemas jurídicos de poder *produzem* os sujeitos que tais sistemas vem depois a representar.”⁸

Uma vez mais, a reflexão de Butler parecia complementar e aprofundar as críticas ao subjetivismo e à política representativa que permeavam a reflexão dos teóricos da comunidade, apresentando, contudo, ao menos duas vantagens adicionais: considerando-se apenas a obra *Gender Trouble*, tal reflexão crítica sobre as noções de sujeito, sujeito de direitos, identidade e representação endereçava-se especificamente aos movimentos políticos de minorias, para os quais a autora propunha uma concepção “anti-fundacionalista para a política de coalizão”.⁹ Para Butler, tal política de coalizão não pretenderia estabelecer um consenso em torno do significado da categoria ‘mulher’, nem tampouco teria como meta alcançar tal consenso ou unidade, mas se organizaria no curso de lutas comuns capazes de associar e identificar agentes políticos distintos, preservando, contudo, suas diferenças e distinções: “Talvez uma coalizão precise reconhecer suas contradições e agir com tais contradições intactas. Talvez parte daquilo que a compreensão dialógica propicia seja a aceitação da divergência, da quebra, da divisão e da fragmentação como parte do processo tortuoso de democratização.”¹⁰ Além disso, sempre seguindo os passos da reflexão foucaultiana, Butler também ampliava o escopo da própria noção de política de resistência ao incorporar uma importante reflexão sobre certas práticas cotidianas de gays e lésbicas, as quais subvertem os padrões hegemônicos de classificação e hierarquização das experiências de corpo, gênero e sexualidade. Assim, a constatação da existência de seres que não estão conformes às normas de inteligibilidade de gênero indicaria justamente que aquelas normas não são universais, mas antes limitadas, o que abre a possibilidade da constituição de novas matrizes de inteligibilidade, entendidas como “matrizes rivais e subversivas de desordem de gênero”.¹¹

Finalmente, do ponto de vista de minha trajetória intelectual, o recurso a Butler parecia justificar-se ainda porque autores como Arendt e Foucault encontram-se continuamente presentes em seus textos, no papel de interlocutores privilegiados dos quais a autora se apropria e dos quais se distancia. Ademais, Butler também me permitia seguir interrogando a relação entre vida e política no mundo contemporâneo, aspecto que se encontra no centro da importante clivagem conceitual por ela proposta, aquela que divide as vidas vivíveis e viáveis, isto é, as vidas que merecem viver, ser protegidas, incentivadas e

⁸ Butler, J. *Gender Trouble*, p. 2

⁹ Butler, J. *Gender Trouble*, p. 15

¹⁰ Butler, J. *Gender Trouble*, pp. 14-15

¹¹ Butler, J. *Gender Trouble*, p. 17

pranteadas, e as vidas precárias, isto é, abjetas, indignas ou inumanas, expostas à vulnerabilidade, à violência e à morte. Trata-se de uma temática que eu já vinha abordando no âmbito da discussão do conceito de biopolítica, e que agora a reflexão de Butler me permite aperfeiçoar e matizar. Cabe também observar que a preocupação da autora para com o problema da partilha entre as vidas viáveis e as vidas precárias, maximamente expostas à degradação de suas condições vitais, constitui-se no âmbito de um movimento de pensamento que se aproxima sobremaneira da reflexão arendtiana, sugerindo certo deslocamento teórico em relação ao gesto mais propriamente genealógico e desconstrutivo de suas obras iniciais, claramente inspiradas em Foucault e Nietzsche. Ora, essa aparente mutação teórica suscita o interesse por compreender as transformações e inflexões teóricas do pensamento de Butler.

Com relação ao pensamento de Hannah Arendt, observo que se dá uma crescente aproximação para com ele, a partir do momento em que Butler passa a se interessar mais especificamente por questões relativas à ética, à teoria política, ao problema da violência estatal e às formas de ação política de movimentos sociais mais amplos, como os de caráter pacifista e antiglobalização. Arendt se torna uma autora central para Butler no contexto de sua preocupação com a garantia das condições éticas e políticas de viabilidade da vida, particularmente no contexto de suas críticas recentes à política externa israelense. Assim, em textos recentes Butler tem ressaltado e valorizado a ideia arendtiana de que, por meio do agir e discursar coletivos, instauram-se novos espaços políticos entre os agentes, gerando-se assim potentes efeitos de politização e de criação de espaços públicos que excedem as fronteiras de legitimação da esfera pública formal e institucionalmente constituída, aspecto que sempre me interessara e que eu explicitara em diversas publicações anteriores. Em sua reflexão sobre o movimento *Occupy Wall Street*, por exemplo, Butler afirma que a reflexão de Arendt seria dotada de forte potencial performativo, especialmente em função de sua concepção de que, “ao agir, trazemos o espaço da política ao ser, entendido como o espaço da aparência.”¹² Por certo, já desde *Who sings the nation* (2007) Arendt fornece a Butler ideias e noções centrais quanto às potencialidades inovadoras do agir político em concerto, quanto à questão do “direito a ter direitos”, bem como acerca das garantias éticas e políticas para a preservação da viabilidade da vida, recursos teóricos com os quais a autora tem criticado as políticas estatais contemporâneas de caráter genocida, as quais pretendem definir o que ninguém pode definir, isto é, com quem queremos dividir a vida na Terra, negando-se assim a pluralidade como condição inescapável da vida política.

¹² Veja-se a conferência de Butler “Bodies in Alliance and the Politics of the Street”. 2011. Disponível em <http://www.eipcp.net/transversal/1011/butler/en>

No entanto, se Butler ressalta suas dívidas intelectuais para com as reflexões de Arendt sobre a tradição judaica e os conflitos entre Israel e Palestina, dentre outros aspectos, ela também afasta criticamente sua própria concepção sobre a relação entre política e precariedade de aspectos centrais do pensamento arendtiano. Assim, ao tomar o sistema de necessidades dos corpos vivos como o fundamento sem-fundo das próprias demandas normativas ético-políticas destinadas a garantir a viabilidade da vida, Butler critica resolutamente a posição arendtiana, que em sua opinião não seria capaz de articular de maneira clara e positiva as dimensões da liberdade e da necessidade, do público e do privado. Para Butler, “quando a sobrevivência não apenas de indivíduos, mas de populações inteiras, está em questão, então a política depende de saber se e como uma formação social responde a demandas para prover necessidades básicas como as de abrigo, alimentação e proteção contra a violência.”¹³ Cabe, entretanto, perguntar se esta concepção acerca dos limites do pensamento político arendtiano seria mesmo inquestionável, posto que considero possível argumentar que uma leitura cuidadosa do pensamento de Arendt não nos levaria a determinar que questões que um dia foram determinadas como privadas ou sociais não possam tornar-se agora questões políticas fundamentais, como aquelas relacionadas à ecologia ou à hierarquia e violência de gênero, por exemplo. Defendi este argumento nos textos “Poder, violência e revolução no pensamento político de Hannah Arendt.” In *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 21, p. 13-27, 2016; e “Hannah Arendt e o pensamento político: a arte de distinguir e relacionar conceitos.” In *Argumentos: Revista de Filosofia (Online)*, v. 1, p. 39-63, 2013.

Em função destes motivos, considerarei que a melhor maneira de dar prosseguimento e aprofundar as pesquisas que vinha desenvolvendo seria abrir espaço para uma análise mais detalhada e aprofundada da obra de Judith Butler. Acredito que este projeto de pesquisa é pertinente não apenas do ponto de vista das exigências teóricas inerentes à reflexão sobre as relações entre vida e política no mundo contemporâneo, quanto também do ponto de vista da necessidade de começar a suprir a escassez de estudos filosóficos a respeito do pensamento butleriano no Brasil. Considero urgente que a reflexão filosófica brasileira se abra para o questionamento e problematização das relações de gênero, do feminismo, da sexualidade e para a discussão dos movimentos políticos de minorias. De meu ponto de vista, esta grave lacuna deve ser superada por meio de uma maior interação interdisciplinar entre a filosofia e as pesquisas em curso no campo das ciências humanas, mais avançadas na discussão e recepção crítica daqueles assuntos do que o campo dos estudos filosóficos, embora

¹³ Idem, p. 6

importantes transformações já sejam observáveis aí, sobretudo com a recente tradução de obras de Butler para o português.

Até o presente momento, esta pesquisa sobre a reflexão de Judith Butler já produziu as seguintes publicações em periódicos e capítulos de livro: “Judith Butler e Hannah Arendt em diálogo: repensar a ética e a política.” In: Cesar Candiotto; Jelson Oliveira. (Org.). *Vida e Liberdade: entre a ética e a política*. Curitiba: PUCPRESS, 2016, p. 311-336. “Reler Foucault à luz de Butler: repensar a biopolítica e o dispositivo da sexualidade.” In Dois Pontos (UFPR) v. 14, p. 253-264, 2017. Em parceria com Maria Rita César, há o artigo “Inútil resistir ao dispositivo da sexualidade? Foucault e Butler sobre corpos e prazeres.” In Revista de Filosofia Aurora online, v. 28, p. 947-967, 2016. Sobre essa temática há ainda mais dois capítulos de livro internacionais aprovados para publicação, um na Argentina e outro na França.

Recordo ainda que criei em 2005 o Grupo de Estudos cadastrado no CNPq e certificado na UFPR intitulado Ontologia, Fenomenologia e Hermenêutica, que lidero até hoje, e que é composto por reconhecidos pesquisadores e alunos de diversas universidades nacionais versando sobre aqueles tópicos. Atualmente, integro também o Labin - Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Subjetividade na Educação - grupo também cadastrado no CNPq e certificado na UFPR, sob a liderança de Maria Rita de Assis César. Participam desse grupo docentes e alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, do qual também faço parte na condição de membro permanente, tendo ali, sob minha orientação, uma discente com pesquisa de doutoramento. Minha aproximação e integração na linha de pesquisa Diversidade, Diferença e Desigualdade Social do PPG-Educação explica também os 7 artigos e os 2 capítulos de livro versando sobre temáticas relativas à educação e sobre diversidade sexual, em parceria com Maria Rita César. Destes, resalto os artigos “Governamento e Pânico Moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios.” In EDUCAR EM REVISTA, v. 33, p. 141-155, 2017. E nossa primeira colaboração no campo educacional, o texto “Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo.” In Educação e Pesquisa (USP. Impresso), v. 36, p. 823-837, 2010.

Para encerrar este tópico relativo à minha trajetória acadêmica, gostaria de retomar a discussão acerca de meus interesses intelectuais sobre a filosofia de Heidegger. O assunto é complexo e me acompanha de longa data, ao menos desde 1996, quando apresentei o texto “Arendt’s approaches to Heidegger” no New England Political Science Association, Eastern section. Ele é preponderante na tese de doutorado, mas também reaparece em um apêndice que não constava da tese, mas que foi incluído no livro publicado, *O pensamento à sombra da*

ruptura, no ano de 2000. À parte meu interesse na discussão das relações teóricas entre Heidegger e Arendt e entre Heidegger e Foucault, o aspecto que merece atenção aqui é outro. Trata-se da avaliação teórica que construí acerca das possíveis contribuições de Heidegger para repensar a política, e quanto à formulação de seu diagnóstico crítico da modernidade.

Como afirmei anteriormente, minha hipótese teórica era a de que a filosofia de Heidegger não estaria fundamentalmente comprometida com a defesa do nacional-socialismo desde o período de maturação e publicação de *Ser e Tempo*. Entretanto, ela passaria por um breve período de profundo engajamento filosófico-político entre os anos de 1931-1936, até que alguns textos do filósofo começariam a dar testemunho de um gradativo afastamento intelectual em relação ao nazismo, até um suposto afastamento total, demarcado sobretudo a partir de meados dos anos 40, tendo como culminação as reflexões do autor sobre a técnica e sobre o ser da linguagem. De fato, publiquei diversos textos em torno a esse assunto, sempre assumindo uma posição teórica matizada em relação à oposição frontal que caracteriza as posições assumidas por diversos intelectuais em uma grande contenda internacional. Nesta, encontramos autores que defendem duas posições extremas, quais sejam, a posição segundo a qual nada na reflexão teórica de Heidegger justificaria sua adesão pessoal ao nazismo, a qual encontra nas reflexões de François Fédier um forte representante, ou a posição segundo a qual todo o pensamento de Heidegger seria, do começo ao fim, marcado pela mancha de sua adesão política e intelectual ao partido, tese proposta por Victor Farias e Emmanuel Faye, dentre outros.

Essa posição matizada, contudo, começou a ser posta em xeque a partir da publicação dos famosos *Cadernos Negros* de Heidegger, cuja leitura, ainda que parcial, visto que a integralidade dos volumes ainda não foi publicada na Alemanha, levantou diversas dúvidas quanto à pertinência de algumas teses que eu até então defendera. Meu ‘acerto de contas’ com o pensamento de Heidegger foi explicitado em minha participação no XIX Colóquio Heidegger, o último de que participei, acontecido em 2014 na Unifesp, em São Paulo. O texto que ali apresentei foi posteriormente retrabalhado e publicado com o título “Heidegger, a política e o antissemitismo: reflexões a partir do livro de Peter Trawny”, na revista *O Que nos Faz Pensar* (PUCRJ), v. 36, p. 27-51, 2015.

Nele, discuti aspectos centrais do livro de Peter Trawny, *Heidegger e o mito da conspiração judaica mundial*,¹⁴ em que o autor analisa o antissemitismo historial-filosófico contido em algumas sentenças dos *Cadernos Negros* de Heidegger. Por certo, o livro contém

¹⁴ Trawny, P. *Heidegger und der Mythos der jüdischen Welverschwörung*. Frankfurt a.M.: Klostermann, 2014.

alguns graves exageros, relativos, sobretudo, à equação um tanto rápida e desprovida de documentação, entre a noção heideggeriana de ‘maquinação’, elaborada no contexto de sua história do ser, e certas teses ideológicas dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, relativas a um suposto complô mundial judaico. No entanto, em linhas gerais o livro de Trawny contribui para a discussão das ambiguidades e problemas relativos à definição da dimensão política da História do Ser de Heidegger, escapando às alternativas fáceis da defesa ou da condenação *a priori* de sua filosofia. Em síntese, argumentei que Heidegger sempre recusara, por motivos filosóficos, o antissemitismo racial-biológico do Nazismo, ao mesmo tempo em que certas sentenças teóricas suas se caracterizariam por um antissemitismo espiritual ou filosófico, o qual, por sua vez, permitiria amalgamar algumas de suas especulações metafísicas sobre a modernidade a preconceitos antijudaicos bastante comuns e muito disseminados pela ideologia nazista. Deste modo, concluí que alguns aspectos do diagnóstico filosófico de Heidegger sobre a modernidade teriam sido expostos a um inquietante fundo de arbitrariedade ideológica, a qual resultaria de uma ambiguidade fundamental entre as dimensões ôntica e ontológica de seu pensamento. No meu texto, propus também uma interpretação preliminar das principais sentenças antissemitas de caráter filosófico-historial encontradas nos *Cadernos Negros* já publicados, bem como dei início à reavaliação de algumas hipóteses interpretativas sustentadas por mim em estudos anteriores, centrando a atenção na relação entre filosofia, história e política no pensamento heideggeriano. De fato, quem quer que considere a filosofia heideggeriana como fonte relevante para a formulação de um diagnóstico filosófico a respeito da modernidade, não pode continuar a pensar com Heidegger senão interrogando o significado, a amplitude e o impacto filosófico e político de certas sentenças encontradas nos *Cadernos Negros*.

Em sua interpretação dos *Cadernos Negros*, Trawny observou que as sentenças preconceituosas de Heidegger sobre o povo judeu começaram a aparecer entre 1938-1941, isto é, no contexto de maturação de sua reflexão metafísica sobre a História do Ser. Já a partir do início dos anos 30, Heidegger pensa que a força espiritual do primeiro início do pensamento filosófico ocidental teria chegado ao fim em seu próprio tempo histórico. Diante dessa constatação, o filósofo enxerga no nacional-socialismo, tal como ele próprio o interpreta filosoficamente, a missão suprema de reatar os laços do pensamento Ocidental com sua origem essencial grega. Tal narrativa filosófica teria então dois atores principais: os Gregos, situados no primeiro início, e os Alemães, situados no final da tradição, mas destinados metafisicamente a ensejar um outro início. Segundo Trawny, a partir do começo dos anos 30 Heidegger enredaria sua filosofia nos meandros de uma alternativa historial-maniqueísta: ou

os alemães seriam capazes de instaurar um outro início do pensamento ocidental, ou então todo o Ocidente deixar-se-ia levar de maneira indecisa para o abismo do esgotamento espiritual, tese que já aparece formulada no *Discurso do Reitorado*.

A grande novidade teórica do livro de Trawny quanto à discussão das relações entre filosofia, história e política no pensamento de Heidegger consiste em mostrar que, justamente no momento em que o filósofo mais parecia distanciar-se criticamente do nazismo realmente existente, isto é, por volta de 1937-1941, exatamente então ele comprometeu aspectos centrais de seu pensamento filosófico acerca da modernidade com preconceitos antissemitas assemelhados àqueles professados pela ideologia nazista. Para o autor, quanto mais entraram em crise a Alemanha e a sua própria concepção filosófica de que caberia aos alemães a tarefa da salvação das forças espirituais do pensamento ocidental, tanto mais Heidegger passou a se referir de maneira expressamente antissemita aos judeus, entendendo-os, a partir de então, como um “inimigo militar dos nacional-socialistas ou, ainda pior, dos alemães.”¹⁵ Para Trawny, portanto, o antissemitismo filosófico de Heidegger seria “uma consequência do maniqueísmo historial que irrompeu plenamente no final dos anos 30 e conduziu seu pensamento a um ou...ou que não poupou os judeus e seu destino.”¹⁶

Este é justamente o ponto que coloca um problema à maneira como eu vinha compreendendo a função crítica da hermenêutica epocal de Heidegger. Em textos anteriores eu havia proposto a hipótese de que partir do início da década de 40, e sobretudo com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Heidegger teria formulado uma crítica filosófica do nacional-socialismo, do liberalismo e do comunismo, entendendo-os como figuras filosóficas do mesmo, isto é, como forças da maquinação e da vontade de poder. Essa crítica se explicita no âmbito de sua contraposição para com a filosofia de Nietzsche, teórico que, gradativamente, deixa de ser considerado por ele como o último filósofo alemão, como afirmado no *Discurso do Reitorado*, para ser definido como o último pensador da metafísica. Minha hipótese era a seguinte: com o amadurecimento de sua hermenêutica epocal, a filosofia de Nietzsche e o próprio nacional-socialismo deixariam de ser interpretados por Heidegger como antídotos à crise niilista da modernidade, a qual, por sua vez, seria agora referida à vontade de poder como instância ontológica determinante do esquecimento do ser e da plena entrega dos entes ao regime tecnocientífico de sua calculabilidade, produtividade e destruição sob o império da maquinação (*Machenschaft*).

¹⁵ Trawny, P. *Heidegger und der Mythos...*, p. 111.

¹⁶ Trawny, P. *Heidegger und der Mythos...*, p. 114.

No entanto, a publicação dos *Cadernos Negros* agora revelava que aquelas reflexões de Heidegger de modo algum sinalizavam seu claro afastamento em relação ao nacional-socialismo, com todos os seus preconceitos contra o povo judeu, nem tampouco sinalizavam que o filósofo já houvesse abdicado das expectativas soteriológicas depositadas por ele próprio no povo alemão e em seu destino historial. Numa palavra, o que os *Cadernos Negros* mostram, segundo a correta avaliação de Trawny, a meu entender, é que a posição de Heidegger em relação ao nacional-socialismo é profundamente ambígua e de difícil caracterização, oscilando entre, por um lado, a crítica ao caráter racial-biológico e tecnológico do nazismo, e, por outro, seu contínuo recurso a um nazismo arqui-originário e filosófico. Segundo Trawny, Heidegger somente se distanciou dessas posições em favor dos alemães e contra os judeus bem depois de terminada a guerra, a partir de finais dos anos 40, quando sua filosofia finalmente se libertou do referido maniqueísmo historial que contrapôs o primeiro início ao outro início do pensamento.

Por certo, o aspecto mais relevante a ser discutido em relação às teses preconceituosas de Heidegger sobre os judeus é o de que elas foram formuladas em chave filosófica, donde sua correta caracterização por Trawny como teses ontológico-historiais, relativas à História do Ser. O problema é que ao fundir velhos e novos preconceitos antissemitas a algumas de suas teses filosóficas centrais sobre a modernidade, Heidegger as expôs a um terrível fundo de arbitrariedade ideológica. Ainda que se possa argumentar que tais sentenças não são o resultado de uma concordância necessária e absoluta entre especulação metafísica, ideologia e preconceito, cabe não perder de vista que tal confluência no pensamento heideggeriano foi ao menos possível durante algum tempo, de sorte que não se pode mais deixar de examinar criticamente certos aspectos de sua História do Ser. Mesmo que permaneça certa indeterminação quanto à natureza ontológica ou ôntica das teses de Heidegger contra os judeus, resta incontornável o fato de que o filósofo expôs sua reflexão não apenas ao repúdio político e moral, mas, sobretudo, ao efeito corrosivo do absurdo, maculando assim a pertinência teórica de aspectos importantes de seu diagnóstico filosófico sobre a modernidade. A esse respeito, penso que o veredito de Hannah Arendt continua inteiramente válido: “os intelectuais alemães também tiveram suas teorias sobre Hitler. E teorias prodigiosamente interessantes! Teorias fantásticas, apaixonantes, sofisticadas, que planavam nas alturas, por cima do nível das divagações habituais! Achei isso grotesco. Os intelectuais caíram na armadilha de suas próprias construções...”¹⁷

¹⁷ Arendt, H. *A dignidade da política*. RJ: Relume Dumará, 1993, p. 133.

Em suma, o que os *Cadernos Negros* talvez nos ajudem a compreender é o fato de que uma tal confluência entre filosofia, preconceito e ideologia é tanto mais provável de acontecer quanto mais as teses filosóficas sejam formuladas a partir de uma perspectiva metafísica que se distancia de maneira absoluta em relação à consideração da particularidade dos acontecimentos históricos, aspecto problemático e, não por acaso, ressaltado por Hannah Arendt em seu texto de homenagem aos oitenta anos de Heidegger. (1987) Se Heidegger foi para Arendt o exemplo vivo e privilegiado da atividade de pensar, ele jamais poderia ter-lhe oferecido inspiração quanto à compreensão do quê significa pensar de uma maneira política, isto é, como julgar os acontecimentos políticos particulares, dado que sua morada pensante se afastara demasiadamente do mundo público-político e de sua pluralidade constitutiva. Talvez resida aí o verdadeiro problema filosófico exposto pelos *Cadernos Negros* de Heidegger. À luz dessas considerações críticas, era natural que eu me afastasse gradativamente da reflexão heideggeriana, tendo em vista exercer um pensamento e um juízo políticos que já não se permitissem olhar para nosso tempo a partir da perspectiva metafísica do sobrevoo.

5. Participação em bancas de concursos, de mestrado e de doutorado, participação em atividades editoriais e de avaliação de produção intelectual

Ao longo destes 20 anos, participei de 3 bancas de concurso para provimento do cargo de professor universitário, 38 bancas de Mestrado e 32 bancas de Doutorado em diversos programas de pós-graduação do país. Ministrei mini-curso no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará com tema “Michel Foucault: da disciplina à biopolítica”, em 2008; mini-curso no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia com tema “Desdobramentos da ontologia fundamental de Heidegger: historicidade e política entre 1927 e 1936”, no ano de 2007; mini-curso na Unicamp, em 2006, com temática “Ação e espaço público em Hannah Arendt”; mini-curso com tema “Formas de Exclusión de la Esfera Pública”, no âmbito do Seminário Internacional Retos de la Democracia en el siglo XXI, realizado na Universidad Autónoma de Campeche no ano de 2004; mini-curso no Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas no ano de 2000, com tema: “Notas sobre o sujeito autônomo e o sujeito constituído”; aula inaugural do Curso de Filosofia da UFPR com o tema “Reflexões sobre a atualidade das idéias de autonomia e liberdade”, no ano de 2004.

Desde 2003 sou parecerista ad hoc da Capes e do Cnpq para a concessão de bolsas e auxílios no país e no exterior; membro da comissão de avaliação de programas de pós-graduação em filosofia organizado pela Capes no triênio 2010-2012; cumpri missões de visita

técnica para avaliação de Programas de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Federal de Pernambuco, na Universidade Federal de Ouro Preto e na Faculdade Jesuíta de Minas Gerais, ao longo do ano de 2008; assessor da Capes para a avaliação da produção acadêmica dos docentes membros de PPG-Filosofia para o triênio de 2007-2009; Membro do Comitê de Pesquisa do Setor de Ciências Humanas da UFPR. 2007; membro ad hoc do Comitê de Área da Filosofia para a avaliação dos recursos dos programas de pós-graduação junto à CAPES. 2007; membro do comitê de elaboração do Qualis Livros e do Qualis periódicos em 2008; representante da UFPR junto à Fundação Araucária durante meu período entre 2005-2007; consultor do Setor de Humanas e do Setor de Ciências Sociais e Jurídicas da UFPR junto à Fundação Araucária entre os anos de 2009-2010; membro da comissão julgadora para a concessão do prêmio de melhor tese em filosofia para a ANPOF no ano de 2010; parecerista da Fapesp entre os anos de 1998-2002; desde 2001 até o presente dou pareceres para diversas revistas científicas de filosofia, educação e ciências humanas.

Sou tradutor das obras de Hannah Arendt: *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*. RJ: Relume-Dumará, 1993; tradutor de *Sobre a Violência*. RJ: Relume-Dumará, 1994; revisão e republicação da tradução de *Sobre a violência* para a editora carioca Civilização Brasileira, 2009; revisor técnico da tradução de *Responsabilidade e Julgamento*, de Hannah Arendt, publicada pela Companhia das Letras em 2004; representante do Setor de Humanas junto ao Comitê Editorial da Editora da UFPR entre os anos de 2000-2001 e 2015-2016.

6. Organização e/ou participação em eventos de pesquisa, ensino e extensão e apresentação de palestras

Em decorrência do caráter amplo de meus interesses de pesquisa, organizei junto a colegas da Universidade Federal do Paraná os seguintes eventos científicos: “O conceito de Estado na filosofia moderna e contemporânea”, simpósio nacional realizado na Universidade Federal do Paraná no ano de 2000; “A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt”, simpósio internacional realizado na UFPR no ano de 2002; “Política e Subversão”, simpósio nacional realizado na UFPR no ano de 2007; Congresso Heidegger: 80 anos de Ser e Tempo”, realizado na UFPR no ano de 2007; Congresso 50 anos de publicação de A condição Humana, de Hannah Arendt, realizado na UFPR no ano de 2008; Congresso Internacional Michel Foucault: 40 anos de publicação de Vigiar e Punir, realizado na UFPR no ano de 2015.

Desde o ano de 1991, quando compareci pela primeira vez como expositor num evento científico de porte, o Congresso “Platão e seus leitores”, apresentei até o momento 111

palestras em eventos nacionais e internacionais. Do total de minhas participações em eventos científicos, gostaria de destacar as seguintes participações em eventos internacionais: Colóquio Hannah Arendt: política y memoria - Goethe Institut Buenos Aires, no qual apresentei o texto “Hannah Arendt y la crítica de la Modernidad: olvido y redescubrimiento de la política”, no ano de 2000; Hannah Arendts Vorträgerreihe - Bremen Universität, no qual apresentei o texto “Biopolitics and the dissemination of violence: Hannah Arendt’s critique of the present”, no ano de 2003; Encuentro Filosófico Valencia - Buenos Aires, realizado na Universidad de Valencia, onde apresentei o texto “Biopolítica y diseminación de la violencia: la crítica de Arendt al presente, no ano de 2003; Congreso de Filosofía Contemporánea - Universidad Autónoma de Guadalajara, México, onde apresentei o texto “Biopolítica y diseminación de la violencia: la crítica de Arendt al presente”, no ano de 2003; “Heidegger y el otro: Ser y Tiempo como una ética postmetafísica”, texto apresentado no Encontro de Pós-graduação em Filosofia da Universidad Autónoma de Madrid no ano de 2004; Hannah Arendt and the political, congresso organizado na Universidade Nova de Lisboa e onde apresentei o texto “Hannah Arendt's radical politics: beyond actually existing democracies”, no ano de 2006; II Jornadas Internacionales Hannah Arendt, organizadas no Departamento de Filosofía da Universidad Nacional de Córdoba, Argentina, em que apresentei o texto “Hannah Arendt y Heidegger: proximidad en la distancia”, no ano de 2010; Séminaires du Centre de Sociologie des Pratiques et Représentations Politiques da Université de Paris 7, onde apresentei o texto “Politique et Droit chez Hannah Arendt: vers une action démocratique radicale, no ano de 2012; Séminaires du Collège International de Philosophie, onde apresentei o texto “Les communautés des minorités sexuelles et leurs demandes politiques : pourquoi elles nous font peur ?”, no ano de 2012; Journées Hannah Arendt organizadas pela Université de Paris 7, onde apresentei o texto “Singularisation et subjectivation éthico-politique. Arendt et Foucault autour de la question : qui est le nouvel acteur politique ?” no ano de 2012; Dialogues Philosophiques, seminário organizado pela Maison de l’Amérique Latine, Paris, onde apresentei o texto “Pensée de la communauté et action politique : vers le concept de communautés plurielles”, no ano de 2012; IV Colóquio Latino-Americano de Biopolítica, organizado no Departamento de Filosofía da UniAndes, Colômbia, no qual apresentei o texto “Foucault y el enlace entre biopolítica, gubernamentalidad y soberanía”, no ano de 2013; COLLOQUE INTERNATIONAL ET PLURIDISCIPLINAIRE « INÉGALITÉ(S) HOMMES-FEMMES ET UTOPIE(S) (ANTIQUITÉ-XXIE SIÈCLE) », organizado na Université de Lille, França, e no qual apresentei o texto “Michel Foucault et les luttes politiques contemporaines : au-delà du sujet de droit et des identités”, no ano de 2015;

XXXIV International Congress of LASA, realizado em Nova York e no qual apresentei o texto “Political subjectivities in recent Brazilian movies: a Foucauldian analysis, no ano de 2016”; Coloquio Internacional Michel Foucault: a cincuenta años de Las palabras y las cosas y a cuarenta años de La Historia de la Sexualidad, organizado na Universidad San Martin, Argentina, no qual apresentei o texto “Foucault y Butler en torno a Herculine o: que significa resistir al dispositivo de la sexualidad?”, no ano de 2016; Kulturelle Orientierung und Normative Bindung, seminário do Departamento de Filosofia da Universität Koblenz-Landau, no qual apresentei a palestra “The return to the concept of Dispositif of Sexuality: re-reading Foucault with Butler”, no ano de 2017; Colóquio Politiques de l'identité: avec et d'après Foucault, organizado na Université de Lille, no qual apresentei o texto “De la résistance comme pratiques de liberté : attitude critique et politiques de coalition, no ano de 2018.

7. Conclusão

Estamos em outubro de 2018 e só posso lamentar profundamente ter de concluir este texto recordando algumas das afirmações com que dei início à recordação e reconstrução de minha trajetória intelectual. Nasci em meio à ditadura civil-militar e com ela convivi até meus 19 anos. Neste exato momento corremos o risco, uma vez mais, de vermos nossa incipiente democracia ser menosprezada e destroçada por um político inescrupuloso e sua massa de apoiadores, muitas vezes brutais. Eles se valem, de maneira organizada, das piores táticas fascistas de propaganda eleitoral distorcida, reeditando-as em versão tecnológica pela rede mundial de computadores e por aplicativos para telefones celulares, mostrando-nos, assim, que a velha máxima de Goebbels, segundo a qual uma mentira, se contada e repetida por mil vezes, torna-se uma verdade, ainda é capaz de produzir desastrosos efeitos de manipulação em massa, apagando a realidade sob o clamor férreo da ideologia e de sua lógica implacável, de todo apartada de qualquer argumento respaldado em fatos constatáveis e comprovados. Se meu percurso intelectual se iniciou propriamente com a discussão das reflexões de Arendt sobre o totalitarismo, cumpre uma vez mais retornar às considerações da autora, pois que nosso país parece efetivamente disposto a embarcar numa aventura de caráter autoritário e violento, de consequências imprevisíveis.

Como enfrentar-se com o fascismo 4.0? Como compreender que, a despeito de tantas e incontáveis diferenças entre o Brasil contemporâneo e a Alemanha e a Itália dos anos 30, ainda assim persistam traços supra-históricos daquilo que se poderia chamar de um *ethos* do fascismo, caso o emprego da nobre terminologia grega, nesse sórdido contexto, já não soasse

por demasiado ultrajante? Pois, afinal de contas, o fascismo talvez não seja apenas um regime político particular, datado historicamente e definido conceitualmente com rigor analítico por diversos cientistas e filósofos políticos. Talvez o fascismo seja também uma maneira de viver, de habitar o mundo e de nele se manifestar, aquela forma de viver que produz e reproduz violência, ódio, preconceito e ignorância em escala de massas; que se entrega a um profundo desejo de ordem patriarcal; que ama a pureza e odeia as diferenças; que adora as hierarquias e tem horror à igualdade; aquela forma de vida que abraça o tradicionalismo nacionalista vulgar e superficial, capaz de sequestrar as cores nacionais; enfim, aquele jeito de ser que repudia quaisquer avanços sociais que porventura contestem, por pouco que seja, a ordem social, política e econômica tão bem estabelecida entre nós, enxergando naquelas transformações sociais os perigos fantasmáticos do comunismo e da destruição da nação e da família. Tais manifestações fascistas se explicitam hoje no Brasil em discursos explícitos e grandiloquentes de líderes mistificadores e mitificados; são discursos que todos escutam, todos conhecem, mas que ninguém parece ouvir em seu conteúdo, discursos e gestos que exaltam o que de pior houve entre nós durante a ditadura civil-militar, a tortura e os torturadores. A barbárie anunciada também já se mostra nos gestos brutais das milícias que agredem e matam na rua quem quer que discorde do agressor, quem quer que não seja como o agressor, que não deseje como o agressor. A barbárie, enfim, se deixa entrever nos pequenos comportamentos cotidianos, quase comezinhos, mas nem por isso menos deploráveis, menos dignos de reprovação e crítica, como a aberta manifestação do preconceito e da discriminação. Parafraseando a conclusão do prefácio de Hannah Arendt para *Origens do Totalitarismo*, podemos afirmar que a “corrente subterrânea” da história nacional “veio à luz e usurpou a dignidade de nossa tradição” democrática e republicana. E ela continuava: “Essa é a realidade em que vivemos. E é por isso que todos os esforços por escapar do horror do presente, refugiando-se na nostalgia por um passado ainda eventualmente intacto ou no antecipado oblivio de um futuro melhor, são vãos.”¹⁸

Sabemos que nossa história democrática e republicana está marcada pela repetição cíclica de golpes de Estado e ditaduras, sabemos que a democracia jamais durou entre nós por mais do que 30 anos. Estaríamos nós fadados a repetir o círculo infernal da violência e da intolerância políticas? Compreender e combater tais fenômenos, eis a tarefa que nos foi destinada por nosso tempo. Que a possamos cumprir até o final, que possamos quebrar o

¹⁸ Arendt, H. *Origens do totalitarismo*. SP: Cia. das Letras, 2000, p. 13.

círculo infernal da repetição do pior, que possamos, enfim, viver sem tantos riscos, sem tantos medos, sem tanta exposição a processos de vulneração e aviltamento. Quem viver, verá.

Agradeço uma vez mais, muito especialmente, aos membros desta Banca pela leitura, pelos comentários, pelas críticas, enfim, pela amizade, sem a qual as duras tarefas que nos foram legadas perderiam completamente seu sentido.



Andre de Macedo Duarte

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/6068441497706130>
Última atualização do currículo em 29/07/2018

Diretor da Agência UFPR Internacional entre 2017-2020; Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq modalidade 1-D; Professor convidado na Université de Lille III; Pós-Doutorado pela Université de Paris VII com bolsa Capes (2011-2012); Pós-doutorado pela Universidade de Barcelona com bolsa Capes (2002-2003); Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1993-1997); Bolsa Sanduíche CNPq na New School for Social Research (NY, 1995-1997); Mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1991-1992); Membro do Grupo de Formação de Quadros do CEBRAP (1991-1992) e Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1984-1988). Professor da Universidade Federal do Paraná nos níveis de Graduação e Pós-Graduação em Filosofia desde 1998. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR na Linha de Pesquisa Diversidade, Diferença e Desigualdade Social desde 2016. Líder do Grupo de Pesquisa em Ontologia, Fenomenologia e Hermenêutica, cadastrado no CNPq e certificado na UFPR. Membro do LABIN (Laboratório de Análise em Gênero e Sexualidade vinculado ao PPG de Educação da UFPR. Ex-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (2015-2017; 2005-2007) Ex-Coordenador do GT Heidegger associado à ANPOF (2006-2008). Membro do GT Pensamento Contemporâneo. Membro da Diretoria da Sociedade Brasileira de Fenomenologia e representante brasileiro no Círculo Latino-Americano de Fenomenologia (CLAFEN). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Política, Ética, Fenomenologia, Ontologia Fundamental e Hermenêutica, atuando principalmente na discussão dos seguintes autores e temas: diagnósticos filosóficos da Modernidade; biopolítica; técnica; Heidegger, Arendt, Foucault, Butler, Nietzsche e Agamben. Alguns textos acadêmicos estão disponíveis em http://works.bepress.com/andre_duarte/ Ou então: <http://ufpr.academia.edu/AndréDuarte> (**Texto informado pelo autor**)

Identificação

| | |
|--|------------------------|
| Nome | Andre de Macedo Duarte |
| Nome em citações bibliográficas | DUARTE, A. M. |

Endereço

| | |
|------------------------------|--|
| Endereço Profissional | Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Filosofia. RUA GENERAL CARNEIRO, 460 6 ANDAR Ed. D. Pedro II CENTRO 80060-150 - Curitiba, PR - Brasil Telefone: (41) 33605098 Ramal: 5099 Fax: (41) 33605098 URL da Homepage: http://www.humanas.ufpr.br |
|------------------------------|--|

Formação acadêmica/titulação

| | |
|--------------------|--|
| 1993 - 1997 | Doutorado em Filosofia (Conceito CAPES 7). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. com período sanduíche em New School for Social Research (Orientador: Richard J. Bernstein). Título: O PENSAMENTO A SOMBRA DA RUPTURA: POÍTICA E FILOSOFIA NA REFLEXAO DE HANNAH ARENDT., Ano de obtenção: 1997. Orientador:  DR RICARDO RIBEIRO TERRA. Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil. Palavras-chave: HANNAH ARENDT; FILOSOFIA POLÍTICA; Tradição; Totalitarismo. |
| 1991 - 1992 | Mestrado em Filosofia (Conceito CAPES 7). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: HANNAH ARENDT E A DIMENSAO POLITICA DO JUÍZO REFLEXIONANTE ESTÉTICO |

KANTIANO, Ano de Obtenção: 1992.

Orientador:  DR RICARDO RIBEIRO TERRA.

Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil.

Graduação em Ciências Sociais.

Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil.

1984 - 1988

Pós-doutorado

2011 - 2012

Pós-Doutorado.

Université Paris Diderot, PARIS 7, França.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

2002 - 2003

Grande área: Ciências Humanas

Pós-Doutorado.

Universitat de Barcelona, UB, Espanha.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Atuação Profissional

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Brasil.

Vínculo institucional

1998 - Atual

Vínculo: Servidor Público, Enquadramento Funcional: Professor ADJUNTO, Carga horária: 0, Regime: Dedicção exclusiva.

Outras informações

APROVADO EM CONCURSO PUBLICO REALIZADO ENTRE 23 E 24 DE MARÇO DE 1998.

Atividades

05/2015 - Atual

Direção e administração, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, .

Cargo ou função

Coordenador de Pós-Graduação.

8/2013 - Atual

Pesquisa e desenvolvimento , Laboratório de Investigação em Corpo, Gênero e Subjetividade na Educação, .

Linhas de pesquisa

Corpo, Governamentalidade e Estética da Existência

9/2000 - Atual

Pesquisa e desenvolvimento , Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Departamento de Filosofia.

Linhas de pesquisa

História da Filosofia

Ética e Filosofia Política

03/2007 - 07/2007

Ensino, Filosofia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas

Filosofia Política I - Obrigatória

04/2005 - 04/2007

Direção e administração, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, .

Cargo ou função

Coordenador de Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

08/2006 - 12/2006

Ensino, Filosofia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas

Tópicos Especiais em Filosofia Contemporânea III

08/2006 - 12/2006

Ensino, Filosofia, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas

Seminários de análise e produção de textos - Obrigatória

03/2006 - 07/2006

Ensino, Filosofia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas

Filosofia Política I - Obrigatória

08/2005 - 12/2005

Ensino, Filosofia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas

Tópicos Especiais em Filosofia Política

08/2005 - 12/2005

Ensino, Filosofia, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas

Seminários de Análise e Produção de Textos II - Obrigatória

03/2005 - 07/2005

Ensino, Filosofia, Nível: Graduação

Disciplinas ministradas

Seminários de Leitura, Análise e Produção de Textos Filosóficos

03/2005 - 07/2005

Ensino, Filosofia, Nível: Pós-Graduação

Disciplinas ministradas

Tópicos Especiais em Filosofia da Subjetividade

08/2004 - 12/2004

Ensino, Filosofia, Nível: Graduação

| | |
|--------------------------|---|
| 08/2004 - 12/2004 | Disciplinas ministradas Filosofia Geral III Ensino, Filosofia, Nível: Pós-Graduação |
| 3/2004 - 7/2004 | Disciplinas ministradas Filosofia Contemporânea II Ensino, Filosofia, Nível: Graduação |
| 8/2003 - 2/2004 | Disciplinas ministradas Filosofia Geral - matutino Filosofia Geral - noturno Ensino, Filosofia, Nível: Graduação |
| 4/2000 - 11/2002 | Disciplinas ministradas História da Filosofia Contemporânea I matutino História da Filosofia Contemporânea I noturno Outras atividades técnico-científicas , Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes. Atividade realizada Assessor Ad Hoc Fapesp. |
| 05/2002 - 09/2002 | Ensino, Filosofia, Nível: Graduação Disciplinas ministradas Tópicos Especiais de Fenomenologia |
| 01/2002 - 04/2002 | Tópicos Especiais de Fenomenologia I Ensino, Filosofia, Nível: Graduação Disciplinas ministradas |
| 08/2000 - 08/2001 | História da Filosofia Contemporânea I História da Filosofia Contemporânea II Conselhos, Comissões e Consultoria, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, . Cargo ou função |
| 3/2001 - 7/2001 | Membro do Conselho Editorial da Editora da UFPR. Ensino, Filosofia, Nível: Pós-Graduação Disciplinas ministradas |
| 6/1999 - 6/2001 | Seminários de Pesquisa II Direção e administração, Setor de Ciências Humanas Letras e Artes, Coordenacao do Curso de Graduação Em Filosofia. Cargo ou função |
| 6/1998 - 6/2001 | Coordenador de Curso. Ensino, Filosofia, Nível: Graduação Disciplinas ministradas Antropologia Filosófica Filosofia Contemporânea D Filosofia Contemporânea II Filosofia Política I Filosofia Política II Hermenêutica |
| 8/2000 - 12/2000 | Tópicos Especiais de Filosofia Contemporânea Ensino, Filosofia, Nível: Pós-Graduação Disciplinas ministradas |
| 8/1999 - 12/1999 | Ontologia I Ensino, Curso de Especialização Em Filosofia, Nível: Especialização Disciplinas ministradas HF914 Topicos Especiais em Filosofia Contemporânea |

Linhas de pesquisa

1. Corpo, Governamentalidade e Estética da Existência
Objetivo: Investigar os processos de subjetivação tendo em vista os conceitos foucaultianos de disciplina, biopoder e governamentalidade. Tais conceitos se apresentam como ferramentas para a análise genealógica das práticas sociais, institucionais e da produção de verdades, tendo o corpo como elemento central nessas análises. A estética da existência e as práticas de si são aqui tomadas como instâncias ético-políticas, a partir das quais é possível pensar os processos de resistência e contraconduta..
Palavras-chave: corpo; Governamentalidade; Estética da Existência.
2. História da Filosofia
Objetivo: Análise e discussão das obras dos principais representantes da história da filosofia, com ênfase particular na Fenomenologia, Ontologia Fundamental e Hermenêutica..
Palavras-chave: Fenomenologia; Hermenêutica; Ontologia Fundamental.
3. Ética e Filosofia Política
Objetivo: Análise e discussão de obras da tradição filosófica ocidental relativas aos campos da ética e da filosofia política, particularmente em sua acepção contemporânea, em autores como Arendt, Foucault, Agamben, dentre outros.
Grande área: Ciências Humanas

Projetos de pesquisa

2017 - Atual

TaFac: Travailler avec Foucault: approches contemporains

Descrição: Trata-se de projeto de pesquisa internacional em rede, financiado pela Université de Lille, envolvendo professores da UFPR, PUC-PR, de Lille 3, Université Libre de Belgique, Université de Liège, Université Saint Louis, Université de Namur, com financiamento previsto para os anos de 2017-2019..

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Doutorado: (5) .

Integrantes: Andre de Macedo Duarte - Coordenador / Maria Rita de Assis César - Integrante / Candiotto, César - Integrante / Cassiana Lopes Stephan - Integrante / Valdsen Carreiro Silva - Integrante / Tiago Hercílio Baltazar - Integrante / Daniel Verginelli Galantin - Integrante / Thiago Fortes Ribas - Integrante / Angela Machado Fonseca - Integrante / Priscila Piazzentini Vieira - Integrante / Carolina Langnor e Souza Lisboa - Integrante / Benjamim Brum Neto - Integrante / Philippe Sabot - Integrante / Marcielly Moresco - Integrante / Celia Ratusniak - Integrante. Financiador(es): Université Lille 3 - Sciences Humaines, Lettres et Arts - Cooperação.

2016 - Atual

Sobre as relações entre vida, política e filosofia na obra de Judith Butler

Descrição: Projeto de Pesquisa Financiado com Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPQ 1-D. A presente investigação dá prosseguimento a pesquisas precedentes e se concentra na discussão das relações entre vida, política e filosofia no pensamento de Judith Butler, abordando-o segundo duas perspectivas complementares. Por um lado (A), trata-se de avaliar a trajetória intelectual de sua obra dividindo-a, de modo esquemático, em três períodos principais: meados dos anos 90, mais fortemente centrados na discussão específica de problemas de gênero e relativos à sexualidade, obras de transição, entre a segunda metade dos anos 90 e começo dos anos 2000, e obras tardias, centradas na discussão de problemas gerais sobre as relações entre vida, política, ética, violência e filosofia no mundo contemporâneo. Por outro lado (B), pretendo também investigar as relações entre filosofia e política no pensamento de Butler, em particular as relações entre os marcos conceituais de sua obra, com suas transformações e inflexões, e os movimentos políticos que eles inspiram e que deles se inspiram em cada etapa de sua formulação. A pesquisa toma como fio condutor a análise dos pontos de proximidade e de distanciamento entre os pensamentos de Butler e Foucault, autor continuamente presente na reflexão da autora e fundamental para a definição de suas noções de corpo, sexualidade, performatividade, crítica, normatividade e subjetivação ético-política. A confrontação das reflexões de Butler e de Foucault oferece não apenas um importante marco referencial para a elucidação de aspectos cruciais do pensamento de ambos autores, como constitui também um interessante critério para a avaliação das inflexões teóricas da obra de Butler. A hipótese que orienta esta dimensão da pesquisa é a seguinte: se as obras iniciais em que Butler propõe sua desconstrução genealógica das ontologias de gênero e sexualidade se inspiram na perspectiva genealógica e desconstrucionista de Michel Foucault, por outro lado, quando Butler passa a abordar problemas teóricos mais gerais a respeito da relação entre vida, política, ética e violência no mundo contemporâneo, ela parece se afastar daquele programa epistemológico e conceitual, recorrendo a marcos teóricos mais normativos e ontológico-fundacionais. O que, contudo, não significa que Butler estabeleça qualquer ruptura em sua obra, ou que ela abandone o frequente diálogo com temas e noções foucaultianas, sobretudo aqueles relativos às noções de crítica, normatividade e de subjetivação ético-política, os quais parecem modular e matizar a guinada ontológico-normativa de seu pensamento tardio. Quanto às relações entre política e filosofia em sua obra cabe interrogar: se a reflexão genealógica inicial de Butler está na raiz da chamada teoria queer, sendo frequentemente aproveitada por coletivos políticos de caráter não-identitário em suas formas particulares de ação e em suas lutas específicas, quais são as implicações políticas derivadas da revisão de suas críticas iniciais à noção de "universalidade", bem como de sua recente guinada na direção de uma reflexão mais claramente marcada pela explicitação de pressupostos ontológico-normativos? Palavras-chave: Butler; Foucault; filosofia; vida; política; violência..

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (0) / Especialização: (0) / Mestrado acadêmico: (0) / Mestrado profissional: (0) / Doutorado: (8) .

Integrantes: Andre de Macedo Duarte - Coordenador / Maria Rita de Assis César - Integrante / Rodrigo Ponce Santos - Integrante / Cassiana Lopes Stephan - Integrante / Valdsen Carreiro Silva - Integrante / Tiago Hercílio Baltazar - Integrante / Daniel Verginelli Galantin - Integrante / Thiago Fortes Ribas - Integrante / Priscila Piazzentini Vieira - Integrante / Carolina Langnor e Souza Lisboa - Integrante / Benjamim Brum Neto - Integrante. Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Bolsa.

Número de produções C, T & A: 4 / Número de orientações: 7

Comunidades plurais: ação e estética da existência na política contemporânea

2011 - Atual

Descrição: A presente investigação destina-se a pensar as condições políticas do ser-em-comum democrático na contemporaneidade. Trata-se de uma questão urgente para o pensamento político contemporâneo, em função dos perigos que rondam as democracias no presente, tais como a biopolítica, a privatização do espaço público, a despolíticação e o fechamento da cidadania democrática para aqueles que a própria democracia não reconhece, de fato ou de direito, como seus verdadeiros cidadãos. A fim de cumprir esse objetivo geral, apresentam-se dois objetivos específicos que se complementam. Por um lado (a), trata-se de reconstituir e apresentar, em seus traços gerais, a concepção de comunidade estabelecida por Maurice Blanchot, Jean-Luc Nancy, Giorgio Agamben e Roberto Esposito, autores que propuseram uma interrogação radical a respeito do ser-em-comum. A hipótese que orienta essa etapa da pesquisa é que a originalidade desse questionamento da comunidade se deve ao diálogo filosófico daqueles pensadores com o campo ontológico da desconstrução da metafísica da subjetividade inaugurada por Heidegger, motivo pelo qual sua discussão do ser-em-comum não se confunde com o debate entre liberais, comunitaristas e republicanos cívicos. Por outro lado (b), e de maneira incremental, a pesquisa também pretende formular o conceito de comunidades plurais. Este conceito procura definir um conjunto de critérios teóricos destinados a compreender as condições de constituição de espaços políticos comuns, de caráter alternativo em relação às instituições democráticas formais, visando renovar e potencializar a experiência democrática contemporânea. Com tal conceito, pretende-se interrogar a potência política dos novos movimentos sociais e dos coletivos autônomos, bem como as armadilhas que os espreitam..

Situação: Em andamento; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (1) / Mestrado acadêmico: (3) / Doutorado: (7) .

Integrantes: Andre de Macedo Duarte - Coordenador / Rodrigo Ponce Santos - Integrante / Cassiana Lopes Stephan - Integrante / Renato Alves Aleikseivz - Integrante / Valdson Carreiro Silva - Integrante / Tiago Hercílio Baltazar - Integrante / Antonio Marcus dos Santos - Integrante / Daniel Verginelli Galantin - Integrante / Thiago Fortes Ribas - Integrante / Marcel Albiero da Silva Santos - Integrante / Luiz Fernando Ferreira Fonseca - Integrante.

Número de produções C, T & A: 36 / Número de orientações: 11

Heidegger, Nietzsche e os debates contemporâneos para um diagnóstico filosófico do presente.

Descrição: A presente investigação possui um duplo foco de interesse, privilegiando tanto a discussão da interpretação heideggeriana de Nietzsche (A) quanto suas repercussões no debate filosófico-político contemporâneo (B). Após uma primeira recepção do pensamento de Nietzsche entre 1927 e 1933, ainda pouco estudada, Heidegger empreendeu uma importante confrontação (Auseinandersetzung) com sua filosofia, entre 1935 e 1953. A primeira hipótese que estrutura a pesquisa é que as mutações ocorridas na interpretação heideggeriana de Nietzsche, a partir de 1935, estão diretamente relacionadas à formulação da Seinsgeschichte, a hermenêutica epocal do Ocidente enquanto história dos envios do ser. Este é o contexto teórico no qual a modernidade foi caracterizada por Heidegger como época do nihilismo, consideração que também demarca seu afastamento em relação ao Nacional-Socialismo. A segunda hipótese que orienta a investigação é que, para além de sua importância no plano da exegese das obras de Nietzsche e de Heidegger, tal confrontação continua a se desdobrar nas reflexões de teóricos contemporâneos dedicados à constituição de um diagnóstico filosófico do presente, como Arendt, Foucault, Agamben, Esposito, Deleuze, Hardt e Negri, Derrida, Vattimo e Sloterdijk, entre outros. A segunda etapa da investigação privilegia a discussão das diferentes formulações do conceito de biopolítica, dentre outros aspectos, como a questão do futuro da vida humana no horizonte da tecnociência. Supomos as diferentes concepções contemporâneas a respeito destes temas estão relacionadas à maior proximidade ou distância dos referidos autores em relação a Heidegger e Nietzsche, dada a diferença fundamental existente entre ambos quanto ao estatuto filosófico e político do fenômeno da vida..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (8) / Mestrado acadêmico: (6) / Doutorado: (2) .

Integrantes: Andre de Macedo Duarte - Coordenador. Número de orientações: 10

A crítica heideggeriana da modernidade e o debate contemporâneo - financiado pelo CNPq, modalidade PQ2

Descrição: No ensaio A questão da técnica (1953), Heidegger considera a modernidade como a época do acabamento da metafísica, isto é, como o capítulo derradeiro da 'história do ser' enquanto 'esquecimento do ser'. Pensada nestes termos, a modernidade é, simultaneamente, o tempo no qual predomina a técnica moderna, concebida em sua essência como o modo de 'desvelamento' que aprofunda o esquecimento do ser ao 'produzir' o ente como 'fundo de reserva' disponível para agenciamentos tecnológicos contínuos. Para Heidegger, portanto, não é casual vivermos numa época marcada pela aceleração do tempo, pela uniformização do comportamento humano, pela desertificação da terra e pelo incremento das possibilidades tecnológicas de criação e destruição da vida humana em escala planetária. Esta pesquisa possui dois objetivos inextricavelmente relacionados: 1) compreender os problemas teóricos que ensejaram a lenta constituição da crítica heideggeriana à modernidade, entendida em seu vínculo essencial com a técnica moderna e com a metafísica, entre a segunda metade dos anos 30 e o início dos anos 50.

2009 - 2011

2007 - 2009

Neste contexto, também é fundamental interrogar os problemas teóricos que levaram Heidegger a reconhecer a necessidade de elaborar explicitamente tal diagnóstico, transformando em tema filosófico decisivo aquilo que se encontrava apenas implícito e não desenvolvido no âmbito do projeto da ontologia fundamental, isto é, entre Ser e Tempo (1927) e os textos do período do Reitorado (1933-1934). 2) Investigar os debates contemporâneos em torno das implicações éticas e políticas da filosofia de Heidegger, tanto no momento prévio à elaboração temática de sua crítica da modernidade, quanto no momento de sua reflexão madura sobre o assunto. Neste contexto, também discutiremos os desdobramentos do pensamento de Heidegger na formulação das críticas de Hannah Arendt e Michel Foucault à modernidade..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (9) / Mestrado acadêmico: (4) .

Integrantes: Andre de Macedo Duarte - Coordenador.Financiador(es): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Bolsa.Número de orientações: 10

2003 - 2009

Heidegger e a Modernidade: constituição de um diagnóstico crítico - financiado pelo CNPq
Descrição: A presente investigação pretende compreender o diagnóstico crítico da modernidade proposto por Heidegger, assim como a sua própria constituição teórica na obra do autor. Para tanto, pretendemos analisar os textos nos quais Heidegger relacionou a modernidade e, portanto, a filosofia moderna, à "essência" da técnica moderna, concebida como uma nova instância metafísica "epocal" ou "historial" (Geschickliche) no âmbito da "história do ser" (Seinsgeschichte). O objetivo específico da pesquisa é o de questionar e compreender o desenvolvimento da tese heideggeriana a respeito da identidade entre a essência da técnica moderna e a modernidade, considerada como uma época historial distinta, discutindo as continuidades e descontinuidades existentes entre textos de meados dos anos trinta e do começo dos anos cinquenta, nos quais o filósofo aborda os temas da modernidade, da ciência e da técnica, tais como Introdução à Metafísica, A origem da obra de Arte, A época da imagem de mundo, e A questão da técnica..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (10) / Mestrado acadêmico: (4) .

Integrantes: Andre de Macedo Duarte - Coordenador.Número de orientações: 3

2000 - 2003

Ética e Política em Heidegger: contribuições pós-metafísicas

Descrição: Trata-se de discutir o tema das possibilidades e/ou impossibilidades de derivar implicações ético-políticas do pensamento de Martin Heidegger, tópico cuja relevância se explicita na crescente bibliografia sobre este debate controverso, no qual se intenta avaliar a contemporaneidade ética e política de sua reflexão filosófica. Para desenvolver esta pesquisa, analiso alguns textos fundamentais do autor em questão enfocando-os a partir da interrogação do seu potencial ético-político, dividindo-os em três fases distintas. Selecionaremos e discutiremos textos compreendidos entre a publicação de Ser e Tempo (1927) e o "Discurso do Reitorado" (1933); textos de meados dos anos trinta e quarenta, nos quais Heidegger se confronta com seu próprio engajamento político e com o pensamento de Nietzsche e com a Modernidade; e, finalmente, textos do chamado "segundo" Heidegger, de 1945 em diante, em particular a Carta sobre o Humanismo, o seu ensaio A questão da Técnica, e suas reflexões sobre o pensamento originário, enfatizando os traços principais de sua concepção madura sobre a ética e a política. Trata-se de investigar em que medida o pensamento de Heidegger pode oferecer elementos teóricos para se repensar a política e a ética em um contexto pós-metafísico, investigando ainda as várias objeções teóricas à esta hipótese..

Situação: Concluído; Natureza: Pesquisa.

Alunos envolvidos: Graduação: (3) / Mestrado acadêmico: (2) .

Integrantes: Andre de Macedo Duarte - Coordenador.Número de orientações: 5

Membro de corpo editorial

2007 - Atual

Periódico: Cadernos de Filosofia Alemã

2006 - Atual

Periódico: Revista de Filosofia (PUCPR) (0104-4443)

2005 - Atual

Periódico: Vivência (Natal)

Membro de comitê de assessoramento

2013 - 2013

Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

2013 - 2013

Agência de fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Áreas de atuação

1.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: História da Filosofia/Especialidade: Filosofia.

2.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Filosofia / Subárea: História da Filosofia.

3.

Idiomas

| | |
|-----------------|--|
| Inglês | Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Bem. |
| Francês | Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Razoavelmente. |
| Alemão | Compreende Razoavelmente, Fala Razoavelmente, Lê Bem, Escreve Pouco. |
| Espanhol | Compreende Bem, Fala Bem, Lê Bem, Escreve Bem. |
| Italiano | Compreende Razoavelmente, Fala Pouco, Lê Bem, Escreve Pouco. |

Produções

Produção bibliográfica

Artigos completos publicados em periódicos

Ordenar por

Ordem Cronológica

- DUARTE, A. M..** Reler Foucault à luz de Butler: repensar a biopolítica e o dispositivo da sexualidade. DOIS PONTOS (UFPR) DIGITAL, v. 14, p. 253-264, 2017.
- CESAR, M. R. A. ; **DUARTE, A. M.** . Governo e Pânico Moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios. EDUCAR EM REVISTA, v. 33, p. 141-155, 2017.
- DUARTE, A. M.**; BRUNETTO, D. . Febre do Rato como deseducação de corpos e discursos: uma interpretação foucaultiana. VISO : CADERNOS DE ESTÉTICA APLICADA, v. 20, p. 50-68, 2017.
- DUARTE, A. M..** Michel Foucault: autour des nouvelles communautés politiques. Chimères (Paris. 1987), v. 65, p. 65-72, 2016.
- DUARTE, A. M..** Heidegger au Brésil: Panorama des chercheurs et des recherches. Bulletin Heideggérien, v. 6, p. 40-42, 2016.
- DUARTE, A. M.**; CESAR, M. R. A. . Inútil resistir ao dispositivo da sexualidade? Foucault e Butler sobre corpos e prazeres. Revista de Filosofia Aurora online, v. 28, p. 947-967, 2016.
- DUARTE, A. M..** Poder, violência e revolução no pensamento político de Hannah Arendt. Cadernos de Filosofia Alemã, v. 21, p. 13-27, 2016.
- DUARTE, A. M..** Comunidade, singularização e subjetivação: notas sobre os coletivos políticos do presente. O Que nos Faz Pensar (PUCRJ), v. 35, p. 12-34, 2015.
- DUARTE, A. M..** Heidegger, a política e o antissemitismo: reflexões a partir do livro de Peter Trawny. O Que nos Faz Pensar (PUCRJ), v. 36, p. 27-51, 2015.
- DUARTE, A. M.**; CESAR, M. R. A. . Michel Foucault e as lutas políticas do presente: para além do sujeito identitário de direitos. Psicologia em Estudo (Impresso), v. 9, p. 401-414, 2014.
- DUARTE, A. M..** Hannah Arendt e o pensamento político: a arte de distinguir e relacionar conceitos. Argumentos: Revista de Filosofia (Online), v. 1, p. 39-63, 2013.
- DUARTE, A. M..** Compte-rendu du livre Pensar e Errar: um ajuste com Heidegger, de E. Stein. Bulletin Heideggérien, v. 3, p. 134-137, 2013.
- DUARTE, A. M.**; CESAR, M. R. A. ; SIERRA, J. C. . Governamentalização do Estado, movimentos LGBT e escola: capturas e resistências. Revista Educação (PUCRS. Online), v. 36, p. 192-200, 2013.
- Citações: SCOPUS 2**
- DUARTE, A. M..** Foucault y el enlace entre biopolítica y soberanía. Cuadranti, v. 1, p. 49-63, 2013.
- DUARTE, A. M.**; CESAR, M. R. A. . Estética da existência como política da vida em comum: Foucault e o conceito de comunidades plurais. O Que nos Faz Pensar (PUCRJ), v. 31, p. 175-196, 2012.
- DUARTE, A. M..** Heidegger e o pensamento contemporâneo da comunidade: para uma hermenêutica ontológica do ser-em-comum. Revista Ek-stasis, v. 1, p. 62-82, 2012.
- ★ **DUARTE, A. M..** Pensée de la communauté et action politique: vers le concept de communautés plurielles. Rue Descartes, v. 76, p. 21-41, 2012.
- DUARTE, A. M.**; SANTOS, R. P. . A cidade como espaço de intervenção dos coletivos: resistência e novas formas de vida urbana. Ecopolítica, v. 4, p. 33-54, 2012.
- DUARTE, A. M..** Singularização e subjetivação: Arendt, Foucault e os novos agentes políticos do presente. Principios, v. 19, p. 10-34, 2012.
- DUARTE, A. M..** Hannah Arendt como pensadora da comunidade. O Que nos Faz Pensar (PUCRJ), v. 29, p. 22-40, 2011.

21. **DUARTE, A. M.**. Pobreza de espírito? Philippe Lacoue-Labarthe e a crítica ao nacional-espiritualismo de Heidegger. *Natureza Humana* (Cessou em 2008. Cont. ISSN 2175-2834 *Natureza Humana* (Online)), v. 13, p. 25-45, 2011.
 22. CESAR, M. R. A. ; **DUARTE, A. M.** . Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. *Educação e Pesquisa* (USP. Impresso), v. 36, p. 823-837, 2010.
- Citações: SCOPUS 3**
23. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt: repensar o direito à luz da política democrática radical. *Revista Estudos Políticos*, v. 1, p. 4-15, 2010.
 24. CESAR, M. R. A. ; **DUARTE, A. M.** . Governo dos Corpos e Escola Contemporânea: Pedagogia do Fitness. *Educação e Realidade*, v. 34, p. 50-59, 2009.
 25. **DUARTE, A. M.**. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. *Cinética*, v. 1, p. 1-16, 2008.
 26. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a política excêntrica. *Coleção Multitextos*, v. 06, p. 107-124, 2008.
 27. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e o caráter historial-político da obra de arte. *Artefilosofia* (Ouro Preto), v. 5, p. 23-35, 2008.
 28. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt: el entrelazamiento de filosofía y pensamiento político. *Cuadernos Filosóficos* (Rosario), v. V, p. 159-188, 2008.
 29. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt y la política radical: más allá de las democracias realmente existentes. *En-claves del pensamiento. Revista de Humanidades: Arte, Filosofía, Historia, Literatura y Psicología*, v. 1, p. 143-154, 2007.
 30. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt's radical politics: beyond actually existing democracies. *Cadernos de Filosofia* (Lisboa), v. 19-20, p. 107-120, 2007.
 31. **DUARTE, A. M.**. Michael Winterbotton encontra Giorgio Agamben: biopolítica e cinema. *Temas & Matizes*, v. 11, p. 51-66, 2007.
 32. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a exemplaridade subversiva: por uma ética pós-metafísica. *Cadernos de Filosofia Alemã*, v. 09, p. 27-47, 2007.
 33. **DUARTE, A. M.**. Heidegger y el Otro. Ser y Tiempo: una ética postmetafísica. *Daímon. Revista de Filosofía de la Universidad de Murcia*, v. 37, p. 73-84, 2006.
 34. **DUARTE, A. M.**. Gianni Vattimo: intérprete de Heidegger e da pós-modernidade. *Alceu(PUCRJ)*, v. 1, p. 20-35, 2006.
 35. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e Foucault, críticos da modernidade: humanismo, técnica e biopolítica. *Trans/Form/Ação*, v. 29, p. 7, 2006.
 36. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 07, n.1, p. 70-100, 2005.
 37. **DUARTE, A. M.**. Biopolítica y diseminación de la violencia: la crítica de Arendt al presente. *Pasajes* (Valencia), Valencia, Espanha, v. 13, p. 97-105, 2004.
 38. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e a possibilidade de uma antropologia existencial. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 6, n.1, p. 29-52, 2004.
- Citações: SCOPUS 1**
39. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e o outro: a questão da alteridade em Ser e Tempo. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 4, n.1, p. 157-185, 2002.
 40. **DUARTE, A. M.**. Por uma ética da precariedade: sobre o traço ético de Ser e Tempo. *Natureza Humana*, Educ - São Paulo, v. 1, n.2, p. 71-101, 2001.
 41. **DUARTE, A. M.**. Rüdiger Safranski: Heidegger, um mestre da Alemanha entre o bem e o mal. *Natureza Humana*, São Paulo, v. 3, n.1, p. 187-196, 2001.
 42. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a Modernidade: esquecimento e redescoberta da política. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 24, p. 249-272, 2001.
- Citações: SciELO 6**
43. **DUARTE, A. M.**. Ditley e as aporias da hermenêutica clássica. In *Novos Estudos Cebrap, SP., EDUSP/FAPESP*, v. 40, n.NOVEMBRO, p. 185-190, 1994.
 44. **DUARTE, A. M.**. Uma leitura arendtiana de Platão. *O Que nos Faz Pensar*, Rio de Janeiro, v. 7, n.maio, p. 41-50, 1993.
 45. **DUARTE, A. M.**; RODRIGO, L. M. . Sobre a concepção hegeliana do mal na Filosofia do Direito de Hegel. *Educação e Filosofia*, UNIV.FEDERAL DE UBERLANDIA, v. 5-6, n.10 e 11, p. 7-16, 1991.
 46. **DUARTE, A. M.**. O conceito de democracia em Claude Lefort. *Rh Revista do Departamento de História Unicamp, Unicamp*, v. 1, n.1, p. 142-156, 1989.

Livros publicados/organizados ou edições

1. **DUARTE, A. M.**; Rizo-Patrón, Rosemary (Org.) ; Zirión, Antonio (Org.) . *Phenomenology 2010 Volume 2: Selected Essays from Latin America Traversing Multifarious Dimensions of Worldly Phenomenology*. 1. ed. Bucareste: Zeta Books, 2010. v. 2. 352p .
2. ★ **DUARTE, A. M.**. *Vidas em Risco - Crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 490p .
3. **DUARTE, A. M.**; MAGALHAES, M. D. B. (Org.) ; LOPREATTO, C. (Org.) . *A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004. v. 1000. 351p .
4. ★ **DUARTE, A. M.**. *O PENSAMENTO À SOMBRA DA RUPTURA*. 1. ed. SAO PAULO: PAZ E TERRA, 2000. v. 1. 392p .

Capítulos de livros publicados

1. **DUARTE, A. M.**. Foucault vai ao cinema: Tatuagem e Febre do Rato como desgoverno das identidades sexuais. In: Duarte, Pedro; Gatti, Luciano; Chaves, Ernani. (Org.). Filosofia - Coleção Ensaios Brasileiros Contemporâneos. 11ed.Rio de Janeiro: FUNARTE, 2017, v. 1, p. 267-284.
2. **DUARTE, A. M.**; **CESAR, M. R. A.** . Michel Foucault: autour des nouvelles communautés politiques. In: Guyonne LEDUC. (Org.). Inégalités Femmes-Hommes et Utopie(s).. 1ed.Paris: l'Harmattan, 2017, v. 1, p. 220-235.
3. **DUARTE, A. M.**. Foucault e os coletivos políticos: novas formas de vida para além do sujeito identitário de direitos. In: Haroldo de Resende. (Org.). Michel Foucault: política, pensamento e ação. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2016, v. 1, p. 35-50.
4. **DUARTE, A. M.**; **CESAR, M. R. A.** . Foucault e o pensamento-escritura como experiência transformadora de si e dos outros. In: Heliana de Barros Conde Rodrigues; Vera Portocarrero; Alfredo Veiga-Neto. (Org.). Michel Foucault e os saberes do Homem. 1ed.Curitiba: Editora Prismas, 2016, v. 1, p. 341-360.
5. **DUARTE, A. M.**. Judith Butler e Hannah Arendt em diálogo: repensar a ética e a política. In: Cesar Candiottto; Jelson Oliveira. (Org.). Vida e Liberdade: entre a ética e a política. 1ed.Curitiba: PUCPRESS, 2016, v. 1, p. 311-336.
6. **DUARTE, A. M.**. Biopolítica e Soberania em Foucault: uma resposta às críticas de Agamben e Esposito. In: Guilherme Castelo Branco; Helton Adverse. (Org.). Clássicos e Contemporâneos em Filosofia Política. 1ed.Rio de Janeiro: Relicário, 2015, v. 1, p. 113-126.
7. **DUARTE, A. M.**. Foucault: Biopolítica e Governamentalidade. In: GLOECKNER, Ricardo Jacobsen; FRANÇA, Leandro Ayres; RIGON, Bruno Silveira. (Org.). BIOPOLÍTICAS - Estudos sobre política, governamentalidade e violência. 1ed.Curitiba: iEA Academia, 2015, v. 1, p. 12-36.
8. **DUARTE, A. M.**. Poder, violencia y revolución en el pensamiento arendtiano: el arte de trazar distinciones. In: Marco Estrada Saavedra; María Teresa Muñoz. (Org.). Revolución y Violencia en la filosofía de Hannah Arendt. 1ed.México DF: El Colegio de México, 2015, v. 1, p. 31-64.
9. **DUARTE, A. M.**. Poder soberano, terrorismo de Estado e biopolítica: fronteiras cinzentas. In: Guilherme Castelo Branco. (Org.). Terrorismo de Estado. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2013, v. 1, p. 11-34.
10. **DUARTE, A. M.**. Apresentação a Eichmann em Jerusalém, 50 anos depois. In: Marion Brehpol. (Org.). Eichmann em Jerusalém, 50 anos depois. 1ed.Curitiba: Editora da UFPR, 2013, v. 1, p. 1-12.
11. **CESAR, M. R. A.** ; **DUARTE, A. M.** ; **SIERRA, J. C.** . A estética da existência e as artes de viver: Michel Foucault e a crítica da noção de sujeito nos movimentos Feminista, LGBT e na Educação. In: Clareto, S. M.; Ferrari, A.. (Org.). Foucault, Deleuze, Educação. 1ed.Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2013, v. 1, p. 63-80.
12. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt y el pensamiento de la comunidad: apuntes hacia el concepto de comunidades plurales. In: Huiniquier, P.; Bucci, C.; Smola, J.. (Org.). Lecturas de Arendt. Diálogos con la literatura, la filosofía y la política. 1ed.Buenos Aires: Editorial Bruja, 2012, v. 1, p. 45-75.
13. **DUARTE, A. M.**. Ensaíos Filosóficos - Resenha do livro de Benedito Nunes. In: Vinicius de Figueiredo; André Penteado. (Org.). Estante. 1ed.Curitiba: Editora da UFPR, 2012, v. 1, p. 107-110.
14. **DUARTE, A. M.**. Ordre et Temps dans la philosophie de Michel Foucault. Resenha do livro de Diogo Sardinha. In: Vinicius de Figueiredo; André Penteado. (Org.). Estante. 1ed.Curitiba: Editora da UFPR, 2012, v. 1, p. 242-260.
15. **DUARTE, A. M.**. Historia y política en la filosofía de Heidegger entre 1927-1936. In: Veiga, Itamar; Schio, Sonia. (Org.). Heidegger e sua época: 1920-1930. 1ed.Porto Alegre: Clarinete, 2012, v. 1, p. 199-229.
16. **DUARTE, A. M.**. Foucault e a governamentalidade: genealogia do liberalismo e do Estado Moderno. In: Veiga-Neto, Alfredo; Castelo Branco, Guilherme. (Org.). Foucault, Filosofia e Política. Belo Horizonte: Belo Horizonte, 2011, v. 1, p. 25-45.
17. **DUARTE, A. M.**. Heidegger, filósofo da essência da técnica moderna. In: Róbson Ramos dos Reis; Andréa Faggion. (Org.). Um filósofo e a multiplicidade de dizeres : homenagem aos 70 anos de vida e 40 de Brasil de Zeljko Loparic. Campinas: Unicamp/CLE, 2010, v. 57, p. 53-86.
18. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt. In: Pecoraro, R.. (Org.). Os filósofos - Clássicos da Filosofia. Volume III. RJ: Vozes, PUC-RJ, 2009, v. 3, p. 147-168.
19. **DUARTE, A. M.**. Poder e violência no pensamento político de Hannah Arendt: uma reconsideração. Sobre a Violência. 1ed.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, v. 1, p. 131-167.
20. **DUARTE, A. M.**. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In: Rago, Margareth; Veiga-Neto, Alfredo. (Org.). Para uma vida não fascista. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2009, v. 1, p. 35-50.
21. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e a técnica. In: Vinicius de Figueiredo. (Org.). Filósofos na sala de aula. 1ed.SP: Berlendis&Vertecchia, 2009, v. 1, p. 202-245.
22. **DUARTE, A. M.**. O acolhimento silencioso: ética e alteridade em Ser e Tempo. In: Irene Borges Duarte. (Org.). A morte e a origem: em torno de Heidegger e de Freud. 1ed.Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2008, v. 1, p. 211-227.
23. **DUARTE, A. M.**. Totalitarismo. In: Avritzer, L.; Bignotto, N.; Guimarães, J. Starling, H.. (Org.). Corrupção. Ensaios e Críticas. 1ed.Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008, v. 1, p. 117-123.
24. **DUARTE, A. M.**. De Michel Foucault a Giorgio Agamben: a trajetória do conceito de biopolítica. In: Ricardo Timm de Souza; Nythamar Fernandes de Oliveira. (Org.). Fenomenologia Hoje III - Bioética, biotecnologia, biopolítica. 1ed.Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2008, v. 3, p. 63-87.
25. ★ **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt, Biopolitics and the problem of violence: from animal laborans to homo sacer. In: Dan Stone; Richard King. (Org.). Hannah Arendt and the uses of history: imperialism, nation, race and genocide. 1ed.Londres: Berghahn Books, 2007, v. 1, p. 21-37.
26. **DUARTE, A. M.**. Becoming Other: Heidegger and the trace of a post-metaphysical ethics. In: Zeljko Loparic; Roberto Walton. (Org.). Phenomenology 2005. Selected Essays from Latin America, 2 vols.. 1ed.Bucharest: Zeta Books, 2007, v. 1, p. 119-154.
27. ★ **DUARTE, A. M.**. Biopolitics and the dissemination of violence: the Arendtian critique of the present. In: Garrath Williams. (Org.). Hannah Arendt. Critical Assessments of Leading Political Philosophers. 1ed.Abingdon, UK: Routledge, 2006, v. 3, p. 408-423.
28. **DUARTE, A. M.**. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. In: Margareth Rago; Alfredo Veiga Neto. (Org.). Figuras de Foucault. 1ed.Belo Horizonte: Autêntica, 2006, v. 1, p. 45-56.

29. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt e a biopolítica: a fixação do homem como animal laborans e o problema da violência. In: Adriano Correia. (Org.). Hannah Arendt e a Condição Humana. 1ed.Salvador: Quarteto Editora, 2006, v. 1, p. 147-162.
30. **DUARTE, A. M..** Autonomia e Liberdade: (im)possibilidades contemporâneas. In: Anderson Gonçalves; Débora Morato Pinto; Luiz Damon Santos Moutinho; Paulo Vieira Neto; Rodrigo Brandão. (Org.). Questões de Filosofia Contemporânea. 1ed.São Paulo: Discurso Editorial, 2006, v. 1, p. 11-24.
31. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt e a crise da política na modernidade. In: Adriano Codato. (Org.). Tecendo o presente: oito autores para pensar o século XX. 1ed.Curitiba: SESC Paraná, 2006, v. 1, p. 53-65.
32. **DUARTE, A. M..** Heidegger e a Modernidade: notas sobre a crise do presente. In: Ricardo Marcelo Fonseca. (Org.). Crítica da Modernidade: diálogos com o direito. 0ed.Florianópolis: Fundação Boiteux, 2005, v. 0, p. 73-91.
33. **DUARTE, A. M..** Biopolítica e sociedade de controle: notas para compreender o presente. In: Guilherme Castelo Branco. (Org.). Filosofia Pós-Metafísica. 1ed.Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005, v. 1, p. 11-26.
34. **DUARTE, A. M.;** LOPREATTO, C. ; MAGALHAES, M. D. B. . Prefácio: A banalização da violência - a atualidade do pensamento de Hannah Arendt. In: de Magalhães, M.D.B., Lopreatto, C., Duarte, A.. (Org.). A banalização da violência - a atualidade do pensamento de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, v. , p. 7-13.
35. **DUARTE, A. M..** Modernidade, biopolítica e violência: a crítica de Arendt ao presente. In: de Magalhães, M.D.B., Lopreatto, C., Duarte, A.. (Org.). A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, v. , p. 35-54.
36. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt e o pensamento político sob o signo do Amor Mundi. In: Bingemer, Maria Clara L.; Yunes, Eliane. (Org.). Mulheres de Palavra. São Paulo: Edições Loyola, 2003, v. , p. 09-251.
37. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt e a modernidade: esquecimento e redescoberta da política. In: Adriano Correia. (Org.). Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a filosofia e a política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, v. , p. 55-78.
38. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt e a apropriação política de Heidegger. In: Ricardo Timm de Souza; Nythamar de Oliveira. (Org.). Fenomenologia Hoje II - Significado e Linguagem. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, v. , p. 103-117.
39. **DUARTE, A. M..** Foucault à luz de Heidegger: notas sobre o sujeito autônomo e o sujeito constituído. In: Margareth Rago; Luiz B. Lacerda Orlandi; Alfredo Veiga-Neto. (Org.). Imagens de Foucault e Deleuze, ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, v. , p. 49-62.
40. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt entre Heidegger e Benjamin: a crítica da tradição e a recuperação da origem da política. In: Eduardo Jardim de Moraes; Newton Bignotto. (Org.). Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias. Belo Horizonte: Editora - UFMG, 2001, v. , p. 7-272.
41. **DUARTE, A. M..** Tirantias da intimidade. In: Milton Meira do Nascimento. (Org.). Jornal de Resenhas. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, v. vol. 1, p. 520-522.
42. **DUARTE, A. M..** A identidade do filósofo. In: Milton Meira do Nascimento. (Org.). Jornal de Resenhas. São Paulo: Discurso Editorial, 2001, v. vol. 2, p. 1132-1133.
43. **DUARTE, A. M..** Heidegger, a essência da técnica e as fábricas da morte: notas sobre uma questão controversa. In: Ricardo Timm de Souza; Nythamar Fernandes de Oliveira. (Org.). Fenomenologia Hoje. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, v. , p. 37-65.
44. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt e o evento totalitário como cristalização histórica. In: Odilio Alves Aguiar; César Barreira; José Carlos Silva de Almeida; José Elcio Batista. (Org.). Origens do Totalitarismo: Cinquenta anos depois. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, v. , p. 61-70.
45. **DUARTE, A. M..** Poder e violência no pensamento político de Hannah Arendt. In: André Duarte. (Org.). SOBRE A VIOLENCIA. 1ed.RIO DE JANEIRO: RELUME DUMARÁ, 1994, v. 1, p. 81-94.
46. **DUARTE, A. M..** A dimensão política da filosofia kantiana segundo Hannah Arendt. In: André Duarte. (Org.). LICOES SOBRE A FILOSOFIA POLITICA DE KANT. RIO DE JANEIRO: RELUME DUMARÁ, 1993, v. 1, p. -.

Textos em jornais de notícias/revistas

1. **DUARTE, A. M..** Foucault, de dentro para fora da filosofia. Folha de São Paulo, Caderno Ilustríssima, p. 34 - 35, 19 out. 2014.
2. **DUARTE, A. M..** Benedito Nunes, ou a arte do ensaio. Revista CULT, São Paulo, p. 22 - 23, 12 maio 2011.
3. **DUARTE, A. M..** Sociabilidade afetada: sobre as redes de relacionamento social. Gazeta do Povo, Curitiba, 31 ago. 2010.
4. **DUARTE, A. M..** Foucault no século 21. Cult (São Paulo), São Paulo, p. 45 - 47, 14 abr. 2009.
5. **DUARTE, A. M..** Pensar e agir em tempos sombrios. Revista CULT, São Paulo, p. 46 - 49, 09 out. 2008.
6. **DUARTE, A. M..** Pensar e agir por amor ao mundo. Revista Educação - Hannah Arendt pensa a educação, São Paulo, , v. 1, p. 6 - 15, 01 jun. 2007.
7. **DUARTE, A. M..** Educação: entre a tradição e ruptura. Revista Educação - Hannah Arendt pensa a Educação, São Paulo, p. 84 - 89, 01 jun. 2007.
8. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt e o pensamento sem amparos. IHU On-Line Unisinos, São Leopoldo, , v. 168, p. 28 - 34, 12 dez. 2005.
9. **DUARTE, A. M..** A dialética da paixão: Arendt e Heidegger. Revista Cult, São Paulo, p. 50 - 53, 09 set. 2004.
10. **DUARTE, A. M..** A Note Regarding the First Hannah International Colloquium in Brazil. <http://hannaharendt.net/reports.html>, Alemanha, 01 ago. 2004.
11. **DUARTE, A. M..** Heidegger em seu tempo. Revista Cult - Revista Brasileira de Literatura, São Paulo, , v. 44, p. 46 - 49, 03 mar. 2001.
12. **DUARTE, A. M..** Poética da Finitude. Revista CULT, SÃO PAULO, , v. 34, p. 23 - 24, 12 maio 2000.
13. **DUARTE, A. M..** Hannah Arendt procura sentido na política. Caderno 2, O Estado de São Paulo, SÃO PAULO, , v. 2, p. D3 - D3, 21 jun. 1998.
14. **DUARTE, A. M..** A identidade do filósofo. Folha de São Paulo - Jornal de Resenhas, SÃO PAULO, , v. 38, p. 10 - 10, 09 maio 1998.
15. **DUARTE, A. M..** Pensadora desconfiava de todas as tradições. O Estado de São Paulo - Caderno 2, SÃO PAULO, , v. LIVROS, p. D7 - D7, 14 set. 1997.

16. **DUARTE, A. M.**. Tiranias da Intimidade. Folha de São Paulo - Jornal de Resenhas, SÃO PAULO, , v. 17, p. 7 - 7, 09 ago. 1996.
17. **DUARTE, A. M.**. Ernst Bloch: teólogo romântico da revolução. Folha de São Paulo, SÃO PAULO, p. 8 - 8, 15 jun. 1993.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

1. **DUARTE, A. M.**. Liberdade e Necessidade no pensamento de Hannah Arendt. In: Natureza e Liberdade: Congresso Sul-Americano de Filosofia, 2005, Curitiba. Natureza e Liberdade. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2005. v. 1. p. 118-130.
2. **DUARTE, A. M.**. Becoming Other: Heidegger and the trace of a postmetaphysical ethics. In: II Organization of Phenomenological Organizations - Meeting, 2005, Lima, Peru. II OPO Meeting - cd rom. Lima, Peru: Editora da Universidad Católica de Perú, 2005. v. 1. p. 1-16.
3. **DUARTE, A. M.**. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault.. In: Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas, 2004, Florianópolis. Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas, 2004, Florianópolis. Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas, 2004, Florianópolis. Seminário Internacional Michel Foucault: Perspectivas, 2004. v. 01. p. 836-846.

Resumos expandidos publicados em anais de congressos

1. **DUARTE, A. M.**. Biopolítica e sociedade de controle: notas para a crítica do presente. In: Krisis - II Forum de Filosofia Contemporânea, 2005, Rio de Janeiro. Krisis - II Forum de Filosofia Contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005. v. 1. p. 23-23.

Resumos publicados em anais de congressos

1. **DUARTE, A. M.**. Historicidade e política em Heidegger: da analítica existencial à decisão política. In: XIII Encontro Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, 2008, Canela. Livro de Atas do XIII Encontro Nacional da ANPOF. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008. v. 1. p. 64-65.
2. **DUARTE, A. M.**. A política excêntrica: ação e espaço público em Hannah Arendt. In: XII Encontro Nacional de Filosofia - ANPOF, 2006, Salvador. Livro de Atas do XII Encontro Nacional de Filosofia - ANPOF. Campinas/Salvador: ANPOF/EDUFBA, 2006. v. 1. p. 58-58.
3. **DUARTE, A. M.**. Arendt e Heidegger: a ética da exemplaridade subversiva. In: XI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF, 2004, Salvador. XI Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF. Salvador: EDUFBA e Editora da UESC, 2004. p. 52-52.
4. **DUARTE, A. M.**. El carácter biopolítico de la violencia contemporánea: Arendt, Foucault y Agamben. In: XIV Congreso de la Asociación Española de Ética y Filosofía Política, 2004, Sevilla. La violencia: un análisis ético-político.. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2004. p. 6-6.
5. **DUARTE, A. M.**. Despolitização biopolítica e disseminação da violência. In: X Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia - ANPOF, 2002, São Paulo. Atas do X Encontro Nacional de Filosofia. Campinas: Anpof, 2002. p. 115-115.
6. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e Michel Foucault: duas versões da crítica da modernidade. In: Encontro do Grupo de Trabalho em Filosofia Contemporânea - ANPOF, 2001, Rio de Janeiro. Segundo encontro de Filosofia Contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, 2001. p. 7-8.
7. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt entre Heidegger e Benjamin: crítica da tradição e redescoberta do político. In: IX Encontro Nacional de Filosofia - ANPOF, realizado de 03 a 08 de outubro de 2000., 2000, Poços de Caldas. Atas do IX Encontro Nacional de Filosofia - ANPOF. Campinas: Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, 2000. v. 1. p. 73-73.
8. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a apropriação do legado fenomenológico heideggeriano.. In: IX Encontro Nacional de Filosofia - ANPOF, realizado de 03 a 08 de outubro de 2000., 2000, Poços de Caldas. Ata do IX Encontro Nacional de Filosofia - ANPOF. Campinas: Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, 2000. v. 1. p. 114-115.
9. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a Modernidade: esquecimento e redescoberta da política.. In: Colóquio: O Conceito de Estado na filosofia política moderna e contemporânea., 2000, Curitiba. Livro de Resumos: O Conceito de Estado na filosofia política moderna e contemporânea.. Curitiba: Gráfica da Secretaria de Estado da Cultura, 2000. v. 1.
10. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt entre o Passado e o Futuro: a origem do político e sua repetição transfigurada no presente.. In: 1o. Encontro de Filosofia Contemporânea, promovido pelo Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2000, Rio de Janeiro. 1o. Encontro de Filosofia Contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, 2000. v. 1. p. 7-7.

Apresentações de Trabalho

1. **DUARTE, A. M.**. De la résistance comme pratiques de liberté : attitude critique et politiques de coalition. 2018. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
2. **DUARTE, A. M.**. A virada ético-política no pensamento de Judith Butler: performatividade e precariedade. 2018. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
3. **DUARTE, A. M.**; RAGO, L. M. ; MULLER, A. . 50 anos de maio de 68: refletindo sobre as nsurreições estudantis. 2018. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
4. **DUARTE, A. M.**. Ética, Diferença e Justiça Social: Judith Butler e a pesquisa educacional. 2017. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
5. **DUARTE, A. M.**. Para um diagnóstico da crise da democracia brasileira: de 2013 a 2016. 2017. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
6. **DUARTE, A. M.**. The return to the concept of Dispositif of Sexuality: re-reading Foucault with Butler. 2017. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
7. **DUARTE, A. M.**. Novos desafios e oportunidades da internacionalização nas Universidades Brasileiras. 2017. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

8. **DUARTE, A. M.**. Foucault y Butler in torno a Herculine o: que significa resistir al dispositivo de la sexualidad?. 2016. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
9. **DUARTE, A. M.**. Political Subjectivities in recent Brazilian movies: a Foucauldian analysis'. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
10. **DUARTE, A. M.**. Arendt e Butler, um diálogo possível?. 2016. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
11. **DUARTE, A. M.**. Foucault e Butler em torno a Herculine ou: é inútil resistir ao dispositivo da sexualidade?. 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
12. **DUARTE, A. M.**. São muitos os poderes, são muitos os sujeitos: Foucault, pensador do presente em sua multiplicidade. 2016. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
13. **DUARTE, A. M.**. Foucault vai ao cinema (em Recife): Tatuagem e Febre do Rato como Heterotopias. 2015. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
14. **DUARTE, A. M.**. Figuras contemporâneas da relação entre vida e política: a sexualidade entre captura e resistência. 2015. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
15. **DUARTE, A. M.**. Foucault vai ao cinema: Tatuagem e Febre do rato como críticas ao dispositivo biopolítico da sexualidade. 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
16. **DUARTE, A. M.**. Foucault pensador do Estado moderno? Deslocamentos da genealogia: do poder ao governo. 2015. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
17. **DUARTE, A. M.**. Judith Butler e Hannah Arendt em diálogo: repensar a ética e a política. 2015. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
18. **DUARTE, A. M.**. Michel Foucault et les luttes politiques contemporaines : au-delà du sujet de droit et des identités. 2015. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
19. **DUARTE, A. M.**. Comunidades plurais: singularização e subjetivação nos novos coletivos políticos. 2014. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
20. **DUARTE, A. M.**. Debatedor no Evento de Extensão: Força, Lei, Dominação. Faces da Teoria Política. 2014. (Apresentação de Trabalho/Outra).
21. **DUARTE, A. M.**. Foucault e as lutas políticas do presente: para além do direito, a criação de novas formas de vida.. 2014. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
22. **DUARTE, A. M.**. Do perdão e do imperdoável na reflexão política de Hannah Arendt. 2014. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
23. **DUARTE, A. M.**. Heidegger, a política e o antisemitismo: a tarefa de uma longa reavaliação. 2014. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
24. **DUARTE, A. M.**. Democracia e ação política no estado de exceção. 2013. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
25. **DUARTE, A. M.**. Foucault e o pensamento-escritura como experiência (política) de transformação. 2013. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
26. **DUARTE, A. M.**. Foucault y el enlace entre biopolítica, gubernamentalidad y soberanía.. 2013. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
27. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e a questão (política) do ser em comum: debates contemporâneos.. 2013. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
28. **DUARTE, A. M.**. Sobre as distinções arendtianas entre poder, violência, guerra e revolução. 2013. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
29. **DUARTE, A. M.**. Singularisation et subjectivation éthico-politique. Arendt et Foucault autour de la question : qui est le nouvel acteur politique ?. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
30. **DUARTE, A. M.**. A cidade como espaço de intervenção dos coletivos: resistência e novas formas de vida urbana. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
31. **DUARTE, A. M.**. Singularização e Subjetivação: Arendt, Foucault e os novos atores políticos do presente. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
32. **DUARTE, A. M.**. Além do Humanismo? Heidegger em questão no debate contemporâneo.. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
33. **DUARTE, A. M.**. Politique et Droit chez Hannah Arendt: vers une action démocratique radicale.. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
34. **DUARTE, A. M.**. Pensée de la communauté et action politique : vers le concept de communautés plurielles.. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
35. **DUARTE, A. M.**. A vida moderna e seus riscos: subjetividade, sujeição e controle. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
36. **DUARTE, A. M.**. Sur le livre de Diogo Sardinha: Ordre et Temps dans la philosophie de Foucault. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
37. **DUARTE, A. M.**. Les communautés des minorités sexuelles et leurs demandes politiques : pourquoi elles nous font peur ?. 2012. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
38. **DUARTE, A. M.**. Roberto Bolaño: tramas que vão de nada a lugar algum.. 2012. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
39. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e Winnicott: sobre a noção de realidade. 2012. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
40. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt y el pensamiento de la comunidad: sobre el concepto de comunidades plurales. 2011. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
41. **DUARTE, A. M.**. A Modernidade e suas crises. 2011. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
42. **DUARTE, A. M.**. O cuidado de si como cuidado do outro: ética e finitude em Ser e Tempo. 2011. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
43. **DUARTE, A. M.**. O cuidado de si como cuidado do outro: Ser e Tempo como ética da finitude. 2011. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
44. **DUARTE, A. M.**. Debatedor da palestra de Denilson Werle "Rawls e a questão da justiça". 2011. (Apresentação de Trabalho/Outra).
- 45.

- DUARTE, A. M.**. A ética do cuidado. O cuidado de si como cuidado do outro: Ser e Tempo como ética da finitude. 2011. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
46. **DUARTE, A. M.**. História, política e comunidade entre 1927-1934: sobre a politização da ontologia fundamental. 2011. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
47. **DUARTE, A. M.**. Poder e violência em Hannah Arendt: a fina arte de traçar distinções. 2010. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
48. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt y Heidegger: proximidad en la distancia. 2010. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
49. **DUARTE, A. M.**. Heidegger, filósofo da técnica. 2009. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
50. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a trama dos conceitos: a fina arte de distinguir e relacionar. 2009. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
51. **DUARTE, A. M.**. Foucault, biopolítica e governamentalidade: genealogia como crítica do presente. 2009. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
52. **DUARTE, A. M.**. Pobreza de Espírito? Philippe Lacoue-Labarthe e a crítica à arqui-política heideggeriana. 2009. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
53. **DUARTE, A. M.**. A trajetória do conceito de biopolítica na obra de Michel Foucault. 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
54. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a política radical: para além das democracias realmente existentes. 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
55. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e o diagnóstico filosófico da modernidade: um diálogo secreto com Heidegger. 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
56. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a Modernidade. 2008. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
57. **DUARTE, A. M.**. Heidegger and the historical-political character of the work of art. 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
58. **DUARTE, A. M.**. A trajetória do conceito de biopolítica: de Foucault ao século XXI.. 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
59. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt como historiadora pós-metafísica: narrar os fragmentos políticos do passado.. 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
60. **DUARTE, A. M.**. Foucault e a biopolítica. 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
61. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e o caráter historial-político da obra de arte. 2007. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
62. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e Foucault: humanismo, técnica moderna e biopolítica. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
63. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a política excêntrica. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
64. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt: repensar o direito à luz da política democrática radical. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
65. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a ética pós-metafísica. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
66. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt y la política radical: más allá de las democracias realmente existentes. 2006. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
67. **DUARTE, A. M.**. Finitude, singularização e alteridade em Ser e Tempo: do ser para a morte ao ser para o outro. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
68. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt's radical politics: beyond actually existing democracies. 2006. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
69. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a política radical: para além das democracias realmente existentes. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
70. **DUARTE, A. M.**. A trajetória do conceito de biopolítica: de Michel Foucault a Giorgio Agamben. 2006. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
71. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a política radical: para além das democracias realmente existentes. 2006. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
72. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a crise da política na modernidade. 2005. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
73. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e a crítica da modernidade. 2005. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
74. **DUARTE, A. M.**. Becoming Other: Heidegger and the trace of a post-metaphysical ethics. 2005. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
75. **DUARTE, A. M.**. Biopolítica e Sociedade de Controle: notas para a crítica do presente. 2005. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
76. **DUARTE, A. M.**. De uma história a outra: Heidegger e a constituição do diagnóstico crítico da Modernidade. 2005. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
77. **DUARTE, A. M.**. O acolhimento Silencioso: ética e alteridade em Ser e Tempo. 2005. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
78. **DUARTE, A. M.**. A natureza devastada: diagnóstico heideggeriano do presente. 2004. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
79. **DUARTE, A. M.**. Arendt e Heidegger: a ética da exemplaridade subversiva. 2004. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
80. **DUARTE, A. M.**. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. 2004. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
81. **DUARTE, A. M.**. Formas de Exclusión de la Esfera Pública. 2004. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
82. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a biopolítica: a fixação do homem como animal laborans e o problema da violência. 2004. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
83. **DUARTE, A. M.**. Heidegger y el otro: Ser y Tiempo como una ética postmetafísica. 2004. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
84. **DUARTE, A. M.**. Reflexões sobre a atualidade das idéias de autonomia e liberdade. 2004. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
- 85.

- DUARTE, A. M.**. Biopolítica y disseminación de la violencia: la crítica de Arendt al presente. 2003. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
86. **DUARTE, A. M.**. Biopolítica y disseminación de la violencia: la crítica de Arendt al presente. 2003. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
87. **DUARTE, A. M.**. Biopolitics and the dissemination of violence: Hannah Arendt's critique of the present. 2003. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
88. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. 2003. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
89. **DUARTE, A. M.**. Ciência Moderna e objetivação do humano: a crítica heideggeriana. 2002. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
90. **DUARTE, A. M.**. Modernidade, biopolítica e violência: a crítica arendtiana do presente. 2002. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
91. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt: o pensamento à sombra da ruptura. 2002. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
92. **DUARTE, A. M.**. Autonomia e Liberdade: ainda há tempo?. 2001. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
93. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e o evento totalitário como cristalização histórica. 2001. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
94. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e o pensamento político sob o signo do Amor Mundi. 2001. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
95. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e o Outro: a questão da alteridade em Ser e Tempo. 2001. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
96. **DUARTE, A. M.**. Arendt e a crítica da Modernidade à luz de Heidegger e de Nietzsche. 2001. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
97. **DUARTE, A. M.**. Foucault à luz de Heidegger: notas sobre o sujeito constituído e o sujeito autônomo. 2000. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
98. **DUARTE, A. M.**. Foucault à luz de Heidegger: notas sobre o sujeito constituído e o sujeito autônomo. 2000. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
99. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt e a Modernidade: esquecimento e redescoberta da política. 2000. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
100. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt entre Heidegger e Benjamin: crítica da tradição e redescoberta do político. 2000. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
101. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt, Heidegger e Benjamin: crítica da tradição e redescoberta do político. 2000. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
102. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt y la crítica de la Modernidad: olvido y redescubrimiento de la política.. 2000. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
103. **DUARTE, A. M.**. Heidegger e o Holocausto: A essência da técnica e as fábricas da morte. 1999. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
104. **DUARTE, A. M.**. Por uma Ética da Precariedade: sobre o traço ético de Ser e Tempo. 1999. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
105. **DUARTE, A. M.**. Por uma Ética da Precariedade: sobre o traço ético de Ser e Tempo. 1999. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
106. **DUARTE, A. M.**. Arendt e Heidegger diante das Fábricas da Morte. 1998. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
107. **DUARTE, A. M.**. Hannah Arendt's Approaches to Heidegger. 1996. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
108. **DUARTE, A. M.**. Origens e Sentidos da questão do Juízo em Hannah Arendt. 1993. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).

Outras produções bibliográficas

1. **DUARTE, A. M.**. Apresentação do Dossiê Michel Foucault - Revista Dois Pontos. Curitiba: UFPR, 2017 (Apresentação do Dossiê temático para a Revista Dois Pontos).
2. **DUARTE, A. M.**. Michel Foucault. Curitiba: UFPR, 2017 (Organização de Dossiê Temático na Revista Dois Pontos).
3. **DUARTE, A. M.**. Heidegger au Brésil: Panorama des chercheurs et des recherches. Louvain: Université Catholique de Louvain, 2016. (Tradução/Artigo).
4. **DUARTE, A. M.**. Eichmann em Jerusalém 50 anos depois. Curitiba, 2013. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio)>.
5. **DUARTE, A. M.**. Prefácio a Alienações do Mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt. Rio de Janeiro/São Paulo, 2009. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio)>.
6. **DUARTE, A. M.**. Sobre a Violência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. (Tradução/Livro).
7. **DUARTE, A. M.**; ASSY, B. . Hannah Arendt: Responsabilidade e Julgamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 (revisão técnica de tradução).
8. **DUARTE, A. M.**; LOPREATTO, C. ; MAGALHAES, M. D. B. . A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt. Rio de Janeiro, 2004. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio)>.
9. **DUARTE, A. M.**. Sobre a Violência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994. (Tradução/Livro).
10. **DUARTE, A. M.**. Macunaíma ou o mito da nacionalidade. SAO PAULO: Revista Discurso, 1993. (Tradução/Artigo).
11. **DUARTE, A. M.**. Lições sobre a Filosofia Política de Kant. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. (Tradução/Livro).
12. **DUARTE, A. M.**. O Entretenimento. SAO PAULO: Revista Discurso, 1992. (Tradução/Artigo).

Produção técnica

Assessoria e consultoria

1. **DUARTE, A. M.**. Assessor da Capes - Avaliação Trienal 2010-2012. 2013.
2. **DUARTE, A. M.**. Consultor da área de Humanas, Ciências Sociais e Jurídicas da UFPR junto à Fundação Araucária de fomento à pesquisa do Paraná. 2010.
3. **DUARTE, A. M.**. Assessor da Capes para Avaliação Qualitativa da produção acadêmica 2007-2008. 2009.
4. **DUARTE, A. M.**. Consultor da área de Humanas, Ciências Sociais e Jurídicas da UFPR junto à Fundação Araucária de fomento à pesquisa do Paraná. 2009.
5. **DUARTE, A. M.**. Membro da Comissão de elaboração do Qualis Livros - Capes. 2008.
6. **DUARTE, A. M.**. Membro do comitê de elaboração do Qualis Periódicos. 2008.
7. **DUARTE, A. M.**. Consultor ad hoc da Fundação Araucária do Paraná. 2005.

Trabalhos técnicos

1. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico para os Cadernos de Filosofia Alemã. 2016.
2. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico para a Revista Dois Pontos. 2016.
3. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico a artigo enviado para a Revista Educação e Pesquisa - USP. 2015.
4. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico à Revista Dois Pontos - UFPR/UFSCAR. 2015.
5. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico a artigo enviado para a Revista Síntese. 2015.
6. **DUARTE, A. M.**. Participação no Seminário de Acompanhamento da Área de Filosofia/Teologia - CAPES. 2015.
7. **DUARTE, A. M.**. Parecer Científico à CAPES. 2014.
8. **DUARTE, A. M.**. Parecer Científico ao CNPQ. 2014.
9. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico à Revista Brasileira de Ciência Política. 2014.
10. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico aos Cadernos de Filosofia Alemã. 2014.
11. **DUARTE, A. M.**. Parecer a artigo enviado à Revista Educação e Realidade - UFRGS. 2014.
12. **DUARTE, A. M.**. Parecer a artigo científico enviado à revista PROFANAÇÕES. 2014.
13. **DUARTE, A. M.**. Parecer a artigo científico enviado à revista PANDEMONIUM GERMANICUM. 2014.
14. **DUARTE, A. M.**. Parecer a artigo científico para a Revista Filogênese. 2014.
15. **DUARTE, A. M.**. Parecer para a Revista Psicologia em Interação. 2014.
16. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico ao CNPq. 2013.
17. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico à CAPES. 2013.
18. **DUARTE, A. M.**. Parecer de artigo para a Revista Kinesis. 2013.
19. **DUARTE, A. M.**. Parecer sobre artigo científico submetido aos Cadernos de Filosofia Alemã. 2013.
20. **DUARTE, A. M.**. Membro do Comitê Editorial da Editora da UFPR. 2013.
21. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico ao CNPq. 2012.
22. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico para o CNPq. 2011.
23. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico para a Revista Filosofia UNISINOS. 2010.
24. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico para a Revista Philosophos. 2010.
25. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico para o CNPq. 2010.
26. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico para a revista Filosofia UNISINOS. 2009.
27. **DUARTE, A. M.**. Parecer científico para o CNPq. 2009.
28. **DUARTE, A. M.**. Secretário para Assuntos Inter-institucionais da Sociedade Brasileira de Fenomenologia SBF. 2008.
29. **DUARTE, A. M.**. Coordenador do GT Heidegger associado à ANPOF. 2008.
30. **DUARTE, A. M.**. Participante do Comitê de Pesquisa do Setor de Humanas da UFPR. 2008.
31. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista de Filosofia Dissertatio. 2008.
32. **DUARTE, A. M.**. Parecerista da Capes. 2008.
33. **DUARTE, A. M.**. Parecerista dos Cadernos PET - Filosofia UFPR. 2008.
34. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista 3 pontos - Ciências Sociais UFMG. 2008.
35. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista do NEV - USP. 2008.
36. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista Cadernos de Filosofia Alemã. 2008.
37. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista Trans/form/ação. 2007.
38. **DUARTE, A. M.**. Parecerista dos Cadernos de Filosofia Alemã. 2007.
39. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc do CNPq. 2007.
40. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc dos Cadernos de Ética e Filosofia Política. 2007.
41. **DUARTE, A. M.**. Membro ad hoc do Comitê de Área da Filosofia para a avaliação dos recursos dos programas de pós-graduação junto à CAPES. 2007.
42. **DUARTE, A. M.**. Membro do Comitê de Pesquisa do Setor de Ciências Humanas da UFPR. 2007.
43. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista Vivência. 2006.
44. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista Analecta. 2006.
45. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista Natureza Humana. 2006.
46. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc para o CNPq. 2006.
47. **DUARTE, A. M.**. Representante brasileiro no Círculo Latinoamericano de Fenomenologia - CLAFEN. 2006.
48. **DUARTE, A. M.**. Parecerista da Fundação Araucária. 2005.
49. **DUARTE, A. M.**. Secretário para Assuntos Inter-institucionais da Sociedade Brasileira de Fenomenologia. 2005.
50. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista Teoria & Sociedade. 2005.
51. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista Natureza Humana. 2005.
52. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista de Sociologia Política. 2004.
53. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc do CNPq. 2004.
54. **DUARTE, A. M.**. Representante brasileiro do Circulo Latino-Americano de Fenomenologia. 2004.
55. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista de Sociologia Política. 2003.
56. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc do CNPq. 2003.
57. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista de Sociologia Política. 2002.
58. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. 2002.
59. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. 2001.

60. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Revista de Sociologia Política. 2001.
61. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. 2000.
62. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. 1999.
63. **DUARTE, A. M.**. Parecerista ad hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. 1998.

Demais tipos de produção técnica

1. **DUARTE, A. M.**. Dossiê Michel Foucault. 2017. (Organização de Dossiê para a Revista de Filosofia DOIS PONTOS).
2. CESAR, M. R. A. ; **DUARTE, A. M.** . Michel Foucault: da disciplina à biopolítica. 2008. (Curso de curta duração ministrado/Outra).
3. **DUARTE, A. M.**. Os desdobramentos do projeto da ontologia fundamental de Heidegger: historicidade e política entre 1927 e 1936. 2007. (Curso de curta duração ministrado/Outra).
4. **DUARTE, A. M.**. Ação e Espaço Público em Hannah Arendt. 2006. (Curso de curta duração ministrado/Outra).

Demais trabalhos

1. **DUARTE, A. M.**. Coordenador de Mesa no Simpósio Nacional de Filosofia Genealogia: Foucault e Nietzsche. 2000 (Coordenador de Mesa em Simpósio) .
2. **DUARTE, A. M.**. Coordenador da Mesa: A questão do Outro em Heidegger.. 2000 (Coordenador de Mesa em Simpósio) .
3. **DUARTE, A. M.**. Coordenador de Mesa no Colóquio Michel Foucault e a Literatura.. 1999 (Coordenador de Mesa em Simpósio) .

Bancas

Participação em bancas de trabalhos de conclusão

Mestrado

1. PASCHOAL, A. E.; **DUARTE, A. M.**; VIESENTEINER, J. L.. Participação em banca de Romano Scroccaro Zattoni. Genealogia como crítica em Nietzsche. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
2. **DUARTE, A. M.**; HONESKO, V. N.; NODARI, A.. Participação em banca de Benjamim Brum Neto. Soberania e Biopolítica em Giorgio Agamben. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
3. Valentim, M. A.; **DUARTE, A. M.**; CARDOSO, L.. Participação em banca de Taciane Alves da Silva. Do 'não', da 'negação' e do 'nada' ou sobre o estatuto da negatividade em Heidegger. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
4. HELFER, I.; **DUARTE, A. M.**; CULLETON, A. S.. Participação em banca de Ricardo Pietrowski Ferreira. Os direitos humanos à luz do pensamento de Hannah Arendt: perspectivas político-filosóficas. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
5. Candiotto, César; **DUARTE, A. M.**; ALMEIDA, R. M.. Participação em banca de Paula Beatriz Mitter de Carvalho. O dizer verdadeiro sobre si mesmo e o Édipo Rei de Sófocles: uma aproximação entre a psicanálise e Michel Foucault. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
6. **DUARTE, A. M.**; Candiotto, César; CARDIM, L. N.. Participação em banca de Cassiana Lopes Stephan. Michel Foucault e Pierre Hadot: um diálogo contemporâneo sobre a concepção estoica do si mesmo.. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
7. NALLI, M. A. G.; WEBER, J. F.; **DUARTE, A. M.**. Participação em banca de Denise Corder Petrica. Crítica e Aufklärung: a genealogia do sujeito em Foucault. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Londrina.
8. **DUARTE, A. M.**; FONSECA, M. A.; CESAR, M. R. A.. Participação em banca de Valdson Carreiro Silva. A confissão como fio condutor: da sujeição à subjetivação no pensamento de Michel Foucault. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
9. **DUARTE, A. M.**; Candiotto, César; DALTO, F. A. S.; FERNANDEZ, R. V. G.. Participação em banca de Daniele Cristina Guizzo. Genealogia foucaultiana da economia política clássica. 2013. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Paraná.
10. **DUARTE, A. M.**; FRATESCHI, Y.; MELO, R.. Participação em banca de Fernando Henrique Rovere de Godoy. Hannah Arendt e Giorgio Agamben: duas visões do Estado de Direito. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
11. Valentim, M. A.; **DUARTE, A. M.**; FELIX, W. D. C.. Participação em banca de Luis Thiago Freire Dantas. O niilismo histórico-ontológico em Heidegger. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
12. REPA, L. S.; **DUARTE, A. M.**; CESAR, M. R. A.. Participação em banca de Rodrigo Souza Salles Graça. Tradução Cultural como política: abordagens em Homi Bhabha e Judith Butler. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
13. **DUARTE, A. M.**; Candiotto, César; REPA, L. S.. Participação em banca de Caroline Kelm. Estado e relações de poder no pensamento genealógico de Michel Foucault. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
14. RAMOS, C. A.; **DUARTE, A. M.**; Falabretti, E. S.. Participação em banca de Iara Lucia dos Santos Mellegari. A perspectiva política dos direitos humanos e da cidadania na filosofia de Hannah Arendt. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
15. **DUARTE, A. M.**; Miranda, Rogerio; Candiotto, César. Participação em banca de Fred Mendes Stapazzoli Junior. O sujeito, a verdade e a ética da palavra: uma leitura a partir de Foucault e Agamben. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) -

- Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
16. **DUARTE, A. M.;** Candiottto, César; Moutinho, Luis Damon. Participação em banca de Thiago Fortes Ribas. Arqueologia, verdade e loucura: considerações sobre o pensamento de Foucault entre 1952-1962.. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 17. **DUARTE, A. M.;** PASCHOAL, A. E.; OLIVEIRA, J.. Participação em banca de João Paulo Simões Vilas Bôas. Nietzsche: niilismo e grande política.. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 18. **DUARTE, A. M.;** REPA, L. S.; COSTA, R. M. D.. Participação em banca de André Tezza Consentino. Teoria Crítica da Indústria Cultural: dialética da reavaliação do conceito.. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 19. **DUARTE, A. M.;** Valentim, M. A.; Wu, R.; CRUZ, E. L.. Participação em banca de Estevão Lemos Cruz. Da relação entre Logos e Verdade em Ser e Tempo. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 20. **DUARTE, A. M.;** Ferreira, Alexandre; Valentim, M. A.. Participação em banca de Estevão Lemos Cruz. Da relação entre Logos e Verdade em Ser e Tempo. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 21. **DUARTE, A. M.;** Ferreira, Alexandre. Participação em banca de Marcel Albiero da Silva Santos. A crítica heideggeriana de Ser e Tempo ao conceito de ser da tradição filosófica: sobre a ontologia da Vorhandenheit e o fundamento existencial da transgressão categorial. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 22. SCHLESENER, A. H.; **DUARTE, A. M.;** Bocca, Francisco V.. Participação em banca de Cleber Dias de Araújo. Origem da atividade intelectual na modernidade em Walter Benjamin. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 23. **DUARTE, A. M.;** Saramago, L.. Participação em banca de Gustavo Silvano Batista. Hermenêutica e práxis em Gadamer. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
 24. **DUARTE, A. M.;** Moraes, E.R.. Participação em banca de Josiane Orvatic. O filósofo celerado: erotismo e transgressão em Georges Bataille. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
 25. **DUARTE, A. M.;** Feron, O.. Participação em banca de Fabiano Incerti. Escuta e Verdade: uma interpretação a partir de Foucault e Heidegger. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
 26. **DUARTE, A. M.;** NOBRE, M.; FRATESCHI, Y.. Participação em banca de Renata Romolo Brito. Ação Política em Hannah Arendt. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
 27. **DUARTE, A. M.;** Wu, R.; Reis, R.R.. Participação em banca de Fernando Rodrigue. Transcendência e Mundo no projeto da ontologia fundamental de Martin Heidegger: sobre o problema da condição de possibilidade do comportamento humano. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 28. **DUARTE, A. M.;** Ferreira, Alexandre; REGO, P. C.. Participação em banca de Laura de Borba Moosburguer. A origem da obra de arte de Martin Heidegger: tradução, comentário e notas.. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 29. **DUARTE, A. M.;** VAZ, A. F.; CESAR, M. R. A.. Participação em banca de Vanessa da Cunha Prado D'Affonseca. Hannah Arendt, o Estatuto da Criança e do Adolescente, e o Homem trágico. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
 30. **DUARTE, A. M.;** RAMOS, C. A.; CHUEIRI, V. K.. Participação em banca de Kerlly Pellizaro. A concepção de pessoa na teoria da justiça eqüitativa de John Rawls. 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 31. **DUARTE, A. M.;** DRUCKER, C.; FIGUEIREDO, V.. Participação em banca de Moisés Spellmeier. A ausência de liberdade na tradição política e na era moderna segundo Hannah Arendt em A Condição Humana. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 32. **DUARTE, A. M.;** MICHELAZZO, J. C.; Loparic, Zeljko. Participação em banca de Tatiana Monreal Cano. A ontologia fundamental como ética originária e a questão da responsabilidade. 2005. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
 33. **DUARTE, A. M.;** PORTOCARRERO, V.; FIGUEIREDO, V.. Participação em banca de Augusto Bach. Iluminar Foucault: literatura e arqueologia. 2004. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 34. **DUARTE, A. M.;** Beaini, T.C.. Participação em banca de Ricardo Trapé Trinca. A filosofia transcendental de Martin Heidegger e o problema do fundamento do ente. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
 35. **DUARTE, A. M.;** DUQUE-ESTRADA, P. C.; REGO, P. C.. Participação em banca de Roberto Wu. Compreensão e Tradição: a herança heideggeriana na hermenêutica de Gadamer. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
 36. **DUARTE, A. M.;** Fabri, Marcelo. Participação em banca de Sílvia Regina Capaverde de Quadros. A compreensão e sua estrutura prévia em Ser e Tempo de Martin Heidegger. 2001. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Maria.
 37. **DUARTE, A. M.;** Loparic, Zeljko. Participação em banca de Alexandre de Oliveira Ferreira. Wegmarken: o acontecer historial em Heidegger. 2001. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
 38. **DUARTE, A. M.;** Ternes, José. Participação em banca de Carmelita B. de Freitas. Direitos Humanos ou o Direito a ter direitos?. 2000. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Goiás.

Teses de doutorado

1. Candiottto, César; OLIVEIRA, J.; NALLI, M. A. G.; INCERTI, F.; **DUARTE, A. M.** Participação em banca de Tiaraju Dal Pozzo Pez. O jogo e a liberdade em Michel Foucault. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
2. **DUARTE, A. M.;** NODARI, A.; Paschoal, Edmilson; Candiottto, César; PENNA, J. C. B. O.. Participação em banca de Daniel Verginelli Galantin. Experiência e Política no pensamento de Michel Foucault. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
3. **DUARTE, A. M.;** Ferreira, Alexandre; Wu, R.; MENON JR, W.; SILVA, M. F.. Participação em banca de Antonio Marcos dos Santos. Ontologia e Práxis em Ser e Tempo: a interpretação heideggeriana de Aristóteles. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
- 4.

- DUARTE, A. M.;** ASSY, B.; FIGUEIREDO, V.; BRANDAO, R.; ADVERSE, H.. Participação em banca de Rodrigo Ponce Santos. Princípio e Início: a questão da humanidade em Hannah Arendt. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
5. FRATESCHI, Y.; **DUARTE, A. M.;** HULSHOF, M.; da Silva, Adriano C.; AGUIAR, O.. Participação em banca de Paulo Eduardo Bodziak. Em defesa do pensamento: modernidade e a crítica às ciências sociais em Hannah Arendt. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
6. ALMEIDA, L. C. D. P. O.; LYRA, E.; **DUARTE, A. M.;** DUQUE-ESTRADA, P. C.; FRAGOZO, F. A. S.. Participação em banca de Marius Johan Geertsema. Heidegger's onto-poetology: the poetic projection of Being. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
7. **DUARTE, A. M.;** PASCHOAL, A. E.; Candiotto, César; CHAVES, E. P.; VIEIRA, P. P.. Participação em banca de Thiago Fortes Ribas. Saber, verdade e política no pensamento de Michel Foucault. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
8. **DUARTE, A. M.;** Ferreira, Alexandre; Valentim, M. A.; MENON JR, W.. Participação em banca de Marcel Albiero da Silva Santos. Heidegger: História da Metafísica e Antropomorfismo. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
9. **DUARTE, A. M.;** MENON JR, W.; FELIX, W. D. C.; Valentim, M. A.; Ferreira, Alexandre. Participação em banca de Marcel Albiero da Silva Santos. Heidegger: História do Ser e Antropomorfismo. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
10. PORTELLA, J. R. B.; VENANCIO, A. T. A.; WADI, Y. M.; BURMESTER, A. M. O.; **DUARTE, A. M.** Participação em banca de Andréa Maria Carneiro Lobo Socudo. Da patologização dos afetos à medicalização da tristeza: aspectos do discurso médico-científico sobre medicamentos anti-depressivos no Brasil: 1959-1991.. 2015. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná.
11. RAMOS, C. A.; **DUARTE, A. M.;** OLIVEIRA, J.; CULLETON, A. S.; SA, A. F.. Participação em banca de Iara Lúcia Santos Mellegari. A dignidade humana como fundamento moral do direito a ter direitos na perspectiva filosófica dos direitos humanos. 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
12. FONSECA, M. A.; **DUARTE, A. M.;** MUCHAIL, S. T.; BONS, J. G.; YAZBEK, A. C.. Participação em banca de Flávia D'Urso. Perspectivas sobre a soberania em Carl Schmitt, Michel Foucault e Giorgio Agamben. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
13. JARDIM, E.; **DUARTE, A. M.;** ASSY, B.; da Silva, Adriano C.. Participação em banca de Cícero Josinaldo da Silva Oliveira. Descontrole e Risco na Modernidade - uma análise a partir de considerações sociológicas e filosóficas. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
14. LUDWIG, C. L.; **DUARTE, A. M.;** GEDIEL, J. A. P.; CESAR, M. R. A.; CHUEIRI, V. K.. Participação em banca de Ângela Couto Machado Fonseca. Corpo, Biopolítica e Direito: percursos filosóficos da ordenação e regulação biológica. 2014. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade Federal do Paraná.
15. **DUARTE, A. M.;** de Camargo, José Sérgio F.; SIEVERS, V.; SEVERINO, A. J.. Participação em banca de Wanderley José Deina. A educação na esteira da crise política da modernidade: uma análise a partir das reflexões de Hannah Arendt. 2012. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo.
16. **DUARTE, A. M.;** DUQUE-ESTRADA, P. C.; Filho, Edgar; Passos Videira, Antonio Augusto. Participação em banca de Hélia Maria Soares de Freitas. O ser-aí e a instância de produção dos conceitos e enunciados filosóficos em Ser e Tempo. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
17. **DUARTE, A. M.;** BRANCO, G. C.; MONTEIRO, M. S.; Ferreira, P. P.; dos Santos, L. G.. Participação em banca de Rodolfo Eduardo Scachetti. O espelho virtual: prolegômenos de uma arqueologia do futuro do humano. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas.
18. **DUARTE, A. M.;** CASANOVA, M. A.; DUQUE-ESTRADA, P. C.; Saramago, L.; Bocayuva, I.. Participação em banca de Luciana da Costa Dias. Arte e História do Ser. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
19. JARDIM, E.; MURICY, K.; LYRA, E.; ANDRADE, P. D.; **DUARTE, A. M.** Participação em banca de Beatriz Andreiuolo. Imagens de Tempos Sombrios. 2011. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
20. **DUARTE, A. M.;** Candiotto, César; Passetti, Edson; Lobo, R.H.. Participação em banca de Miguel Angelo Oliveira do Carmo. Acontecimento e atualidade em Michel Foucault. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
21. **DUARTE, A. M.;** LAUAND, L. J.; Critelli, D. M.; da Silva, Adriano C.. Participação em banca de Vanessa Sievers de Almeida. Amor mundi e educação: reflexões sobre o pensamento de Hannah Arendt. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo.
22. **DUARTE, A. M.;** Critelli, D. M.; da Silva, Adriano C.; de Camargo, José Sérgio F.; LAUAND, L. J.. Participação em banca de Vanessa Sievers de Almeida. Amor Mundi e Educação: reflexões sobre o pensamento de Hannah Arendt. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo.
23. **DUARTE, A. M.;** MICHELAZZO, J. C.; SASSI, W.; LORENZI, D.; Loparic, Zeljko. Participação em banca de Alexandre de Oliveira Ferreira. Ontologia fundamental e técnica: uma contribuição ao estudo da Kehre no pensamento de Heidegger. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
24. **DUARTE, A. M.;** Vasconcelos, J.; Lobo, R.H.; Mendonça, W.; BRANCO, G. C.. Participação em banca de Georgia Cristina Amitrano. Ecos de razão e recusa: uma filosofia da revolta de homens em tempos sombrios.. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
25. **DUARTE, A. M.;** DRUCKER, C.; LYRA, E.; ASSY, B.; JARDIM, E.. Participação em banca de Rodrigo Ribeiro Alves Neto. Mundo e Acosmismo na obra de Hannah Arendt. 2007. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
26. **DUARTE, A. M.;** GIACOIA JR., O.; Loparic, Zeljko; DIAS, E. O.; SIMANKE, R. T.. Participação em banca de Eder Soares Santos. D.W. Winnicott e Heidegger: a teoria do amadurecimento pessoal e a acontecência humana. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
27. **DUARTE, A. M.;** DUQUE-ESTRADA, P. C.; FOGEL, G.; Saramago, L.; REGO, P. C.. Participação em banca de Roberto Wu. Heidegger e a possibilidade do novo. 2006. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Janeiro.

28. **DUARTE, A. M.;** Loparic, Zeljko; BECKENKAMP, J.; MICHELAZZO, J. C.; PEREZ, D. O.. Participação em banca de Wanderlei J. Ferreira Jr.. A desconstrução heideggeriana do processo de objetificação na metafísica e na ciência moderna. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
29. **DUARTE, A. M.;** NUNES, B.; GONCALVES, M. C. F.; BUENO, V. C. A.; DUQUE-ESTRADA, P. C.. Participação em banca de Ligia Teresa Saramago Pádua. A topologia do Ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Heidegger. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
30. **DUARTE, A. M.;** JARDIM, E.; GONCALVES, N.; MURICY, K.; LYRA, E.. Participação em banca de Maria Manoella Beaklini Baffa. A forma da metafísica: sobre a história na obra tardia de Heidegger. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
31. **DUARTE, A. M.;** Loparic, Zeljko; GIACOIA JR., O.; SILVA, F. L. E.; MULLER, M. L.. Participação em banca de José Carlos Michelazzo. O círculo restaurado - o resgate da experiência da totalidade originária no primeiro Heidegger. 2004. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
32. **DUARTE, A. M.;** BRANCO, G. C.; COELHO, J.; CHEDIK, K.; AQUILES, N.. Participação em banca de Samir Haddad. Hannah Arendt e o Humanismo Político. 2002. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Qualificações de Doutorado

1. FRATESCHI, Y.; **DUARTE, A. M.;** da Silva, Adriano C.. Participação em banca de Paulo Eduardo Bodziak. A inevitável condição humana: uma crítica às ciências humanas como enfrentamento filosófico da ação em Hannah Arendt. 2016. Exame de qualificação (Doutorando em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.
2. CESAR, M. R. A.; **DUARTE, A. M.;** GOSDORF, L. F.; TORRES, M. A.. Participação em banca de Dayana Brunetto Carlin dos Santos. Cartografia da docência decente: a professora Trans. 2016. Exame de qualificação (Doutorando em Educação) - Universidade Federal do Paraná.
3. RAMOS, C. A.; **DUARTE, A. M.;** Falabretti, E. S.. Participação em banca de Iara Lúcia Santos Mellegari. A dignidade humana como fundamento moral do direito a ter direitos no pensamento de Hannah Arendt. 2015. Exame de qualificação (Doutorando em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
4. **DUARTE, A. M.;** CESAR, M. R. A.; GEDIEL, J. A. P.. Participação em banca de Ângela Couto Machado Fonseca. Direito e Biopolítica. 2014. Exame de qualificação (Doutorando em Direito) - Universidade Federal do Paraná.
5. GARRAFONI, R. S.; **DUARTE, A. M.;** BOSCHILIA, R.. Participação em banca de Carla Fernanda da Silva. Roberto Freire: um intelectual anarquista. 2014. Exame de qualificação (Doutorando em História) - Universidade Federal do Paraná.
6. FRATESCHI, Y.; GIACOIA JR., O.; **DUARTE, A. M.;** Participação em banca de Renata Romolo Brito. Direito e Política na filosofia de Hannah Arendt. 2011. Exame de qualificação (Doutorando em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas.

Qualificações de Mestrado

1. LIMONGI, M. I.; **DUARTE, A. M.;** FIGUEIREDO, V.. Participação em banca de Luciana Rodrigues. Os direitos humanos em Claude Lefort. 2016. Exame de qualificação (Mestrando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
2. **DUARTE, A. M.;** HONESKO, V. N.; BRANDAO, R.. Participação em banca de Benjamim Brum Neto. Política como Metafísica: uma leitura a partir de Giorgio Agamben. 2016. Exame de qualificação (Mestrando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
3. **DUARTE, A. M.;** CESAR, M. R. A.; VIEIRA, P. P.; GOSDORF, L. F.. Participação em banca de Carolina Langnor e Sousa Lisboa. Novos Feminismos? Perspectivas sobre o movimento estudantil feminista na Universidade Federal do Paraná. 2016. Exame de qualificação (Mestrando em Educação) - Universidade Federal do Paraná.
4. FIGUEIREDO, V.; **DUARTE, A. M.;** LIMONGI, M. I.. Participação em banca de Renan Bird Ricieri. Crítica e Reconstrução da Esfera Pública em Habermas. 2016. Exame de qualificação (Mestrando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
5. COELHO, J. G.; MONTEAGUDO, R.; **DUARTE, A. M.;** Participação em banca de Diogo Sene. Kehre: Linguagem e Verdade em Heidegger. 2015. Exame de qualificação (Mestrando em Filosofia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
6. PEREZ, D. O.; **DUARTE, A. M.;** Bocca, Francisco V.. Participação em banca de Paulo Roberto Fier. Como pensar a ação política para construção de identidades sociais a partir das teorias de identificação freudo-lacaniana. 2014. Exame de qualificação (Mestrando em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
7. LIMONGI, M. I.; **DUARTE, A. M.;** FIGUEIREDO, V.. Participação em banca de Peterson Pereira Bem. Sujeito e Poder em Foucault. 2014. Exame de qualificação (Mestrando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
8. Valentim, M. A.; **DUARTE, A. M.;** NODARI, A.. Participação em banca de Gustavo Jugend. Rosto: a passagem da ontologia à ética em Giorgio Agamben. 2014. Exame de qualificação (Mestrando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
9. Valentim, M. A.; **DUARTE, A. M.;** CAPELLO, M. A.. Participação em banca de Taciane Alves da Silva. Do 'não', da negação e do 'nada' ou sobre o estatuto da negatividade em Heidegger. 2014. Exame de qualificação (Mestrando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.

Monografias de cursos de aperfeiçoamento/especialização

1. **DUARTE, A. M.;** Participação em banca de Luciano Kaminski. Heidegger e a palavra. 2004. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.

Trabalhos de conclusão de curso de graduação

1. **DUARTE, A. M.;** Moutinho, Luis Damon; VIEIRA NETO, P.. Participação em banca de Poliana Travaglia. A questão da punição em Vigiar e Punir de Michel Foucault. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
2. Trindade; PERISSINOTTO, R. M.; **DUARTE, A. M.;** Participação em banca de Camila de Oliveira Casara. O poder para Max Weber e Hannah Arendt. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal do

Paraná.

3. **DUARTE, A. M.;** SOUZA, J. A.. Participação em banca de Daniel Aust de Andrade.A fragilidade do modelo moral cristão na política. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
4. **DUARTE, A. M.;** LIMONGI, M. I.; AGUIAR, O.. Participação em banca de Rafaelle Sattler.A legitimidade do poder repressivo do Estado na visão do filósofo Thomas Hobbes. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
5. **DUARTE, A. M.;** AGUIAR, O.; MOUTINHO, Luis Damon. Participação em banca de Danielle Eveline de Quadros.Poder e biopoder em Foucault. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
6. **DUARTE, A. M.;** AGUIAR, O.; LIMONGI, M. I.. Participação em banca de Renata Albuquerque Palcoski.A distinção entre obrigação natural e moral como base da virtude artificial da justiça em Hume. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
7. **DUARTE, A. M.;** REGO, P. C.. Participação em banca de Juliano Orlandi.O problema da coerência entre o círculo hermenêutico e a destruição da história da ontologia em Heidegger. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
8. **DUARTE, A. M.;** SOUZA, J. A.; REGO, P. C.. Participação em banca de Vilma Luzia Dolinski de Lima.A questão do conhecimento na crítica heideggeriana à subjetividade. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
9. **DUARTE, A. M.;** LIMONGI, M. I.; APPEL, E.. Participação em banca de João Paulo Walvy Wischral.Ética Prática em Peter Singer. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
10. **DUARTE, A. M.;** MOUTINHO, Luis Damon. Participação em banca de Augusto Bach.Michel Foucault: uma arqueologia desenganada. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
11. **DUARTE, A. M.;** PASCHOAL, Edmilson. Participação em banca de Ângela Couto Machado.A questão da verdade em Nietzsche. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
12. **DUARTE, A. M.;** GARCIA, Tânia. Participação em banca de Roseane Almeida Silva.Escola: uma instituição disciplinar. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná.
13. **DUARTE, A. M.;** GIUDICE, S.. Participação em banca de Giovana Cristina Angioletti.O estatuto da psicologia e a problematização do sujeito em Michel Foucault. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná.

Participação em bancas de comissões julgadoras

Concurso público

1. **DUARTE, A. M.;** VIEIRA NETO, P.; REPA, L. S.; CASANOVA, M. A.; CECCHINATO, G.. Concurso Público para provimento de professor adjunto - Filosofia Clássica Alemã. 2013. Universidade Federal do Paraná.
2. **DUARTE, A. M.;** BIGNOTTO, N.; DUARTE, Rodrigo A. P.; SILVA, João Carlos Salles Pires; PEIXOTO, M. C. D.. Banca de Concurso Público para Professor Adjunto no Departamento de Filosofia da UFMG. 2008. Universidade Federal de Minas Gerais.
3. **DUARTE, A. M.;** FARIA, P.; LEVY, L.; LIMONGI, M. I.; BIGNOTTO, N.. Concurso Público para provimento do cargo de professor adjunto. 2002. Universidade Federal do Paraná.

Avaliação de cursos

1. **DUARTE, A. M..** Avaliação Trienal da Capes 2010-2013. 2013. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
2. **DUARTE, A. M.;** Araújo, L.B.. Visita de avaliação a programa de pós-graduação. 2008. Universidade Federal de Pernambuco.
3. **DUARTE, A. M.;** Gomes, N.. Visita de avaliação de programa de pós-graduação. 2008. Universidade Federal de Ouro Preto.
4. **DUARTE, A. M.;** Gomes, N.. Visita de avaliação de programa de pós-graduação. 2008. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Outras participações

1. **DUARTE, A. M.;** MUCHAIL, S. T.; FONSECA, M. A.. Perspectivas do Direito em Giorgio Agamben. Qualificação de Doutorado. 2012. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
2. **DUARTE, A. M..** Membro da comissão julgadora do prêmio ANPOF. 2010. Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia.
3. **DUARTE, A. M.;** SCHLESENER, A. H.; VIEIRA NETO, P.. Walter Benjamin: modernidade e engajamento. 2008. Universidade Federal do Paraná.
4. **DUARTE, A. M.;** Reis, R.R.; CASANOVA, M. A.; FERREIRA JR, P. C.G.. Da realidade à verdade. A crítica de Heidegger aos fundamentos da concepção tradicional da verdade a partir de Aristóteles. 2008. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
5. **DUARTE, A. M.;** NOBRE, M.; FRATESCHI, Y.. Ação e Política em Hannah Arendt. 2006. Universidade Estadual de Campinas.
6. **DUARTE, A. M.;** EVA, L. A.; HAX, B.. 14 EVINCI. 2006. Universidade Federal do Paraná.
7. PEREZ, D. O.; SOUZA, J. A.; **DUARTE, A. M..** O trágico em Heidegger. 2006. Universidade Federal do Paraná.
8. **DUARTE, A. M.;** REGO, P. C.. Subjetividade e constituição: a origem do tempo na fenomenologia de Husserl. 2005. Universidade Federal do Paraná.
9. **DUARTE, A. M.;** PEREZ, D. O.; Loparic, Zeljko. A ética da responsabilidade e a ontologia fundamental. 2005. Universidade Estadual de Campinas.
10. **DUARTE, A. M.;** MOUTINHO, Luis Damon; FIGUEIREDO, V.. O 'sono psicológico' em História da Loucura. 2005. Universidade Federal do Paraná.

11. **DUARTE, A. M.;** RAMOS, C. A.; CHUEIRI, V. K.. A concepção de pessoa na teoria da justiça equitativa de J. Rawls. 2005. Universidade Federal do Paraná.
12. **DUARTE, A. M.**. 13 EVINCI. 2005. Universidade Federal do Paraná.
13. **DUARTE, A. M.;** SCHLESENER, A. H.; VIEIRA NETO, P.. Processo Seletivo para Professor Substituto. 2004. Universidade Federal do Paraná.
14. **DUARTE, A. M.;** SOUZA, J. A.; EVA, L. A.; Moutinho, Luis Damon; LIMONGI, M. I.; VIEIRA NETO, P.; REGO, P. C.; FIGUEIREDO, V.; MOREIRA, V. C.. Processo Seletivo do Programa de Mestrado em Filosofia da UFPR. 2004. Universidade Federal do Paraná.
15. **DUARTE, A. M.;** BARRA, E. O.; SCHLESENER, A. H.; SOUZA, J. A.; EVA, L. A.; LIMONGI, M. I.; VIEIRA NETO, P.; REGO, P. C.; MOREIRA, V. C.; FIGUEIREDO, V.. Processo Seletivo para o Programa de Mestrado em Filosofia. 2003. Universidade Federal do Paraná.
16. **DUARTE, A. M.;** RAMOS, C. A.; EVA, L. A.; LIMONGI, M. I.; FIGUEIREDO, V.. Processo Seletivo para o Programa de Mestrado em Filosofia. 2001. Universidade Federal do Paraná.
17. **DUARTE, A. M.;** LIMONGI, M. I.; FIGUEIREDO, V.; EVA, L. A.; RAMOS, C. A.. Processo de Seleção para o Programa de Mestrado em Filosofia. 2000. Universidade Federal do Paraná.

Eventos

Participação em eventos, congressos, exposições e feiras

1. Politiques de l'identité: avec et d'après Foucault. De la résistance comme pratiques de liberté : attitude critique et politiques de coalition. 2018. (Congresso).
2. 38ª Reunião Nacional da ANPED. Ética, diferença e justiça social: Judith Butler e a pesquisa educacional. 2017. (Congresso).
3. Kulturelle Orientierung und Normative Bindung. The return to the concept of Dispositif of Sexuality: re-reading Foucault with Butler. 2017. (Seminário).
4. Coloquio Internacional Michel Foucault: a cincuenta años de Las palabras y las cosas y a cuarenta años de La Historia de la Sexualidad. Foucault y Butler in torno a Herculine o: que significa resistir al dispositivo de la sexualidad?. 2016. (Congresso).
5. X Colóquio Internacional Michel Foucault. São muitos os poderes, são muitos os sujeitos: Foucault, pensador do presente em sua multiplicidade. 2016. (Congresso).
6. X Encontro Internacional Hannah Arendt. Arendt e Butler, um diálogo possível?. 2016. (Congresso).
7. X Encontro Internacional Hannah Arendt. Arendt e Butler, um diálogo possível?. 2016. (Congresso).
8. XVII Encontro Nacional da ANPOF. Foucault e Butler em torno a Herculine ou: é inútil resistir ao dispositivo da sexualidade?. 2016. (Congresso).
9. XXXIV International Congress of LASA. Political subjectivities in recent Brazilian movies: a Foucauldian analysis. 2016. (Congresso).
10. A mulher na Filosofia. Judith Butler e Hannah Arendt em diálogo: repensar a ética e a política. 2015. (Congresso).
11. COLLOQUE INTERNATIONAL ET PLURIDISCIPLINAIRE « INÉGALITÉ(S) HOMMES-FEMMES ET UTOPIE(S) (ANTIQUITÉ-XXIÈME SIÈCLE) ». « Michel Foucault et les luttes politiques contemporaines : au-delà du sujet de droit et des identités ». 2015. (Congresso).
12. Colóquio Internacional Michel Foucault: 40 anos de Vigiar e Punir.. Foucault pensador do Estado moderno? Deslocamentos da genealogia: do poder ao governo. 2015. (Congresso).
13. IX Colóquio Internacional Michel Foucault: Foucault e as Heterotopias do Corpo. Foucault vai ao cinema (em Recife): Tatuagem e Febre do Rato como Heterotopias. 2015. (Congresso).
14. V Colóquio Latino-Americano de Biopolítica. Foucault vai ao cinema: Tatuagem e Febre do rato como críticas ao dispositivo biopolítico da sexualidade. 2015. (Congresso).
15. XXVII Encontro Nacional da ANPED. Figuras contemporâneas da relação entre vida e política: a sexualidade entre captura e resistência. 2015. (Congresso).
16. Ciclo de Debates Michel Foucault: múltiplos olhares. Foucault e as lutas políticas do presente: para além do direito, a criação de novas formas de vida.. 2014. (Encontro).
17. Colóquios de Filosofia da PUC-RJ. Comunidades Plurais: singularização e subjetivação nos novos coletivos políticos. 2014. (Seminário).
18. Filosofia e Sexualidade. Filosofia e Homossexualidade. 2014. (Oficina).
19. Força, Lei e Dominação. Faces da Teoria Política. Concepções acerca do Poder. 2014. (Encontro).
20. Fronteiras do Perdão e da Justiça. Do perdol e do imperdoável na reflexão política de Hannah Arendt. 2014. (Simpósio).
21. XIX Congresso Heidegger. Heidegger, a política e o antisemitismo: a tarefa de uma longa reavaliação. 2014. (Congresso).
22. II Colóquio Internacional Michel Foucault: a judicialização da vida. Michel Foucault e a subjetivação política: para além do sujeito de direitos e das identidades. 2013. (Congresso).
23. IV Colóquio Latino-Americano de Biopolítica. Foucault y el enlace entre biopolítica, gubernamentalidad y soberanía.. 2013. (Congresso).
24. IV Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia. Heidegger e a questão (política) do ser em comum: debates contemporâneos.. 2013. (Congresso).
25. IV Jornadas Internacionais Hannah Arendt - 50 anos de Sobre a Revolução. Sobre as distinções arendtianas entre poder, violência, guerra e revolução. 2013. (Congresso).
26. Seminário Horizontes 2013: Cidades Rebeldes. Democracia e ação política no estado de exceção. 2013. (Seminário).
27. VIII Congresso Internacional Michel Foucault. Foucault e o pensamento-escritura como experiência (política) de transformação. 2013. (Congresso).
28. A prosa oculta da arte. Roberto Bolaño: tramas que vão de nada a lugar algum. 2012. (Encontro).
29. Dialogues Philosophiques. Pensée de la communauté et action politique : vers le concept de communautés plurielles.. 2012. (Seminário).

30. Dialogues Philosophiques.Sur le livre de Diogo Sardinha: Ordre et Temps dans la philosophie de Foucault.. 2012. (Oficina).
31. Filosofia e Psicanálise..Heidegger e Winnicott: sobre a noção de realidade. 2012. (Encontro).
32. Journées Hannah Arendt. Singularisation et subjectivation éthico-politique. Arendt et Foucault autour de la question : qui est le nouvel acteur politique ?. 2012. (Congresso).
33. SEMIC PUC-PR Seminário de Iniciação Científica.A vida moderna e seus riscos: subjetividade, sujeição e controle. 2012. (Seminário).
34. Séminaire au Collège International de Philosophie.Les communautés des minorités sexuelles et leurs demandes politiques : pourquoi elles nous font peur ?. 2012. (Oficina).
35. Séminaires du Centre de Sociologie des Pratiques et Répresentations Politiques - Université de Paris 7.Politique et Droit chez Hannah Arendt: vers une action démocratique radicale. 2012. (Seminário).
36. Transformações da Biopolítica. A cidade como espaço de intervenção dos coletivos: resistência e novas formas de vida urbana.. 2012. (Congresso).
37. XV Encontro Nacional de Pós-Graduação em Filosofia -ANPOF. Singularização e Subjetivação: Arendt, Foucault e os novos atores políticos do presente. 2012. (Congresso).
38. XVII Colóquio Heidegger. Além do Humanismo? Heidegger em questão no debate contemporâneo. 2012. (Congresso).
39. Diálogos PET UFPR.A Modernidade e suas crises. 2011. (Seminário).
40. Dialogues Philosophiques.Discussion du texte ? La figure du réfugié. Réflexions sur l'hospitalité publique étatique dans un monde globalisé. ? de autoria de Pamela Morales. 2011. (Oficina).
41. II Congresso Sul Brasileiro de Fenomenologia. O cuidado de si como cuidado do outro: ética e finitude em Ser e Tempo. 2011. (Congresso).
42. III Colóquio "Justiça, Virtude e Democracia".Rawls e a questão da justiça. 2011. (Seminário).
43. IIIº Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia ? IVº Congresso da AFFEN. História, política e comunidade entre 1927-1934: sobre a politização da ontologia fundamental. 2011. (Congresso).
44. Vida, Poder, Subjetivación.Hannah Arendt y el pensamiento de la comunidad: sobre el concepto de comunidades plurales. 2011. (Encontro).
45. XVI Congresso Internacional D. Winnicott - A ética do cuidado. O cuidado de si como cuidado do outro: Ser e Tempo como ética da finitude. 2011. (Congresso).
46. Hannah Arendt: a política ainda tem algum sentido?.Poder e violência em Hannah Arendt: a fina arte de traçar distinções. 2010. (Seminário).
47. II Jornadas Internacionales Hannah Arendt.Hannah Arendt y Heidegger: proximidad en la distancia. 2010. (Simpósio).
48. Hannah Arendt: a educação e o mundo contemporâneo. Hannah Arendt e a trama dos conceitos: a fina arte de distinguir e relacionar. 2009. (Congresso).
49. II Congresso Luso-Brasileiro de Fenomenologia. Pobreza de Espírito? Philippe Lacoue-Labarthe e a crítica à arqui-política heideggeriana. 2009. (Congresso).
50. PET - Filosofia 2009: A filosofia e a técnica.Heidegger, filósofo da técnica. 2009. (Oficina).
51. VI Colóquio Internacional Michel Foucault. Foucault, biopolítica e governamentalidade: genealogia como crítica do presente. 2009. (Congresso).
52. Colóquio 50 anos de publicação de The Human Condition, de Hannah Arendt. Hannah Arendt e o diagnóstico filosófico da modernidade: um diálogo secreto com Heidegger. 2008. (Congresso).
53. II Congresso Internacional: Questões Fundamentais da Hermenêutica Filosófica: Hermenêutica e Ciência.Ciência, técnica e natureza em Heidegger: três figuras de uma relação fundacional com a filosofia. 2008. (Seminário).
54. IV Jornada de Filosofia e Direitos Humanos.Hannah Arendt e a política radical: para além das democracias realmente existentes. 2008. (Simpósio).
55. O humano entre o direito, a técnica e o mercado. A trajetória do conceito de biopolítica na obra de Michel Foucault. 2008. (Congresso).
56. V Colóquio Foucault. "...o fascismo nosso de cada dia combatei hoje": Foucault e as figuras da biopolítica. 2008. (Congresso).
57. V Colóquio Internacional Michel Foucault. "... o fascismo nosso de cada dia combatei-o hoje. Foucault e as novas figuras da biopolítica". 2008. (Congresso).
58. XIII Colóquio Heidegger: Natureza e realidade virtual.A virtualização da natureza, da realidade e da humanidade no horizonte da tecnologia moderna. 2008. (Simpósio).
59. XIII Encontro Nacional de Pós-Graduação em Filosofia.Historicidade e política em Heidegger: da analítica existencial à decisão política. 2008. (Encontro).
60. Colóquio Internacional Hermenêutica e Arte. Heidegger and the work of art as historical-political event. 2007. (Congresso).
61. I Colóquio Internacional de Filosofia Política. A trajetória do conceito de biopolítica: de Foucault ao século XXI. 2007. (Congresso).
62. I Colóquio Luso-Brasileiro de Fenomenologia. Heidegger e o caráter historical-político da obra de arte. 2007. (Congresso).
63. V Encontro Nacional do Grupo de Trabalho em Filosofia Pós-Metafísica.Hannah Arendt como historiadora pós-metafísica: narrar os fragmentos políticos do passado.. 2007. (Encontro).
64. VI Seminário do Ciclo de Estudos PET - UFPR.Foucault e a biopolítica. 2007. (Encontro).
65. A morte e a origem: Homenagem a Freud e Heidegger. Finitude, singularização e alteridade em Ser e Tempo: do ser para a morte ao ser para o outro. 2006. (Congresso).
66. Direito e Discurso - discursos do direito - UFPR.Hannah Arendt: repensar o direito à luz da política democrática radical. 2006. (Seminário).
67. Hannah Arendt a cien años de su nacimiento. Hannah Arendt y la política radical: más allá de las democracias realmente existentes. 2006. (Congresso).
68. Hannah Arendt and the political. Hannah Arendt's radical politics: beyond actually existing democracies. 2006. (Congresso).
69. Hannah Arendt - as narrativas do poder e a banalidade do mal. Hannah Arendt e a política radical: para além das democracias realmente existentes. 2006. (Congresso).
70. III Congresso da Sociedade Brasileira de Fenomenologia: Bioética, Biotecnologia e Biopolítica - PUC-RGS. Heidegger e Foucault: humanismo, técnica moderna e biopolítica. 2006. (Congresso).
- 71.

O Esclarecimento e a Crise da Modernidade - Filosofia UFPR.Hannah Arendt e a política radical: para além das democracias realmente existentes. 2006. (Simpósio).

72. Simpósio Hannah Arendt - 100 anos. PUC/RJ.Hannah Arendt e a política excêntrica. 2006. (Simpósio).
73. XI Congresso Heidegger. Heidegger e a obra de arte como acontecimento histórico-político. 2006. (Congresso).
74. XII Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF. A política excêntrica: ação e espaço público em Hannah Arendt. 2006. (Congresso).
75. Crítica da Modernidade: diálogos com o Direito - UFPR.Heidegger e a crítica da modernidade. 2005. (Seminário).
76. Tecendo o presente: autores para pensar o século XX - SESC/PR.Hannah Arendt e a crise da política na modernidade. 2005. (Seminário).
77. X Congresso Heidegger - PUC/SP. De uma história a outra: constituição do diagnóstico heideggeriano da modernidade. 2005. (Congresso).
78. Arendt e Heidegger: a ética da exemplaridade subversiva. Éticas da Finitude: Heidegger, Arendt e Levinas - UERJ. 2004. (Congresso).
79. Aula Inaugural do Curso de Filosofia - UFPR.Reflexões sobre a atualidade das idéias de autonomia e liberdade. 2004. (Outra).
80. Colóquio Hannah Arendt e a Condição Humana - UFBA. Hannah Arendt e a biopolítica: a fixação do homem como animal laborans e o problema da violência. 2004. (Congresso).
81. Congresso Internacional Michel Foucault: Perspectivas - UFSC/UESC. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. 2004. (Congresso).
82. Formas de Exclusión de la Esfera Pública.Seminário Internacional Retos de la Democracia en el siglo XXI - Universidad Autónoma de Campeche. 2004. (Seminário).
83. Heidegger y el otro: Ser y Tiempo como una ética postmetafísica.Encontro da Pós-graduação em Filosofia da Universidad Autónoma de Madrid. 2004. (Encontro).
84. IX Colóquio Heidegger - PUC/SP.A natureza devastada: diagnóstico heideggeriano do presente. 2004. (Simpósio).
85. IX Colóquio Heidegger - UNICAMP.A natureza devastada: diagnóstico heideggeriano do presente. 2004. (Simpósio).
86. Congreso de Filosofía Contemporánea - Universidad Autónoma de Guadalajara. Biopolítica y diseminación de la violencia: la crítica de Arendt al presente. 2003. (Congresso).
87. Encuentro Filosófico Valencia - Buenos Aires. Universidad de Valencia.Biopolítica y diseminación de la violencia: la crítica de Arendt al presente. 2003. (Encontro).
88. Hannah Arendts Vortrãgesreihe - Bremen Universität.Biopolitics and the dissemination of violence: Hannah Arendt´s critique of the present. 2003. (Seminário).
89. VIII Congresso Heidegger: Os caminhos da Linguagem - PUC/SP. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. 2003. (Congresso).
90. VIII Congresso Heidegger - UNICAMP. Heidegger e a linguagem: do acolhimento do ser ao acolhimento do outro. 2003. (Congresso).
91. A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt - UFPR. Modernidade, biopolítica e violência: a crítica arendtiana do presente. 2002. (Congresso).
92. Encontro da Pós-Graduação em Filosofia da PUC-RJ.O Pensamento à sombra da ruptura. 2002. (Encontro).
93. VII Colóquio Heidegger: Crítica heideggeriana da ciência moderna - PUC/SP. Ciência Moderna e objetivação do humano: a crítica heideggeriana. 2002. (Congresso).
94. 2o. Congresso Internacional de Fenomenologia e Hermenêutica - PUC/RGS. Heidegger e o Outro: a questão da alteridade em Ser e Tempo. 2001. (Congresso).
95. Colóquio 50 Anos de Origens do Totalitarismo - UFCE. Hannah Arendt e o evento totalitário como cristalização histórica. 2001. (Congresso).
96. Mulheres de Palavra - encontro de filosofia e teologia na PUC-RJ.Hannah Arendt e o pensamento político sob o signo do Amor Mundi.. 2001. (Simpósio).
97. Seminário Internacional Autonomia e Liberdade - Centro Cultural Banco do Brasil//RJ.Autonomia e Liberdade: ainda há tempo?. 2001. (Seminário).
98. 16a. Semana de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas.Foucault à luz de Heidegger: notas sobre o sujeito constituído e o sujeito autônomo. 2000. (Seminário).
99. Colóquio "O conceito de Estado na Filosofia Política Moderna e Contemporânea" - UFPR.Hannah Arendt, Heidegger e Benjamin: crítica da tradição e redescoberta da história.. 2000. (Simpósio).
100. Colóquio Hannah Arendt: tendências e debates.Arendt e a crítica da Modernidade à luz de Heidegger e de Nietzsche. 2000. (Simpósio).
101. Congresso Foucault e Deleuze: o que estamos fazendo de nós mesmos? - UNICAMP. Foucault à luz de Heidegger: notas sobre o sujeito constituído e o sujeito autônomo.. 2000. (Congresso).
102. Hannah Arendt: política y memoria - Goethe Institut Buenos Aires.Hannah Arendt y la crítica de la Modernidad: olvido y redescubrimiento de la política.. 2000. (Simpósio).
103. Simpósio Hannah Arendt: política e memória - PUC/RJ. Hannah Arendt entre Heidegger e Benjamin: crítica da tradição e redescoberta do político. 2000. (Congresso).
104. Simpósio Nacional Hannah Arendt e a questão da política - Unicamp.Hannah Arendt e a Modernidade: esquecimento e redescoberta da política. 2000. (Simpósio).
105. 1o. Congresso Internacional de Fenomenologia e Hermenêutica - PUC/RGS.Por uma Ética da Precariedade: sobre o traço ético de Ser e Tempo. 1999. (Simpósio).
106. Heidegger e o Holocausto: A essência da técnica e as fábricas da morte..IV Simpósio de Hermenêutica - UFSM. 1999. (Simpósio).
107. IV Congresso Heidegger - UNICAMP.Por uma Ética da Precariedade: sobre o traço ético de Ser e Tempo. 1999. (Simpósio).
108. II Congresso Heidegger - UNICAMP. Arendt e Heidegger diante das Fábricas da Morte. 1998. (Congresso).
109. New England Political Science Association - Annual Meeting of the East Section. Hannah Arendt's Approaches to Heidegger. 1996. (Congresso).

110. Seminário de Encerramento do Grupo de Pesquisas - CEBRAP/SP. Origens e Sentidos da questão do Juízo em Hannah Arendt.. 1993. (Seminário).
111. Simpósio Platão e seus Leitores - PUC/RJ. Uma leitura arendtiana de Platão.. 1991. (Simpósio).

Organização de eventos, congressos, exposições e feiras

1. GRUNER, C. ; FONSECA, A. M. ; **DUARTE, A. M.** ; Candiotto, César ; CESAR, M. R. A. . Colóquio Internacional Michel Foucault: 40 anos de Vigiar e Punir. A visibilidade é uma armadilha. 2015. (Congresso).
2. Bodziak, P.E. ; **DUARTE, A. M.** . 50 anos de publicação de The Human Condition, de Hannah Arendt. 2008. (Congresso).
3. **DUARTE, A. M.**. Política e Subversão. 2007. (Congresso).
4. **DUARTE, A. M.**. Congresso Heidegger: 80 anos de publicação de Ser e Tempo. 2007. (Congresso).
5. **DUARTE, A. M.**; LOPREATTO, C. ; MAGALHAES, M. D. B. . A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt. 2002. (Congresso).
6. **DUARTE, A. M.**; FIGUEIREDO, V. ; LIMONGI, M. I. . O conceito de Estado na Filosofia Moderna e Contemporânea. 2000. (Congresso).

Orientações

Orientações e supervisões em andamento

Dissertação de mestrado

1.  Rafael Gomes Braga. Da desolação à destituição do pensar em Hannah Arendt. Início: 2018. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. (Orientador).

Tese de doutorado

1. Mayara Dionísio. A palavra poética e aletheia: as intersecções entre Heidegger e Blanchot. Início: 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. (Orientador).
2.  Carolina Langnor e Sousa Lisboa. Feminismos em linhas de fuga. Início: 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Orientador).
3.  Benjamim Brum Neto. Linguagem, política e ontologia em Giorgio Agamben. Início: 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Orientador).
4.  Cassiana Lopes Stephan. Foucault e Hadot: um debate contemporâneo acerca do si mesmo. Início: 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Orientador).
5.  Valdson Carreiro Silva. Michel Foucault e a genealogia ética: modos de verificação e governo pela verdade. Início: 2015. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. (Orientador).
6.  Tiago Hercílio Baltazar. O lugar da História na Arqueogenealogia de Michel Foucault. Início: 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Orientador).

Iniciação científica

1. Emerson Nogueira de Lima Macedo. Hannah Arendt e as Jornadas de Junho de 2013: Reflexões e questionamentos a respeito da Ação Política.. Início: 2017. Iniciação científica (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (Orientador).

Orientações e supervisões concluídas

Dissertação de mestrado

1.  Benjamin Brum Neto. Soberania e Biopolítica em Giorgio Agamben. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
2.  Renato Alves Aleikseivz. Espaço e poder na reflexão de Foucault: dos dispositivos à governamentalidade. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
3.  Cassiana Lopes Stephan. Michel Foucault e Pierre Hadot: um diálogo contemporâneo sobre a concepção estoica do si mesmo.. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
4.  Valdson Carreiro Silva. A confissão como fio condutor: da sujeição à subjetivação no pensamento de Michel Foucault. 2014. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Andre de Macedo Duarte.

5.  Rodrigo Ponce Santos. Três estudos sobre a tensão entre filosofia e política em Hannah Arendt. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, . Orientador: Andre de Macedo Duarte.
6.  Daniel Verginelli Galantin. Verdade e Subjetividade no pensamento de Michel Foucault: da analítica do poder à genealogia da ética. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
7.  Tiago Hercílio Baltazar. História e diagnóstico na arqueologia de Michel Foucault. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
8. Danielle Cristina Guizzo. A genealogia Foucaultiana da Economia Política Clássica. 2013. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Coorientador: Andre de Macedo Duarte.
9.  Antonio Marcus dos Santos. Nulidade e circularidade na ontologia fundamental de Martin Heidegger: a fenomenologia como hermenêutica. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
10.  Caroline Kelm. Estado e relações de poder no pensamento genealógico de Michel Foucault. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
11.  Thiago Fortes Ribas. Arqueologia, verdade e loucura: considerações sobre o pensamento de Foucault entre 1952-1962. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
12.  João Paulo Simões Vilas Bôas. Nietzsche: niilismo e grande política. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Fundação Araucária do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
13.  André Tezza Consentino. Teoria Crítica da Indústria Cultural: dialética da reavaliação do conceito. 2011. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, . Orientador: Andre de Macedo Duarte.
14.  Estevão Lemos Cruz. Da relação entre Logos e Verdade em Ser e Tempo. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, . Orientador: Andre de Macedo Duarte.
15.  Dulce Mara Gaio. O trágico em Heidegger. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, . Orientador: Andre de Macedo Duarte.
16.  Fernando Rodrigues. Transcendência e Mundo no projeto da ontologia fundamental de Martin Heidegger: sobre o problema da condição de possibilidade do comportamento humano. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
17.  Laura de Borba Moosburguer. A origem da obra de arte de Martin Heidegger: tradução, comentário e notas. 2007. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, . Orientador: Andre de Macedo Duarte.
18.  Roberto Wu. Compreensão e Tradição: a herança heideggeriana na hermenêutica de Gadamer. 2002. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, . Orientador: Andre de Macedo Duarte.

Tese de doutorado

1.  Tiago Hercílio Baltazar. Sexualidade e Metafísica: entre Freud e Reich. 2018. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
2.  Daniel Verginelli Galantin. Experiência e Política no pensamento de Michel Foucault. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
3.  Antonio Marcos dos Santos. Ontologia e Práxis em Ser e Tempo: a interpretação heideggeriana de Aristóteles. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
4.  Rodrigo Ponce Santos. Princípio e Início: a questão da humanidade em Hannah Arendt. 2017. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
5.  Thiago Fortes Ribas. Saber, verdade e política no pensamento de Michel Foucault. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
6.  Marcel Albiero da Silva Santos. Heidegger: História da Metafísica e Antropocentrismo. 2016. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
7. Jamill Cabral Sierra. MARCOS DA VIDA VIÁVEL, MARCAS DA VIDA VIVÍVEL - O governmento da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional LGBT,. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, . Coorientador: Andre de Macedo Duarte.

Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização

1. Ana Carolina Brolo de Almeida. Foucault e a questão da penalização de condutas. 2010. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
2. Letícia dos Anjos. Na distância da loucura. 2004. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.

3. Marilucia Flenik. Hannah Arendt e o sentido da política. 2001. 0 f. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.

Trabalho de conclusão de curso de graduação

1. Cassiana Lopes Stephan. Michel Foucault e Pierre Hadot: sobre a concepção do si mesmo e a amizade. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
2. Marcos Roberto Santos. Análise da crítica habermasiana ao conceito de poder de Hannah Arendt. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
3. Bruno Pontes de Souza. Michel Foucault e o dispositivo da sexualidade. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
4. Sônia Regina de Almeida. Educação e crise em Hannah Arendt. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
5. Claudinei dos Santos Dias. Genealogia da Governamentalidade em Foucault. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
6. Antonio Marcus dos Santos. Ontologia e Hermenêutica em Ser e Tempo. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
7. Francine Mattar Matiewski. Hannah Arendt e a Modernidade. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
8. Patrícia Ussyk. Hannah Arendt e a desobediência civil. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
9. Rodrigo Ponce Santos. Hannah Arendt e a política na modernidade. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
10. Selma Maria Lamas Chiandotti. Hannah Arendt, política e sentimentos: uma crítica das implicações políticas da piedade. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
11. Iara Lúcia Mellegari. Hannah Arendt e o problema dos direitos humanos. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
12. Felipe Guimarães. Hannah Arendt e a política. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
13. Valdineli Ribeiro Martins. Hannah Arendt e a destruição do mundo comum na modernidade. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
14. Thiago Fortes Ribas. Foucault: implicações políticas da noção de verdade na arqueologia. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
15. Nicolau Konkel Junior. Gadamer: Verdade (s)e(m) Método. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
16. Estevão Lemos Cruz. Da Relação entre Abertura, lógos e alétheia em Ser e Tempo. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
17. Ronny Anderson da Silva. Fenomenologia e encobrimento do ser em Ser e Tempo. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
18. Rita de Cassia Nazar. Temporalidade em Ser e Tempo: uma ontologia da finitude. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
19. Edernei Haas. A mundanidade do mundo em Ser e Tempo. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
20. Tania Aparecida Saiki. A desobediência civil em Hannah Arendt. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
21. Gustavo Daher. Conceito de Tradição em Hannah Arendt. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
22. Andrea Tochetto Cardoso. Michel Foucault e o poder disciplinar. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
23. Norma Cecília Pinilla. Sobre os existenciais da propriedade e impropriedade em Ser e Tempo. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
24. Maria da Graça Galloti. A questão da ética e do mal em Hannah Arendt. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
25. Caroline Kelm. O Surgimento da Modernidade em Hannah Arendt. 2001. 0 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
26. Mery Lúcia Salgado Fontoura. Sobre a História da Sexualidade - Michel Foucault. 2000. 0 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
27. Joachim Andrade. A questão da morte em Ser e Tempo. 1999. 0 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
28. Fernanda Tavares Paulino. A questão da angústia em Ser e Tempo. 1999. 0 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
29. Giselle de Oliveira Sanford. A Liberdade em Sartre. 1999. 0 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.

Iniciação científica

1. Luiz Fernando Ferreira Fonseca. Heidegger e a ciência: da abordagem existencial à análise historial. 2015. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
2. Rodrigo Ponce Santos. Hannah Arendt e a questão do trabalho na modernidade. 2010. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.

3. Juliano Fillipini. O conceito de democracia agonística. 2010. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
4. Daniel Verginelli Galantin. Nietzsche: niilismo e política na modernidade. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em História) - Universidade Federal do Paraná, Tesouro Nacional Ufpr. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
5. Paulo Eduardo Bodziak Junior. Hannah Arendt e as limitações da democracia moderna. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
6. Adriano de Oliveira Ruela. Nietzsche e o último homem. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
7. Daniel Verginelli Gallantin. Nietzsche: a política sob o signo do niilismo. 2009. Iniciação Científica. (Graduando em História) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
8. Thiago Fortes Ribas. Foucault: implicações políticas da noção de verdade na arqueologia. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Tesouro Nacional Ufpr. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
9. Paulo Eduardo Bodziak. Hannah Arendt e as limitações da democracia. 2008. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
10. Rodolfo Brandão de Proença Jaruga. A determinação existencial da decadência do Dasein. 2007. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
11. Bruno Santos Alexandre. Sobre o problema da co-pertença entre ser e nada em Heidegger. 2006. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
12. Estevão Lemos Cruz. Análise dos existenciais da abertura do ser-aí. 2006. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Tesouro Nacional Ufpr. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
13. Ronny Anderson de Oliveira Silva. Sobre a questão do encobrimento do ser na analítica existencial. 2006. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
14. Rodolfo Brandão de Proença Jaruga. História, Modernidade e Temporalidade em Arendt e Heidegger. 2005. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
15. Alexandre Chueire Neto. A questão do Sujeito em Foucault. 2000. 0 f. Iniciação Científica. (Graduando em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Tesouro Nacional Ufpr. Orientador: Andre de Macedo Duarte.

Orientações de outra natureza

1. Heloísa Helena Schmaedcke. Hannah Arendt: política e violência. 2008. Orientação de outra natureza. (Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.
2. João Paulo Simões Vilas Bôas. Nietzsche e Kafka: a questão do niilismo. 2008. Orientação de outra natureza. (Filosofia) - Universidade Federal do Paraná. Orientador: Andre de Macedo Duarte.

Outras informações relevantes

Para ter acesso a alguns de meus textos em formato PDF consulte http://works.bepress.com/andre_duarte/ e também www.andreduarte.academia.edu Diretor da Agência UFPR Internacional entre 2017-2020. Professor Convidado na Université de Lille 3 no período entre Janeiro e Fevereiro de 2017. Participação na Comissão de Avaliação da Pós-Graduação em Filosofia (CAPES) entre Novembro de 2007 e Julho de 2009. Financiamento da CAPES - bolsa de pós-doutoramento na Université de Paris VII Denis Diderot entre Setembro de 2011 e Junho de 2012. Bolsa CAPES para pós-doutoramento na Universidad de Barcelona, entre outubro de 2002 e agosto de 2003.